

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**ANNIE RANGEL KOPANAKIS**

**CHUTEIRAS NOVAS PARA PÉS DESCALÇOS: IMAGINÁRIO COLETIVO DE  
JOVENS FUTEBOLISTAS**

**CAMPINAS**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**ANNIE RANGEL KOPANAKIS**

**CHUTEIRAS NOVAS PARA PÉS DESCALÇOS: IMAGINÁRIO COLETIVO DE  
JOVENS FUTEBOLISTAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

369.4  
K83c

Kopanakis, Annie Rangel

Chuteiras novas para pés descalços: imaginário coletivo de jovens futebolistas /  
Annie Rangel Kopanakis. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

216 f.: il.

Orientador: Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas,  
2022.

Inclui bibliografia.

1. Juventude. 2. Futebol - Formação profissional. 3. Psicologia Clínica. I. Aiello-  
Vaisberg, Tânia Maria José. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro  
de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 369.4

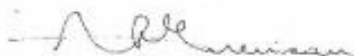
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA  
ANNIE RANGEL KOPANAKIS  
CHUTEIRAS NOVAS PARA PÉS DESCALÇOS: IMAGINÁRIO COLETIVO DE  
JOVENS FUTEBOLISTAS

Tese defendida e aprovada em 22 de fevereiro de 2022  
pela comissão examinadora



---

Profa. Dra. Vera Engler Cury  
Presidente da comissão examinadora  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
(PUC-Campinas)



---

Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
(PUC-Campinas)



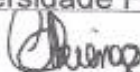
---

Profa. Dra. Heloisa Aparecida de Souza  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
(PUC-Campinas)



---

Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



---

Prof. Dr. Carlos Rogério Thiengo  
CBF Academy

*Para Caíque André  
Oliveira Sá (2004-2021)*

## **Agradecimentos**

As linhas desta tese estão entretecidas no trabalho e apoio de muitas pessoas que colaboraram ao longo dos quatro anos dedicados a esta produção de conhecimento, para as quais registro especiais agradecimentos.

A todos os participantes que colaboraram para a realização desse estudo e aos jovens atletas que me permitem compartilhar de suas vidas, angustias e sonhos.

À querida Professora e Livre Docente, Tania Aiello-Vaisberg, educadora sábia, criativa e exigente, por quem nutro grande admiração e conduziu essa jornada de doutoramento de modo que eu pudesse me tornar uma melhor pesquisadora, psicóloga e pessoa.

Aos meus colegas do grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção” pela colaboração fundamental à realização deste trabalho: Débora de Oliveira, Marina Zavaglia, Bruna Battoni, Gisele Inacarato, Ana Letícia Rodrigues, Cristiane Simões, Tomíris Barcelos e, sobretudo, ao Gustavo Renan de Almeida da Silva, com quem dividi reflexões críticas instigantes e pude contar com muito apoio, parceria e dedicação que foram de suma importância para a realização desta tese.

Às minhas amigas e colegas pesquisadoras, Débora, Marina, Bruna e Tomíris, por nutrirem esse processo com afeto e amizade.

Às Professoras Doutoras, Vera Engler Cury e Suely Galo Belluzzo pela rica contribuição que fizeram a esse trabalho no momento da qualificação.

À Professora Doutora Vera Lúcia Trevisan, pelas aulas estimulantes e críticas ministradas durante o curso de doutorado, que tanto contribuíram para minha formação.

Ao Professor Doutor Carlos Thiengo, pelas ricas contribuições a esse trabalho e ao mundo futebolístico.

Agradeço à Elaine de Oliveira e Maria Amélia Gonçalves, secretárias do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, sempre disponíveis e colaborativas.

À Ferroviária S/A, instituição que ao longo desses seis anos transformou-se em uma casa e permitiu que, em seu espaço, eu desempenhasse mais uma função, a de pesquisadora.

Aos gestores da Ferroviária S/A, Pedro Martins, Roque Júnior, Roberto Braga, Bruno Pessotti, Humberto Boschiero e Ana Lorena Marchi, por incentivarem e apoiarem essa pesquisa, mas, principalmente, por conduzirem o trabalho no futebol com os mais arraigados valores humanos, críticos, éticos e responsáveis.

Ao Maurício Pedro, Vinicius Munhoz, Murilo Morbi, Nuéli Silveira, e Rafaela Esteves, grandes amigos e amigas que o trabalho trouxe para minha vida e que acompanharam de forma incentivadora e participativa todo esse processo.

À psicóloga Taís Rios e à assistente social Priscila Almeida, que realizam um trabalho cheio de profissionalismo, competência e amor e, junto a mim, compõem o Departamento de Desenvolvimento Humano da Ferroviária, onde

dividimos todo o serviço de atenção psicossocial do clube onde desenvolvi esse estudo.

Ao Gabriel Puopolo de Almeida, por iluminar o caminho na Psicologia do Esporte com grandes ensinamentos.

Aos amigos que trazem tantos sentimentos bons à minha vida e foram essenciais em toda essa jornada, Luciana, Natalia, Felipe, Geovanna, Luiz, Paola e Diogo.

Ao meu alicerce maior, meus pais, Alexandre e Carmen, cujo apoio incondicional, incentivo e amor são a grande sustentação para tudo que realizo na vida. Gratidão por sempre valorizarem o conhecimento e me criarem num ambiente cheio de criticidade, criatividade e bons valores humanos.

Aos meus irmãos Felipe e Carla, e também, à minha cunhada-irmã Daiane, por serem uma fonte inesgotável de amor, torcida e as pessoas com quem sempre posso contar.

Ao meu grande companheiro de vida, Paulo Victor, pelo apoio, compreensão e incentivo durante os quatro anos em que vivo jornadas múltiplas de trabalho e por dividir comigo, de forma justa, todas as tarefas que os cuidados de uma casa e uma família requerem, de modo que eu possa ser uma mulher que trabalha, estuda e produz ciência.

Ao meu tio Adriano Henriques, *in memoriam*, por ser fonte terna de amor durante toda a minha vida e que, certamente, celebraria essa realização.

À CAPES, pelo apoio financeiro fundamental para realização deste estudo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de



Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de  
Financiamento 001.

No fundo desse país  
Ao longo das avenidas  
Nos campos de terra e grama  
Brasil só é futebol

Nesses noventa minutos  
De emoção e alegria  
Esqueço a casa e o trabalho  
A vida fica lá fora

A cama fica lá fora  
A cara fica lá fora  
A fome fica lá fora  
A briga fica lá fora

A cama fica lá fora  
A festa fica lá fora  
O tempo fica lá fora  
O homem fica lá fora

A conta fica lá fora  
E tudo fica lá fora  
A cama fica lá fora...

Milton Nascimento e Fernando  
Brant

(em Aqui é o país do futebol)

## RESUMO

Kopanakis, A. R. (2022). *Chuteiras novas para pés descalços: imaginário coletivo de jovens futebolistas*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, Brasil. 215p.

O presente estudo tem como objetivo investigar o imaginário coletivo de jovens meninos, em processo de formação futebolística, sobre a vida do jogador de futebol. Justifica-se como produção de conhecimento relevante para o acompanhamento psicológico daqueles que, fazendo parte da população masculina da classe subalternizada, em transição para a vida adulta, inserem-se em categorias de formação do futebol. Adotando a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, foram considerados dois tipos de materiais de pesquisa: 1) 22 desenhos-estórias produzidos durante uma sessão de atendimento grupal e 2) uma narrativa transferencial elaborada pela pesquisadora. Numa primeira fase, ambos os materiais foram considerados à luz do método psicanalítico, com vistas a produzir interpretativamente campos de sentido emocional ou inconscientes intersubjetivos. Na segunda fase, os mesmos materiais foram considerados à luz de uma leitura crítica, dialeticamente informada, da realidade social. Como um todo, o trabalho metodológico permitiu a produção interpretativa de quatro campos de sentido afetivo-emocional, denominados: “Trabalho dos sonhos”, “Superando a pobreza”, “Esforço individual como chave do sucesso” e “Coisa de homem” e de quatro campos ambientais denominados: “Embuste meritocrático”, “Trabalho como esforço humano”, “Capitalismo cisheteropatriarcal” e “Esfera ontológica socio-humana”. O quadro geral indica que o imaginário dos participantes tanto contém o reconhecimento do potencial transformador inerente ao trabalho humano, que se alinha com a busca de realização dos próprios sonhos, como se deixa contaminar por imposturas meritocráticas e cisheteropatriarcais, que contribuem para a geração de dissociações e de sofrimentos sociais.

Palavras-chave: Juventude, Futebol de Formação, Atenção Psicológica Clínica, Profissionalização, Sofrimentos Sociais

## ABSTRACT

Kopanakis, A. R. (2022). New Soccer cleats in barefoot: the collective imaginary of junior athletes (Doctoral thesis). Pontifícia Universidade Católica of Campinas, Centro de Ciências da Vida (Life Science Center), Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Post Graduation Program in Psychology), Campinas, Brazil. 215p.

This study aims to investigate the collective imaginary of young boys, in the process of soccer training, concerning the life of a soccer player. The research is justified in producing pertinent knowledge to provide psychological support to those who, as part of the male population from a subalternized class, in transition to adulthood, are involved in soccer training categories. Adopting the perspective of concrete psychoanalytical psychology, two types of research materials were considered: 1) 22 story-drawings produced during a group support session and 2) a transference narrative developed by the researcher. Initially, both materials were considered in the light of the psychoanalytical method, in order to interpretatively produce intersubjective emotional or unconscious fields of meaning. In the second phase, the same materials were considered from a dialectically informed critical reading of social reality. As a whole, the methodological work enabled the interpretative production of four affective-emotional fields of meaning, called "Dream work," "Overcoming poverty," "Individual Effort as the Key to Success," and "A Man's Thing," and four environmental fields called "Meritocratic Hoax," "Work as Human Effort," "Cisheteropatriarchal Capitalism," and "Socio-Human Ontological Sphere." The general scenario indicates that the participants' imaginary contains both the recognition of the transformative potential inherent to human work, which is aligned with the pursuit of achieving one's dreams, while also being contaminated by meritocratic and cisheteropatriarchal pretenses, which contribute to the generation of dissociations and social suffering.

Keywords: Youth, Soccer Academy Training, Clinical Psychological Care, Professionalization, Social Suffering

## RESUMEN

Kopanakis, A. R. (2022). Nuevas botas de fútbol para pies descalzos: imaginario colectivo de jóvenes futbolistas. (Tesis de Doctorado). Pontificia Universidad Católica de Campinas, Centro de Ciencias de la Vida, Programa de Posgraduación en Psicología, Campinas, Brasil. 215p.

El presente estudio tiene por objetivo investigar el imaginario colectivo de los jóvenes niños, en proceso de formación futbolística, a cerca de la vida de un jugador de fútbol. Se lo justifica como producción de conocimiento relevante para el acompañamiento psicológico de aquellos que, haciendo parte de la población masculina de clase subalternizada, en transición para la vida adulta, se lo insertan en categorías de la formación del fútbol. Adoptando la perspectiva de la psicología psicanalítica concreta, fueron considerados dos tipos de materiales de pesquisa: 1) 22 dibujos-historias producidos durante una sesión de atendimento grupal e 2) una narrativa transferencial elaborada por la investigadora. En una primera fase, ambos los materiales fueron considerados a la luz del método psicoanalítico, con vistas a producir interpretativamente los campos de sentido emocional o inconscientes intersubjetivo. En la segunda fase, los mismos materiales fueron considerados a la luz de una lectura crítica, dialécticamente informada de la realidad social. Como un todo, el trabajo metodológico permitió la producción interpretativa de cuatro campos de sentido afectivo- emocional, denominados: " Trabajo de los sueños", " superando la pobreza", " Esfuerzo individual como la llave del suceso" y " Cosa de hombre". " Embuste meritocrático", y de los cuatro campos ambientales denominados: " Trabajo como el esfuerzo humano", "Capitalismo cisheteropatriarcal" y " Esfera ontológica socio-humana". El cuadro general indica que el imaginario de los participantes tanto contiene el reconocimiento del potencial transformador inherente al trabajo humano, que se alinea con la busca de las realizaciones de los propios sueños, como se lo deja contaminar por imposturas meritocráticas y cisheteropatriarcales, que contribuyen para la generación de disociaciones y de sufrimientos sociales.

Palabras-clave: Juventude, Fútbol de Formación, Atención psicológica Clínica, Profesionalización, Sufrimientos Sociales

## Sumário

Carta ao Leitor.....	12
Apresentação .....	23
<b>Capítulo 1. O Problema de Pesquisa .....</b>	<b>32</b>
A Transição para a Vida Adulta de Meninos de Classes Subalternizadas. 34	
Vida e Trajetória do Jovem em Processo de Formação no Futebol .....	45
<b>Capítulo 2. Fundamentos e Procedimentos Metodológicos .....</b>	<b>57</b>
A Psicologia Psicanalítica Concreta.....	59
Sofrimentos Sociais .....	73
Procedimentos Investigativos de Pesquisa .....	76
<b>Capítulo 3. Apresentação do Material de Pesquisa.....</b>	<b>85</b>
Caracterização dos Participantes da Pesquisa.....	86
A Narrativa Transferencial .....	93
Desenhos-Estórias.....	98
<b>Capítulo 4. Campos de Sentido Afetivo-Emocional e Campos Ambientais... 131</b>	
Campos de Sentido Afetivo-emocional .....	132
Campo Ambiental .....	137
<b>Capítulo 5. Dramáticas Conscientes e Campos de Sentido.....</b>	<b>139</b>
Trabalho dos Sonhos .....	142
Superando a Pobreza .....	150
Esforço Individual como Chave do Sucesso .....	154
Coisa de Homem .....	157
Campos Ambientais Como Contextos Macrossociais.....	159
Futebol de Formação e Sofrimentos Sociais .....	166
Considerações Finais.....	171
Referências .....	178
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa .....	205
Anexo B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido .....	208
Anexo C – Imagens .....	214

## Carta ao Leitor<sup>1</sup>

*O interesse em estudar o imaginário coletivo de jovens atletas, em processo de formação profissionalizante, como futebolistas, a partir da psicologia psicanalítica concreta, harmoniza-se com o fato de que o cuidado emocional de adolescentes e jovens adultos têm ocupado importante espaço da minha prática profissional como psicóloga. Além disso, encontra-se facilitado pelo fato de estar inserida como psicóloga num clube de futebol do interior paulista, que mantém categorias de formação. Uma breve retomada da trajetória que tenho percorrido pode ser esclarecedora acerca do modo singular e, ao mesmo tempo, compartilhado com os demais integrantes do Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”<sup>2</sup>, em que cheguei à proposição e elaboração da investigação ao redor da qual foi tecida essa tese de doutorado.*

*A experiência de trabalho em contexto institucional, como o que temos desenvolvido, à luz da psicologia psicanalítica concreta, que tem nos ensinamentos de J. Bleger e D.W. Winnicott seus principais pilares, demonstra que a psicologia provê benefícios psicoprofiláticos essenciais quando opera no sentido de favorecer a criação de ambientes propícios ao amadurecimento humano. O conjunto da obra winnicottiana revelam que o desenvolvimento do potencial individual depende, diretamente, de condições ambientais vigentes.*

---

<sup>1</sup> O leitor notará que, pelo seu próprio caráter, essa Carta está escrita na primeira pessoa do singular. Na tese propriamente dita usamos a primeira pessoa do plural porque retrata o fato de trabalharmos coletivamente, como esperamos deixar claro, ainda que a responsabilidade pela produção seja assumida pela autora, pela orientadora e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

<sup>2</sup> Esse Grupo de Pesquisa comporta três subgrupos coordenados, respectivamente, pelas Professoras Vera Engler Cury, Tania Aiello-Vaisberg e Tania Mara Marques Granato.

*Contudo, o psicanalista inglês pensou o ambiente, fundamentalmente, em termos de dinâmica familiar e dos chamados laços primários. O título de um de seus livros é, nesse sentido, muito revelador: “Tudo começa em casa” (Winnicott, 1971/1999). Desse modo, rompeu com um paradigma, anteriormente vigente, na escola britânica, de acordo com o qual singularidades da interioridade psíquica individual implicavam a base da constituição subjetiva, para considerar que a subjetividade se plasmava no encontro inter-humano, derivada de interações concretas, que incluem experiências vividas pelo bebê antes mesmo que esse se conceba como uma unidade existencial separada do mundo.*

*Entretanto, é importante sublinhar que ampliamos, nesta tese, a concepção winnicottiana de ambiente, porque a família nuclear está inevitavelmente inserida na sociedade. Assim, sem desprezar a importância do ambiente familiar, temos reposicionado nossa relação com a obra winnicottiana, por meio de um posicionamento teórico-metodológico que se firma à psicologia psicanalítica concreta, proposta por Bleger (1963/2018), leitor de Politzer (1928/2004), de que a família nuclear e a maternidade são criações culturais que se inserem em contextos macrosociais. O lar daquele que era um menino inglês que morava em Londres, nos anos sessenta, decididamente não é o mesmo do jovem brasileiro que vive numa cidade do interior paranaense nos dias atuais.*

*Assim, é importante esclarecer que minha trajetória, como psicóloga, tem sido pautada num contínuo intercâmbio com o pensamento winnicottiano, relativo à lembrança constante, que minha prática institucional diária reafirma, frequentemente, de que a noção de ambiente humano deve ser radicalmente*



*estendida, incluindo o país em que vivemos, bem como as condições de classe, gênero, cultura, entre outras.*

*Ainda profundamente inspiradas na obra de D.W. Winnicott, sempre delicada, sensível e maximamente próxima ao acontecer humano, no plano teórico, recorreremos à chamada psicologia concreta e institucional, defendida pelo psicanalista argentino José Bleger, para iluminar um campo de atuação profissional. Nesse sentido, é fundamental ressaltar que, como ensina Aiello-Vaisberg (2004;2014; 2017), a partir de bases ontológicas, antropológicas, epistemológicas e psicopatológicas bastante precisas e alinhadas à filosofia dialética, Bleger (1958/1988; 1963/2018; 1966/1992) lançou as bases de uma clínica que deixa de se confinar nos consultórios privados para se espriar em instituições e a comunidades, cultivando grande proximidade em relação aos dramas humanos e sociais (Aiello-Vaisberg, 2014).*

*Concebendo o psicólogo como verdadeiro agente de saúde mental pública, Bleger (1958/1988; 1963/2018; 1966/1992) demonstrou um posicionamento ideológico que revelava um psicanalista profundamente preocupado com o as injustiças sociais e com o que denominamos sofrimentos sociais. Essa inquietação de cunho social levou-o a explicitar, de modo excepcionalmente didático, uma articulação entre a psicanálise e o materialismo dialético, de modo a fundamentar uma psicologia psicanalítica concreta, intersubjetiva e, radicalmente, humanista, cujos conceitos principais apresentaremos no capítulo metodológico desta tese. Essa abordagem se presta bem à atuação dos psicólogos em instituições:*

A psicologia institucional não é um ramo da psicologia aplicada, mas sim um campo da psicologia, que pode significar e si mesmo um avanço extraordinário tanto na investigação como no desenvolvimento da psicologia como profissão. Para dizê-lo de outra maneira, penso que não se pode ser psicólogo se não se é, ao mesmo tempo, um investigador dos fenômenos que se querem modificar e não se pode ser investigador se não se extraem os problemas da própria prática e da realidade social que está vivendo<sup>3</sup> em um dado momento, ainda que transitoriamente e por razões metodológicas da investigação isolem-se momentos do processo total (Bleger, 1992/1966, p. 33)<sup>4</sup>.

*Parece-me relevante lembrar que aqueles que, como eu, aceitam a visão concreta, não se especializam, como outros profissionais, neste ou naquele tipo de prática, mas adotam um posicionamento teórico, clínico, metodológico e ético-político, que se mantém norteador da atuação profissional seja qual for a instituição em que me encontre inserida. Assim, quando graduada, deparei-me com a possibilidade de trabalhar num clube de futebol profissional. Entendi que estava diante de uma oportunidade de colocar em prática a potencialidade mutativa da minha abordagem. Pensei, assim, que poderia desenvolver uma psicologia do esporte que abarcasse o acontecer humano nessas instituições, provendo um olhar devidamente atento a cuidados, manejos e intervenções que favorecessem a saúde mental e o desenvolvimento de capacidades das*

---

<sup>3</sup> Os grifos são meus.

<sup>4</sup> Essa citação foi retirada da edição brasileira do livro.

*peessoas, que são potenciais cuja realização demanda condições macrossociais concretas.*<sup>5</sup>

*Esperando que possa ser útil para outras pessoas, compartilho algumas considerações sobre a vertente teórico-metodológica que adoto nesta tese, não a partir de um vértice apenas conceitual, mas sim como experiência pessoal, biográfica, concreta. Assim, apoio-me no conceito de Esquema Conceitual Referencial Operativo-ECRO, formulado por Pichon-Rivière (1970/2005), o mestre a quem Bleger (1963/2018) dedicou a obra *Psicologia de La Conducta*. Sublinho, de saída, que se trata de uma perspectiva, de um ECRO, na qual não se dissociam a pesquisa e a atuação clínica, o que deixa nosso Grupo de Pesquisa particularmente confortável no que diz respeito à área de concentração *Psicologia como Profissão e Ciência*, do Programa de Pós-Graduação em *Psicologia da PUC - Campinas*.*

*Tive contato com esse modo de trabalhar, que, imediatamente, encontrou ressonâncias afetivas no meu estilo pessoal, durante a graduação, quando recebi a supervisão clínica da professora Tania Aiello-Vaisberg. Toda a formação universitária anterior, na PUC - Campinas, preparou-me para esse encontro, mas posso identificá-lo como um evento que se imprimiu, na minha trajetória, como decisivo em muitos aspectos fundamentais.*

*Assim, no contexto das supervisões clínicas dos atendimentos que realizei no último ano da faculdade, fui apresentada ao chamado *Estilo Clínico**

---

<sup>5</sup> Silvio Almeida (2021) abordou, de modo lúcido e crítico, questão do enaltecimento do atleta que vence competições sem contar com apoios fundamentais —o que, muitas vezes, é usado como argumento meritocrático que diminui a responsabilidade da sociedade e do Estado em relação ao setor esportivo. Não há dúvida de que se trata de uma falácia porque afeta a possibilidade de sustentabilidade do processo de desenvolvimento de uma importante área da atividade humana.

*Ser e Fazer, criado pela professora supracitada, em parceria com seus muitos orientandos, inicialmente na Universidade de São Paulo – USP e, em continuidade, na sua carreira na PUC – Campinas. Dessa maneira, pude entender o profundo significado de uma ideia clínica central de Winnicott (1983/1979;1984/1971), que nos exorta a “sermos psicanalistas fazendo outra coisa, mais apropriada nesta ou naquela situação clínica”<sup>6</sup>. Com essa visão, o autor identificava duas alternativas a serem escolhidas pelos psicanalistas: praticar a psicanálise padrão, de acordo com moldes freudianamente estabelecidos, ou usar o conhecimento psicológico, psicanaliticamente orientado, de modo paradoxalmente rigoroso e criativo, para atuar conforme as necessidades de cada situação. Esse posicionamento gerou em mim forte entusiasmo na medida em que sinalizava a possibilidade de articular conhecimento confiável, criatividade pessoal e reconhecimento de que o sofrimento emocional ocorre em diferentes situações concretas, não atingindo, apenas, pessoas que podem custear psicoterapias individuais em consultórios particulares em busca de alívio ou autoconhecimento.<sup>7</sup>*

*Quando mergulhamos na teoria winnicottiana, importante referência, que me pareceu plena de sentido, não tive dificuldade em reconhecer que a saúde mental está intimamente relacionada à possibilidade humana de agir e criar a partir da fidelidade espontânea ao chamado self verdadeiro, que repudia submissão, mas inclui consideração pelo outro humano. Já quando*

---

<sup>6</sup> Essa ideia, que aqui parafraseio, é expressa muitas vezes no texto winnicottiano, mas está especialmente clara, num tom singularmente informal: Winnicott, 1983/ 1979, p.155.

<sup>7</sup> No livro *Natureza Humana*, postumamente publicado, Winnicott (1990b/1988) distingue dois tipos de paciente: 1) aquele que busca autoconhecimento, porque tem pouca esperança de viver de modo genuíno e autêntico e 2) aquele que busca se tornar vivo e real.

*experimentamos esse sentido em nós mesmos, enquanto psicólogas, sentimos a necessidade de expandi-lo para mais pessoas, tamanho seu benefício psicoterapêutico. Essa postura favorece gestos espontâneos, vale dizer, criar, imaginar, “ser e fazer”, que são fenômenos do acontecer humano, quando este pode ser inteiro e autêntico, conforme uma postura que auxilia pessoas a serem elas mesmas, no sentido da teoria winnicottiana e na perspectiva do desenvolvimento e amadurecimento humano durante a vida.*

*À primeira vista, quando estabelecemos como objetivo favorecer espontaneidade e criatividade, podemos não nos dar conta de que seu alcance demanda o desenvolvimento de uma perspectiva crítica aos contextos macrossociais, que incluem os fenômenos estruturais da opressão feminina, do racismo, da homolebotransfobia, da pobreza e da desigualdade social, pois poderíamos nos limitar a cuidar de uma elite com alto poder aquisitivo —, pois também vicejam sofrimentos em relação a esta. Contudo, vivermos num país onde as desigualdades são praticamente abissais, sensibiliza-nos em relação aos sofrimentos sociais, principalmente porque a psicologia, como categoria profissional, mantém, em nosso país, forte compromisso com a luta contra a injustiça social e a defesa de valores humanistas e democráticos. Esse cenário apontou, sem gerar dúvidas importantes, que uma aproximação entre o estilo winnicottiano e as propostas de Bleger (1963/2018) poderiam fornecer uma fundamentação fecunda para a atuação do psicólogo preocupado com sofrimentos sociais.*

*Por outro lado, o pensamento winnicottiano, muito colado ao concreto da vida e da clínica, não ofereceu resistências contra a ampliação da noção de ambiente que as teorizações blegerianas exigem. Assim, podemos afirmar, sem*

*hesitação, que D.W.Winnicott (1958/2000;1979/1983; 1971/1975) deixou aberta uma via que permite entender que o modo como se encontra hoje organizado o capitalismo neoliberal facilita violências contra o self (Aiello-Vaisberg, 2017), cumprindo salientar que as lutas por transformações da sociedade, focadas em aspectos estruturais, não dispensam cuidados psicológicos sensíveis e respeitosos. Na minha atuação, que é atenção psicológica em instituição esportiva, tenho, felizmente, encontrado condições de um exercício profissional altamente exigente, mas bastante compensador, na medida em que propicia benefícios visíveis que favorecem o processo de amadurecimento das pessoas, que as prepara tanto para relações mais saudáveis como para a percepção mais lúcida sobre a realidade social.*

*No contexto dessa psicologia do esporte que pratico, fundada no estilo clínico Ser e Fazer, situações novas e inesperadas, que requerem manejo clínico, humano, ético e adequado às circunstâncias, apresentam-se continuamente. Não se resolvem com protocolos, que seguem moldes pré-formatados, pois se configuram como um “mar de possibilidades<sup>8</sup>” que é existir e ser no mundo real. Foi assim que me encontrei comigo mesma enquanto psicóloga, reconhecendo, através do olhar sensível e didático da professora Tânia, que o encontro entre as subjetividades humanas é uma caixa de surpresas de onde podem surgir muitas possibilidades de intervenções e*

---

<sup>8</sup> Lembro aqui de Joyce e McDougall (1989) referindo-se aos desafios próprios do “mar das proibições”, que caracterizaria o mundo neurótico; e do mar das impossibilidades, próprio do mundo psicótico — mas quero destacar nesta tese, com muita ênfase, a importância do que designo como “mar das possibilidades”, que podem se realizar ou serem sufocadas com violência. A meu ver, o referencial da Psicologia Psicanalítica Concreta, articulando-se desde seu âmago com o pensamento winnicottiano, lança-nos e nos incentiva a cuidar das possibilidades, cuja não realização é perda simultaneamente individual e coletiva, que um humanismo radical combate com tenacidade.

*pesquisas psicológicas. Nesse cenário, materialidades mediadoras como tintas, papéis, lápis, fantoches, arte, música e demais produções humanas, são bem-vindas, em virtude de favorecerem a livre expressão e, em dados momentos, surgirem como recursos brincantes, interventivos e, por que não dizer, inesperados. É como termos um pincel na caixa de ferramentas que nos é entregue na formação como psicólogos. Nesse momento, eu pude ser eu mesma enquanto uma futura psicóloga em formação e essa sensação é inesquecível, assim como a tinta fresca que é vista, por alguns, como algo que suja as mãos, os objetos e a sala, mas se apresentadas, para o meu paciente, são como possibilidade de expressão, comunicação e terapia. Para mim, era o começo de um futuro como uma psicóloga/psicanalista que faz outra coisa. Como se as coisas passassem a se encaixar, como se eu me instalasse em mim mesma, porque a professora me enxergou, apoiou e até mesmo brincou com uma parte de mim, que é especialmente voltada às manifestações artísticas. Percebi, também, que, quando propiciamos holding, sustentação e olhar de crédito (e isso pode ser feito de diversas maneiras), encontros genuínos podem ir acontecendo, em direção à manifestação do verdadeiro self, de realizações e desenvolvimentos de capacidades criativas. Ainda digo que, podendo ser eu mesma, velejar por um processo de formação com a seriedade, exigência e perspicácia docente da professora Tânia foi um bom divisor de águas, cujos novos rios agora desembocam na minha atuação profissional e nesta Tese — porque, não custa lembrar, nosso modo de pesquisar e de atuar seguem as mesmas diretrizes.*

*De tal modo, as leituras que fundamentam e abrangem o estilo clínico Ser e Fazer — que prevê que tanto a atuação como a pesquisa se realizem em*

*enquadres diferenciados de caráter transicional (Mencarelli, Baptista & Aiello-Vaisberg, 2017), ou seja, como “encontros brincantes” (Ambrósio, Correa & Aiello-Vaisberg, 2000) — acompanham-me ao longo dos anos, desde então recorria a elas como uma forma de autorização quando sentia a necessidade de ser uma psicanalista fazendo outra coisa. Assim, fomos tantas coisas e seremos outras tantas, por meio desse encontro, tão sublime, que se dá entre as subjetividades humanas quando elas contam com um espaço propício para virem à tona e encontrarem suas formas de ser, estar e curar no mundo.*

*Logo, o método deste estudo foi escolhido pelo seu potencial de produção de conhecimento compreensivo sobre a vida humana concreta, conferindo aos jovens, aqui estudados, uma participação ativa e criativa nesse processo. Voltamo-nos para a produção de conhecimento sobre a vida de atletas de futebol, focalizando pessoas em processo de formação profissional, considerando que o futebol é muito importante em nosso país. Desse modo, abalizamos este trabalho como estudo que envolve minha atuação na psicologia, praticada no contexto esportivo, que tem como responsabilidade intervenções de cunho psicofilático, psicoterapêutico e de desenvolvimento de capacidades esportivas, num Ser e Fazer que envolve a pesquisa como produção e a divulgação de conhecimento sobre o humano.*

*É assim que pretendo, por meio do presente estudo, contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre o imaginário de atletas, que possa nos levar a um entendimento mais claro a respeito de suas motivações e expectativas pessoais. Esse tipo de conhecimento poderá servir de subsídio para a futura proposição de acompanhamento psicológico que favoreça o estabelecimento de vínculos saudáveis com a atividade profissional. Mas essa*



*não é nossa única aspiração, pois, apesar de estar atuando e investigando cientificamente, um contexto singular, uma escuta atenta ao imaginário estudado pode nos ensinar muito sobre o que é transitar para a vida adulta no Brasil contemporâneo, na medida em que o mundo do futebol, provavelmente espelha lutas, desafios, sofrimentos, contradições mas também esforço, dedicação e um sentido forte de esperança a respeito do futuro, não apenas dos futebolistas, mas da juventude brasileira proveniente das camadas subalternizadas da população. Assim, provavelmente possamos contribuir com os esforços daqueles que, pensando o futuro como categoria ético-política fundamental, dedicam-se ao cuidado e acompanhamento das novas gerações.*

## Apresentação

A pesquisa empírica, de caráter qualitativo, em torno da qual elaboramos essa tese de doutorado, tem como objetivo estudar o imaginário coletivo de futebolistas em formação sobre o jogador de futebol. Como todo objetivo investigativo, esta busca produzir conhecimento que possa contribuir para solucionar um problema de pesquisa que, no campo das ciências humanas compreensivas, estará sempre caracterizado por uma evidente complexidade. No presente caso, o problema de pesquisa em pauta, trata-se dos efeitos subjetivos da transição para a vida adulta, experienciados por indivíduos pertencentes às classes subalternizadas, vivendo inúmeras formas de carência, que impactam tanto a vida presente como a vida futura.

Focando a atividade futebolística, julgamos importante destacar que, independentemente do fato desse esporte corresponder a uma atividade que, por suas próprias características transicionais e simbólicas, exerce um certo fascínio sobre indivíduos e coletivos humanos, parece bem estabelecida a percepção de que este é frequentemente cogitado como caminho para ascensão social<sup>9</sup>, como mostram, por exemplo, as pesquisas de Vieira (2001), Teixeira (2012) e Mandel (2016)<sup>10</sup>. Vemos, portanto, que a motivação pela busca de

---

<sup>9</sup> Cabe lembrar que, em geral, a ascensão social, concebida como esforço individual, torna-se possível no momento de inserção no mundo laboral. Contudo, lembramos que muitas famílias buscam ascender por meio da colocação dos filhos no mundo artístico ou publicitário, com o mesmo objetivo, o que move todo um ramo de atividades de busca e preparo de novos talentos. Também são numerosas, atualmente, crianças e adolescentes que trabalham como *youtubbers*, buscando projeção e sucesso profissional.

<sup>10</sup> Recomendamos, ao leitor desejoso de uma aproximação transicional concreta do problema de pesquisa, uma obra cinematográfica brasileira, “Linha de Passe”, dirigida por Walter Salles e Daniela Thomas (2008) e pesquisada por Montezi et al (2013). Esse filme aborda, de forma simultaneamente realista e poética, opções profissionais e pessoais da transição para a vida adulta de irmãos de uma família brasileira matrilinear em situação de precariedade socioeconômica.

formação como futebolista associa-se à importantes problemáticas da sociedade brasileira, como déficits educacionais e situações de vulnerabilidade social e pobreza, de modo que se profissionalizar como jogador figura para muitos jovens como uma forma de superação de condições socioeconômicas degradantes (Rodrigues, 2016; Sposito & Silva, 2018). A constatação de que o futebol seria opção profissional associada a enriquecimento pessoal e reconhecimento do próprio valor, fica notavelmente fortalecida quando a mídia divulga valores milionários envolvidos nos processos de transferência para clubes que disputam os melhores e mais bem remunerados campeonatos. Ora, a verdade é que existem poucas vagas de trabalho, de modo que um número muito pequeno de atletas alcança efetivamente fama e altíssimos salários. Contudo, são exatamente aqueles raros atletas, que ocupam posições de grande destaque e alta visibilidade internacional, os que povoam e alimentam os sonhos de muitos jovens que aspiram se tornar celebridades esportivas.

São várias as abordagens científicas por meio das quais se pode estudar o fenômeno da busca por realização profissional como jogador de futebol profissional, pensada como caminho que conjugaria o prazer oriundo da atividade em si mesma com a possibilidade de superação da desigualdade e da pobreza. Uma dessas abordagens é aquela que adotamos aqui, vale dizer, a do estudo de imaginários coletivos, tal como compreendidos à luz de um específico referencial psicanalítico, conhecido como psicologia psicanalítica concreta. Trata-se de uma perspectiva criada na América Latina pelo psicanalista argentino José Bleger (1963/2007) que, realizando uma leitura aprofundada do filósofo húngaro, Georges Politzer (1928), tratou de articular uma abordagem fenomenologicamente informada da psicanálise, expurgada de elementos

positivistas e fisicalistas, que caracterizavam a chamada metapsicologia, com uma visão de mundo dialética que, anos mais tarde, seria magistralmente explicitada por Lukács (1978/2013). Deste modo, Bleger (1963/2018) se posiciona claramente quanto à visão da psicologia psicanalítica como ciência humana, opondo-se à visão freudiana de que a psicanálise se incluiria entre as ciências da natureza (Mezan, 2007). Sendo assim, quando adotamos a psicologia psicanalítica concreta, estamos, de fato, firmando-nos sobre um fundamento epistemologicamente bastante seguro<sup>11</sup>. Tal fundamento vai permitir, como demonstraremos ao longo dessa tese, que abordemos sofrimentos sociais, levando em conta campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes intersubjetivos, que são coletivamente produzidos e reproduzidos nas práticas cotidianas<sup>12</sup>, e ainda campos ambientais, inferidos por meio de uma abordagem crítica, dialeticamente informada, expressando e se entretecendo profundamente com contextos macrossociais que conformam estruturalmente a sociedade em que vivemos (Almeida, 2019)<sup>13</sup>.

O conhecimento compreensivo, que produzimos na pesquisa ao redor da qual desenvolvemos essa tese, visa contribuir para a solução de duas questões,

---

<sup>11</sup> Cabe lembrar, para evitar mal-entendidos, que aqueles que seguem os ensinamentos de Bleger (1963/2018) admitem que a psicanálise – quando lhe é suprimida a metapsicologia - é um dos referenciais teórico-metodológicos que pode ser adotado pela psicologia, que é uma das ciências humanas. Todas as ciências humanas estudam o mesmo objeto, que são os seres humanos concretos, e não entidades inventadas, como o inconsciente, que são úteis como constructos teóricos. Portanto, falamos em psicologia psicanalítica concreta porque somos, do ponto de vista científico e profissional, psicólogos que usam conhecimentos psicanalíticos como referencial.

<sup>12</sup> Os conceitos de imaginário coletivo, campo de sentido afetivo-emocional e de inconsciente intersubjetivo serão definidos no capítulo metodológico dessa tese.

<sup>13</sup> Embora Almeida (2019) aborde especificamente o racismo estrutural, seu texto é extraordinariamente útil porque, ao combinar clareza e rigor conceitual, permite que outros fenômenos, como a transfobia, a opressão feminina e a opressão de classe social, sejam vistas como questões estruturais.

que reputamos como sumamente significativas, porque atendem necessidades dos dois polos, segundo os quais manifesta-se o humano, de acordo com a ontologia dialética (Lukács, 1978/2013; Lessa, 2015): a pessoa individual e o gênero humano. A nosso ver, a adoção de um posicionamento ético-político radicalmente humanista impõe que esses dois polos sejam sempre simultaneamente considerados.

A primeira questão, para cuja solução esperamos contribuir diretamente, diz respeito a detalhar e aprofundar conhecimentos que permitam beneficiar, mediante o uso do conhecimento psicológico, todos aqueles que obtêm vagas para formação futebolística em clubes esportivos, e não apenas aqueles que alcancem resultados compatíveis com a profissionalização propriamente dita<sup>14</sup>. Este é um ponto de suma importância pois o potencial de aprendizagem de uma formação bem cuidada, humanisticamente orientada, pode tornar-se altamente significativo e benéfico quando se reconhece lucidamente o seu valor. Se concepções, conforme as quais o futebol de base seria uma espécie de máquina que produz um ou outro craque e vários “losers” descartáveis, puderem ser suprimidas, todos os clubes, que mantêm futebol de base, poderão tornar-se escolas-modelo onde educação de qualidade pode ser mesclada com atividade esportiva. Diplomas expedidos por tais escolas poderão significar preparo para várias outras profissionalizações além da de jogador de futebol. Afinal, muito do que se aprende, em qualquer setor profissionalizante, pode ser bem aproveitado em muitas situações, de modo que muitas das capacidades<sup>15</sup> de um atleta, e de

---

<sup>14</sup> É importante lembrar que a psicologia não atende apenas os futebolistas em formação, mas também os jogadores profissionais, já que o exercício dessa profissão envolve maximamente o estado emocional do atleta. Contudo, dado objetivo da pesquisa de estudo do imaginário coletivo de jovens atletas, neles concentraremos nossa atenção.

<sup>15</sup> Podemos aqui lembrar capacidades de comunicação, solidariedade, tomada de decisão, disciplina, conhecimento de regras, que são gerais, mas fundamentais. Outras tantas, ligadas ao

várias outras ocupações, podem ser bem aproveitadas em outras atividades profissionais<sup>16</sup>.

Neste ponto faz sentido sublinhar que o acompanhamento psicológico do atleta em formação exige, invariavelmente, a constituição de ambientes institucionais que favoreçam a realização de potencialidades criativas. Sendo assim, além de se ocupar do cuidado emocional dos atletas, quando atua em instituições esportivas, o psicólogo coloca seus conhecimentos e experiência a serviço dos demais profissionais que, desde diferentes funções, relacionam-se direta ou indiretamente com os jovens em formação <sup>17</sup>. Afinal, tais profissionais, além de desempenharem suas funções específicas nos processos de formação, contribuem decisivamente na criação do ambiente.

A segunda questão corresponde à lembrança de que muito do que pudermos aprender pesquisando o imaginário coletivo de jovens, em processos de formação como futebolistas, pode contribuir para uma melhor compreensão sobre o modo como é vivida a passagem para a vida adulta nas classes subalternas do nosso país – lembrando que essa transição é um fenômeno da esfera do ser sócio-humano que se apoia na esfera ontológica orgânica, mas a ela não se reduz, como facilmente se depreende da ontologia dialética (Lukács 1978/2013; Lessa, 2015). Os caminhos para a profissionalização oferecem mais

---

conhecimento do próprio corpo, de percepção interindividual, de competir sem destruir, poderiam ser elencadas e certamente merecer estudos criteriosos.

<sup>16</sup> Lembremos que a velocidade extraordinária dos avanços tecnológicos, que muda o cenário das profissões em todo o mundo, aconselha formação escolar na qual seja cultivado não apenas a aprendizagens específicas, mas, sobretudo, o “aprender a aprender”.

<sup>17</sup> Lembremos, de passagem, para evitar desvios na sequência do texto, que o ser humano nunca cessa seu processo de amadurecimento, que se realiza no encontro do potencial com o ambiente humano, ainda que se apresente mais dependente nos períodos anteriores à vida adulta. Acreditamos que Fairbain (1952/1994) foi extraordinariamente preciso quando considerou que os seres humano saudáveis vivem basicamente em dois tipos de estados: estados de dependência infantil e estados de dependência adulta. Para esse autor, indivíduos mais prejudicados seriam vítimas da busca insana e defensiva de independência afetiva-emocional.

opções a aqueles que pertencem a famílias capazes de sustentar seus filhos, total ou relativamente, até o término da faculdade. Outra, entretanto, é a condição da maioria dos jovens brasileiros no que diz respeito à possibilidade de inserção no mundo laboral, já que lhes sobram trabalhos que rendem baixa remuneração, o que traz consigo toda uma corte de problemas e aflições, que caracterizam os sofrimentos sociais.

Esperando ter dado uma visão panorâmica inicial sobre nossa pesquisa, passaremos a descrever o modo como organizamos o presente volume. A tese está dividida em cinco capítulos, antecedidos por uma carta ao leitor e por essa apresentação, e sucedidos pelas nossas considerações finais.

O primeiro capítulo, intitulado “O problema de pesquisa”, tem caráter introdutório ao problema de pesquisa e está dividido em duas partes. Na primeira parte discorremos sobre o fenômeno da transição para a vida adulta no Brasil contemporâneo, terreno em que se dá a busca da profissão de jogador de futebol. Sabemos que a pobreza e a desigualdade social podem assustar mesmo adolescentes das classes médias, como demonstraram Camps, Barcelos & Aiello-Vaisberg, 2014, em artigo derivado da tese de doutorado de Camps (2009). Contudo, não podemos deixar de avaliar que, ainda que a escolha profissional seja sempre uma questão pessoal altamente significativa, na qual muitas vezes se expressa o temor de não ser capaz de fazer escolhas corretas, não se encontra em jogo, em certas camadas sociais, a questão do sustento próprio e familiar. Por outro lado, para outros, que se tornam adultos em situação de pobreza, a questão é bastante diversa, pois as oportunidades de atendimento de necessidades básicas são extremamente escassas. Na segunda parte nos ocuparemos da vida e trajetória do jovem em processo de formação no futebol.

Desse modo, exporemos informações sobre alguns aspectos da vida e do ambiente esportivo em geral, e da formação futebolística em particular, o que certamente facilitará a compreensão das questões fundamentais de que nos ocuparemos durante nossa pesquisa.

O segundo capítulo trata dos fundamentos teórico-metodológicos deste estudo e da definição dos conceitos essenciais à compreensão sobre a pesquisa qualitativa com uso do método psicanalítico e do uso do estudo dialético-crítico, junto à definição da noção de sofrimentos sociais, conforme estudamos e realizamos no âmbito do Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/ CNPq: “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”. Apresentamos, aí, a psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), perspectiva que, a partir da supressão da metapsicologia, combina o uso rigoroso do método psicanalítico com a elaboração de teorizações relacionais, de cunho dramático-vincular.

É interessante lembrar que, por vários motivos, explicitados no próprio capítulo metodológico, que esse referencial caiu em desuso em nosso país, possivelmente em função do expressivo aumento dos chamados psicanalistas lacanianos, bem como pelo fato dos psicanalistas, que adotam a escola inglesa como referencial, nutrirem, com grande frequência, uma visão conforme a qual o paradigma positivista seria o único caminho por meio do qual se pode realizar pesquisa científica. Entretanto, não podemos deixar de destacar que a psicologia psicanalítica concreta, forjada por Bleger (1963/2018), vem sendo fortemente retomada fora do Brasil (Kuchuck, 2021; Sassenfeld 2018; Fischetti, 2017) e considerada como uma vertente precursora da psicanálise relacional contemporânea (Lieberman, 2014). Além disso, a articulação, proposta ao longo



da trajetória da orientadora desta tese, entre Bleger (1963/2018) e o pensamento winnicottiano, tem permitido uma leitura mais crítica do psicanalista inglês, depurando seus textos de algumas teorizações biologizantes e conservadoras, mas inspirando-se em algumas de suas proposições antropológicas que desaguam numa clínica espontânea e criadora<sup>18</sup>.

Apresentamos, no terceiro capítulo, o material de pesquisa, e dividimo-lo em três seções. Primeiramente cuidaremos de caracterizar os participantes da pesquisa quanto aos aspectos sociodemográficos. Na segunda parte, apresentamos uma narrativa transferencial sobre o contexto da vida de atletas pertencentes às categorias de formação do futebol, elaborada pela pesquisadora. Por fim, compartilhamos a totalidade dos materiais de pesquisa, que consiste num conjunto de vinte e dois desenhos-estórias confeccionados por atletas oriundos da categoria sub-20 de um clube formador, durante uma Oficina Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas. Vale dizer que o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999) é um procedimento consagrado na pesquisa qualitativa que se realiza tomando a psicologia psicanalítica concreta como referencial teórico-metodológico (Aiello-Vaisberg, 2017; Rosa *et al.* 2019).

O quarto capítulo, intitulado “Campos de sentido afetivo-emocional e campos ambientais”, é uma seção reservada a apresentar os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes intersubjetivos, criados/encontrados a partir da consideração psicanalítica do conjunto dos 22 desenhos-estórias produzidos

---

<sup>18</sup> Um aspecto importante a sublinhar consiste na ampliação do conceito winnicottiano de ambiente que, à luz dos ensinamentos blegerianos, e da abordagem relacional contemporânea, inclui condições macrossociais, de caráter estrutural, que se encontram na gênese de sofrimentos sociais.

pelos participantes da pesquisa e, também, os campos ambientais que produzimos a partir do estudo crítico, dialeticamente informado, em contato com uma narrativa transferencial.

Dedicamos o último capítulo desta Tese, nomeado de “Interloquções Reflexivas”, a retomada dos campos de sentido afetivo-emocional, de modo reflexivo-dialógico, ou seja, serão pensados sob a luz de intercâmbios com vários autores, psicanalíticos ou não, que já se tenham debruçado sobre as questões humanas para as quais apontam os campos.

Encerramos a tese elencando e comentando algumas considerações finais, que tanto contém uma apreciação da trajetória percorrida como um esforço no sentido de identificar seus alcances e limites. Tampouco deixaremos de apontar as novas questões, que surgiram a partir desse trabalho, esperando que venham a ser esclarecidas em futuras pesquisas, nossas e alheias.

## Capítulo 1. O Problema de Pesquisa

*Mas pelo menos no futebol há alguma possibilidade de ascensão social para o menino pobre, em geral negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em deus. (Galeano, 1995/2020, p.51)*

A presente pesquisa tem como objetivo investigar, psicanaliticamente e criticamente, o imaginário coletivo de jovens do sexo masculino, em processo de formação futebolística profissionalizante, a respeito da vida do jogador de futebol. Esse objetivo insere-se num campo maior de estudos, relativos à transição para a vida adulta, tal como vivida na interseccionalidade entre condição etária, gênero e pertencimento à classe social subalternizada, apresentando, como diferencial, o fato de focalizar pessoas consideradas por terceiros como detentoras de potencial para se tornarem, a partir de treinamento específico, atletas profissionais.

Estudos em que se investigam o imaginário coletivo de atletas podem ser considerados relevantes por, pelo menos, três razões: 1) pelo que aportam de conhecimento que aprimora o acompanhamento psicológico dos jovens atletas; 2) pelo que aportam de conhecimento que permite ao Psicólogo subsidiar a atuação de outros profissionais envolvidos com o futebol de formação, tais como treinadores, pesquisadores, gestores, educadores físicos, juristas, entre outros e 3) pelo fato de a realização envolver, necessariamente, a participação ativa dos jovens que, desse modo, são psicologicamente beneficiados já no momento

da produção do material de pesquisa<sup>19</sup>. A nosso ver, em função de seu desenho metodológico, o presente trabalho não é exceção, de modo que, como se verá, produz conhecimento útil para o psicólogo tanto acompanhar os jovens atletas como colaborar com os demais profissionais envolvidos no processo de formação, além de se constituir como uma forma de favorecer direta e imediatamente, os próprios atletas quando participam de Oficinas ser e Fazer com uso de entrevistas psicológicas coletivas configuradas transicionalmente (Winnicott, 1971/1975).

A nosso ver, o problema de pesquisa, a partir do qual recortamos nosso objetivo investigativo, versa sobre uma interseccionalidade que se define, à primeira vista, em termos de gênero, pertencimento à classe social subalternizada e estar na fase de vida conhecida como transição para a vida adulta (TVA). Uma quarta característica se articula à conjugação interseccional entre pobreza e transição para a vida adulta, aquela que consiste na apresentação de habilidades psicomotoras, identificadas por terceiros, que colocam o jovem na condição de ser aceito por clubes de futebol que oferecem formação profissionalizante. Desse modo, lidamos com interseccionalidades relacionadas a: gênero, classe, idade e talento reconhecido.

---

<sup>19</sup> Os modelos epistemológicos intersubjetivos, que se caracterizam por reconhecer que o estudo de seres humanos não insere os pesquisadores frente aos objetos passivos e manipuláveis, visam à produção de conhecimento compreensivo. São vários os referenciais teóricos que produzem conhecimentos intersubjetivos, entre os quais se encontra a psicologia psicanalítica concreta, referencial aqui adotado, o qual descreveremos, pormenorizadamente, no segundo capítulo dessa tese, intitulado “Fundamentos e procedimentos metodológicos”. No presente momento do trabalho de leitura, parece-nos suficiente pontuar que a psicologia psicanalítica concreta, proposta por Politzer (1928/2004), e desenvolvida por Bleger (1963/2018), define-se como articulação entre o uso do método psicanalítico e a formulação de teorizações relacionais de tipo dramático vincular, a partir de uma visão filosófica materialista dialética, inserindo-se, como precursora (Lieberman, 2014), na abordagem psicanalítica relacional contemporânea (Kuchuk, 2021).

Ainda que sejam quatro os elos sobre os quais nos debruçaremos, quando considerada a condição interseccional dos jovens, cujo imaginário investigaremos, optamos por dividir este capítulo em duas seções. Na primeira, abordaremos a transição para a vida adulta nas classes subalternizadas, na perspectiva masculina, abarcando, portanto, três condições ao mesmo tempo. Discorreremos, na segunda parte, acerca do processo de formação futebolística profissional no Brasil, que se dá nos dispositivos formais dos clubes de futebol e trazemos informações a respeito dos aspectos da vida cotidiana dos participantes da pesquisa. Esperamos, desse modo, fornecer elementos suficientes para uma boa compreensão do processo investigativo realizado.

### **A Transição para a Vida Adulta de Meninos de Classes Subalternizadas**

Apresentando um caráter fundamentalmente descritivo, o conceito de transição para vida adulta tem sido usado em estudos populacionais que fornecem subsídios para a elaboração e implantação de políticas públicas de saúde, assistência social, transporte, saneamento, habitação, educação escolar e formação profissional, dentre outras (Delgado, 2013). Exemplos de sua utilização, também, podem ser encontrados tanto nas ciências humanas e sociais como nas ciências da saúde, como atestam, por exemplo, os estudos de Fanzeres, Cruz-Santos e Santos (2020), Cardozo e Gonzáles (2020), DaWalt, Greenberg e Mailik (2018), MacCarthy *et al.* (2018), Mora *et al.* (2017), Monteiro (2014), Barros (2010) e Vieira (2008). Pesquisas psicológicas, também, se incluem entre aquelas que dispõem do conceito de transição para a vida adulta, como podemos constatar consoante as produções de Romero, Melendro, Charry (2020) e Dutra-Thomé e Koller (2014).

A pesquisa, apresentada nesta tese não é a primeira que, no âmbito de nosso grupo de pesquisa, debruça-se sobre a fase de transição para a vida adulta, cabendo lembrar, como exemplos, tanto investigações em que jovens imaginam sobre si mesmos (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Winkler & Aiello-Vaisberg, 2017; Winkler, 2019; Gallo-Beluzzo *et al.*, 2017; Kopanakis & Aiello-Vaisberg, 2018), e outras em que diferentes grupos revelam seu imaginário sobre os jovens (Pontes, 2011; Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016; Amaral *et al.* 2021). Além disso, essa fase de vida, também, foi tematizada por meio do estudo de produções culturais (Assis, 2019; Assis *et al.* 2016). Esses estudos têm caráter empírico e adotam a psicologia psicanalítica concreta como referencial teórico metodológico (Bleger, 1963/2018; Visintin, Schulte & Aiello-Vaisberg, 2021).

À luz da psicologia psicanalítica concreta, perspectiva que se inscreve sobre o paradigma epistemológico crítico (Guba & Lincoln, 1994), a transição para a vida adulta constitui um acontecer socialmente produzido, que se conforma segundo condições sociais estruturalmente vigentes, em termos dos contextos econômicos, sociais, culturais, geopolíticos, com especial destaque para as condições de raça/cor, gênero e classe. Nessa perspectiva, há um alargamento na concepção do social habitualmente adotada no campo da psicanálise, que deixa de referir apenas ao âmbito da família e das relações face a face, para incluir os contextos macrosociais<sup>20</sup>. Essa ampliação da noção do social se deve ao fato da psicologia psicanalítica concreta derivar de uma articulação entre a psicologia psicanalítica e o materialismo dialético proposta por Bleger

---

20 Referimo-nos à tendência de os teóricos das relações objetais considerarem como fundamentais as relações da pessoa com a mãe e/ou os pais, durante a infância, como se a família fosse um sistema isolado das condições concretas da vida social.

(1963/2018 & 1958/1988), que se baseia no reconhecimento de que a psicanálise não oferece, por si só, uma base filosófica adequada para o estudo da sociedade. Por essa razão, esse autor recorreu à ontologia do materialismo dialético, que veio a ser claramente explicitada por Lukács (1978/2013), e tem sido didaticamente transmitida, entre nós, por Lessa (2015)<sup>21</sup>.

De acordo com a ontologia dialética, haveria uma característica humana fundamental, que repousa sobre a esfera do ser orgânico, que consiste no fato de os seres humanos não nascerem preparados para a vida adulta, uma vez que o bebê humano chega ao mundo em condição de dependência absoluta, amadurecendo paulatinamente (Winnicott, 1983/1979). Em outros termos, o bebê humano depende de cuidados para sobreviver — cuidados que correspondem a práticas que devem ser consideradas como trabalho, no sentido rigoroso do termo, ou seja, como ações culturalmente determinadas que ocorrem no âmbito ontológico sócio-humano. A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal alinha-se a esse modelo ao afirmar que o bebê humano nasce dotado de um potencial herdado que se realizará caso o ambiente humano possa sustentar os processos de maturação. Esse modelo revela-se particularmente fecundo quando ampliamos o conceito de ambiente para nele incluir não somente a mãe e a família nuclear, conforme originalmente concebido por Winnicott (1983/ 1979), mas toda a sociedade, na qual as práticas de acompanhamento das novas gerações, até a conquista da condição adulta, sempre estão inseridas nos contextos estruturalmente vigentes.

---

21 A ontologia de Lukács (1978/2013) reconhece três esferas do ser, a inorgânica, a orgânica e a social ou sócio-humana. Apesar de as esferas superiores serem dependentes daquelas que as antecedem, cada uma é regida por legalidades peculiares dotadas de complexidade cada vez maior.

Vivendo predominantemente na esfera ontológica sócio-humana, ainda que mantendo forte dependência da vida orgânica, dada a condição de ser mortal e sujeito à vulnerabilidade, que caracteriza a estrutura biológica dos mamíferos, ao se tornar adulto, o indivíduo alcança uma autonomia relativa, a partir da qual se mantém vinculado com os demais, em condições de coexistência, segundo características imperantes na sociedade em que se insere. Se articularmos as contribuições desenvolvimentistas winnicottianas à uma visão dialética da sociedade, concluímos que as grandes áreas, com base nas quais as sociedades se mantêm vivas, são aquelas em que se manifestam as capacidades adultas de desempenho de atividades que, no contexto capitalista, são vistas como produtivas ou reprodutivas (Federici, 2019b).

É importante lembrar que o mundo do trabalho adulto organizou-se, na sociedade europeia, no período de acumulação primitiva do capital, de acordo com normas de gênero, segundo as quais caberia aos homens assumir o chamado trabalho produtivo e remunerado, que produz mercadorias e gera lucro, enquanto as mulheres se ocupariam do trabalho reprodutivo não remunerado de atendimento das necessidades dos membros da família, o que inclui a restauração cotidiana do trabalhador assalariado e o cuidado dos filhos (Federici, 2019<sup>a</sup> & 2019b). Esse modelo predomina, ainda hoje, no mundo globalizado, fazendo desse modo persistir uma exploração diferenciada entre homens e mulheres, no âmbito da qual se inserem questões como a dupla jornada do trabalho da mulher, expressivas diferenças salariais e a chamada penalidade materna (Visintin, 2021; Batoni, 2020; Fabris-Zavaglia, 2020).

Embora tenham ocorrido mudanças ao longo dos anos, oriundas, contraditoriamente, tanto da luta feminista — realizadas em diversos contextos,



de onde se destacam o social, político, educacional, cultural e acadêmico (Costa, 2009; Reis & Zucco, 2020), como de crises do próprio sistema capitalista, que manutenciona a inclusão feminina no mercado para manejar a força de trabalho, predomina, na sociedade em que vivemos, a concepção de que os homens devem ser considerados adultos quando realizam trabalho produtivo, e as mulheres quando realizam atividades reprodutivas (Federici, 2019b; Eccel & Grisci, 2011). O recente estudo de Kopanakis, Silva & Aiello-Vaisberg (2021) demonstra, ao estudar o imaginário de jogadoras de futebol profissional, o quanto esse esporte ainda está atrelado a um imaginário que considera o futebol como “coisa de homem”, configurando esse imaginário a partir de ideais masculinos de força, *performance* e trabalho. Nesse sentido, o trabalho no futebol está profundamente entrelaçado com um sistema normativo de gênero, que determina quais atividades e esportes são ideais para homens e mulheres.

Como vemos, a divisão sexual do trabalho, vigente no capitalismo, comporta a interseccionalidade entre classe e gênero, a qual se acrescenta, num país colonializado e palco do racismo estrutural, à dimensão da raça/cor. Sobre essa última interseccionalidade, destacamos que o universo do mercado futebolístico não destoa dos demais no que diz respeito ao sofrimento oriundo do racismo. Contudo, é um meio que privilegia o talento diferenciado como fonte de valorização e riqueza. Sobre isso destacamos:

Na pirâmide social do mundo, os negros estão em baixo e os brancos em cima. No Brasil chamam isso de *democracia racial*, mas a verdade é que o futebol oferece um dos poucos espaços mais ou menos democráticos onde as pessoas de pele escura podem competir em pé de igualdade. Podem, mas até certo ponto - porque também no futebol uns são mais

iguais que os outros. Embora tenham os mesmos direitos, nunca competem nas mesmas condições o jogador que vem da fome e o que vem bem-alimentado. (Galeano, 2004/2020, p.51).

Nesse sentido, a presente tese lida com jovens que, inserindo-se num processo de profissionalização, vivem uma experiência altamente relevante na sua definição, em um futuro próximo, como homens adultos<sup>22</sup>. Não negamos que a formação profissional tenha adquirido, nas últimas décadas, um importante significado para as mulheres, mas esse fato não atenua a importância que a ocupação laboral assume na vida masculina.

A intersecção, na vida masculina, entre transição para a vida adulta e classe social coloca problemas de grande magnitude num país populoso, como o Brasil, que contém grandes contingentes populacionais vivendo em condições de marcada pobreza (Dutra-Thomé & Koller, 2014). Esse quadro resulta dos processos de colonização da América Latina que, segundo demonstram vários estudos, devem ser compreendidos à luz da modernidade que se encontra na base do enriquecimento europeu (Galeano, 1970/2010). Para trazer peso a esse importante debate, deixamos aqui anotadas as palavras de Galeano (1971/2010):

---

<sup>22</sup> Assim, quando usamos o conceito descritivo de transição para a vida adulta, voltamo-nos para alguns fenômenos tais como: a longa formação vivida por aqueles que têm acesso à formação profissional de nível superior, por contarem com condições concretas de vida familiar, que permitem adiar a entrada no mundo laboral, característica das classes médias e abastadas, que se perfila ao lado da inserção precária de outros no mundo do trabalho infantil ou da condição de jovens que vivem a formação profissionalizante por meio de programas de assistência social, como o Projovem (Programa do governo federal destinado a jovens com idades entre 18 a 19 anos, com renda familiar de até um salário mínimo por pessoa e que não concluíram o ensino médio. Disponível em: <https://calendariobolsafamilia2021.com/projovem-2021/>), ou a formação esportiva de futebol, relativa à temática desta tese, que será explanada, detalhadamente, na próxima secção deste capítulo.

Para os que concebem a História como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já foi dito, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beleguins nativos. Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transfigura em sucata, os alimentos em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta-cabeça da grimpada de esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos socavões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da floresta amazônica da borracha; o nordeste açucareiro do Brasil, as matas argentinas de quebrachos ou certos povoados petrolíferos do lago de Maracaibo têm dolorosas razões para acreditar na mortalidade das fortunas que a natureza dá e o imperialismo toma. A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominadas de fora – é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga (Galeano, 1971/2010, p. 18).

As condições estruturais da pobreza no Brasil. país latino, repercutem na vida dos adolescentes nas periferias e configuram-se como uma compreensão basilar desse estudo que se debruça nas condições concretas de vida dos participantes da pesquisa. Enfrentamos, atualmente, uma condição de pobreza e

desigualdade que se tornaram mais críticas nesse início do século XXI, quadro que a pandemia de Covid-19 piorou e tornou, ainda, mais evidente (Castro-Silva, Ianni & Forte, 2021; Wolff *et al.*, 2020; Cataia, 2020).

É fundamental que haja o reconhecimento de que, em condições de renda familiar insuficiente, a vida humana se torna vulnerável e sofrida. Vale retomar que, no Brasil, quase um quarto das famílias vivem com um orçamento mensal inferior a dois salários mínimos. Esse percentual corresponde a um grande contingente, com cerca de 44,8 milhões de pessoas em 16,5 milhões de famílias. Configura-se, assim, a figura social de uma pirâmide, em que a maioria da população vive com menos renda do que a minoria, representando um importante quadro de desigualdade socioeconômica (IBGE, 2019 & 2021).

Sobre tais condições de pobreza, entendemos que o próprio neoliberalismo é o principal responsável pela perpetuação das desigualdades, na medida em que favorece o pensamento individualista em detrimento do coletivo e proporciona a reprodução dos males capitalistas onde há o acúmulo de riquezas e poder a uma minoria de pessoas, ao mesmo tempo e que trata os trabalhadores de classes pobres como mercadorias, produtos e serem explorados (Gasparotto, Grossi & Vieira, 2014). Isso acontece, pois, a respeito do projeto neoliberal do capitalismo, as políticas de assistência social, saúde e educação não são uma prioridade, pelo contrário, são submetidas aos interesses de políticas econômicas atreladas à manutenção do *status quo*. Essas condições de vida e opressão humana geram condições de alienação e sofrimentos psíquicos, em que cada um é responsável por si e por sua família num sistema falido, sem condições de igualdade social, saúde e educação. O

que, na vida do atleta pobre, significa a necessidade de buscar, sozinho, por melhores condições de vida.

Quando o jovem se vê diante de necessidade premente de gerar ganho, depara-se com situações problemáticas, que os expõem a diversos riscos, dentre os quais se destacam a violência e a exploração sexual que, evidentemente, rompem com qualquer possibilidade de garantia de direitos infanto-juvenis (Waiselfisz, 2004, dos Santos & Yamamoto, 2018). Dados da última *Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros*, produzida pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), em 2013, demonstram que as principais preocupações dos jovens, com idade entre 15 a 29 anos, relacionam-se à violência, emprego, profissão, saúde e educação (SNJ, 2014). Outras pesquisas apontam que, dentre os problemas que circundam a juventude brasileira, destacam-se a negligência e a violência familiar, o uso abusivo de drogas, o envolvimento com o tráfico e o homicídio (Takeiti, 2020; Waiselfiz, 2014; Pasian *et al.*, 2013; Feffermann, 2006). Vale acrescentar que nossa experiência profissional, juntamente a centenas de jovens futebolistas, demonstra que tais preocupações continuam vigorando nesses últimos anos.

Ainda nesse viés, entendemos que as diversas violências e violações de direitos que envolvem crianças e adolescentes demandam uma dimensão de gênero, engendrada em padrões culturais que compreendem meninos e meninas de formas diferentes. A recente publicação da organização “Save The Children” demonstra que meninos e meninas estão expostos a diferentes riscos,

como grupos/conflitos armados e violência sexual, respectivamente (Edwards *et al.*, 2020)<sup>23</sup>.

Nesse instante é importante considerar, na presente exposição, uma atividade, frequentemente praticada por meninos jovens, por meio da qual algum dinheiro pode ser obtido de forma imediata pela pessoa jovem. Referimo-nos ao tráfico de drogas, que se dá como mercado ilícito, que fornece renda e sustento, ao mesmo tempo em que também favorece violência e conflito com a lei.

Fundamentamos essa discussão nos estudos de Andréa Pires Rocha (2013), sobre os fenômenos que determinam o cotidiano de adolescentes que são explorados como “mulas”<sup>24</sup> na rota internacional do tráfico de drogas, na região do Estado Paraná, fronteira com o Paraguai. A autora apresenta importante argumento, diante dos discursos jurídicos proferidos em sentenças contra “jovens traficantes”, demonstrando que por vezes o sistema penal apenas enxerga o crime em si, desconsiderando todo o contexto social, cultural e político que o cerca. Acrescenta, ainda, que é comum a ocorrência, em nosso país, da criminalização da pobreza, inclusive pelo próprio sistema jurídico, na medida em que se associa criminalidade com baixa renda, raça, local de moradia etc. Assim, os adolescentes, que se envolvem com o tráfico, acabam sendo vistos como inimigos que devem ser punidos com o rigor da lei.

Esse mesmo quadro, concebido a partir de uma perspectiva dialética, revela que a organização da sociedade capitalista, cuja violência aumenta extraordinariamente sob o neoliberalismo vigente no momento atual, torna a vida

---

<sup>23</sup>Relatório completo disponível em: <https://resourcecentre.savethechildren.net/pdf/ch1413553.pdf>

<sup>24</sup> O termo “mula” se refere ao indivíduo que transporta drogas para o tráfico.

da maior parte da população extremamente precária, o que se traduz como constante e duradouro sofrimento social, vale dizer, sofrimento emocional socialmente determinado, que gera sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2010). Aqueles que se encontram sob tais condições, em fases da vida em que ainda dependem de cuidados, provavelmente são diferencialmente afetados, vivendo situações adversas que comprometem seu futuro, em virtude de pertencerem a classes subalternizadas<sup>25</sup> nas quais a adolescência e até a infância podem ser extraordinariamente encurtadas ou até mesmo interrompidas.

Como verificamos, as condições de subalternização a que estão expostas pessoas viventes da interseccionalidade entre juventude, pobreza, classe social e raça, geram condições adversas de desenvolvimento e inserção no mundo do trabalho. Há um cenário de fragilidades diante da proteção juvenil (Silva, Galetto & Bastista, 2014) que por ventura contrasta com o que o esporte pode oferecer de oportunidades, acolhimento e desenvolvimento humano e esportivo. Sobre as dificuldades sociais impostas a jovens brasileiros pertencentes às classes subalternizadas, destacamos o pensamento que reforça a problemática que se inscreve nas margens do nosso país:

---

<sup>25</sup> A respeito da compreensão sobre classes subalternizadas, de onde fazemos o uso desse conceito na voz passiva, trazemos uma reflexão, a respeito do uso desse conceito presente nesta tese. Para (Spivak, 2010) são consideradas pessoas subalternas aquelas que estão inseridas em classes sociais desfavorecidas das sociedades e que, desse modo, ficam à margem das esferas de: economia, consumo, política, representatividade, justiça e, portanto, de se tornarem cidadãos pertencentes à parcela da população dominante. Ao utilizarmos o conceito "subalternizados ou subalternizadas", denotamos um caráter criticamente fundamentado a essa terminologia, diante da compreensão a respeito dos males e injustiças que a estrutura social causa às pessoas, ao mesmo tempo em que também demonstramos uma possibilidade de pessoalidade, luta e transformação social.

perceba-se dessa forma que não significa tão somente a não garantia de direitos sociais, mas sim de todo um contexto estrutural que visa manter a subalternidade enquanto expressão do cotidiano da vida da classe trabalhadora, seja por que a expõe ao desemprego, seja por que a criminaliza a pobreza e com isso sofre mais o jovem desempregado, pobre, negro e periférico. Mantém-se, portanto, a juventude vulnerável socialmente, como uma expressão da condição de subalternidade da classe trabalhadora diante do capital (Silva, Galetto & Bastista, 2014, p.9).

Entretanto, se a interseccionalidade transição para a vida adulta, masculinidade e pertencimento à classe subalternizada nos coloca, atualmente, diante de um quadro altamente preocupante, o que dizer quando a tais condições se acrescentam habilidades especiais que, tendo sido reconhecidas por terceiros, concretizam-se pela inserção do jovem em um clube de futebol que oferece um processo de formação profissionalizante?

### **Vida e Trajetória do Jovem em Processo de Formação no Futebol**

Lembrando que o Brasil é um país multifacetado, plural e extenso, no qual se sobressaem problemáticas sociais diversas, entre as quais destacamos a interseccionalidade entre o período etário de transição para a vida adulta e a desigualdade, a pobreza e a vulnerabilidade social (Campello *et al.*, 2018; Lourenço, 2015; Souza, 2003, 2006). Discorreremos, nessa segunda parte do presente capítulo, sobre como se encontram atualmente organizados os caminhos percorridos pelos jovens que centram o momento da transição para a vida adulta no empenho de se tornarem jogadores de futebol profissional.



Demonstramos na sequência, o cotidiano de vida de nossos participantes e os percursos a que se destinam jovens em transição para a vida adulta que almejam ser jogadores de futebol.

### ***Dispositivos e normas da formação futebolística no Brasil***

Atualmente, encontram-se institucionalizados os caminhos de profissionalização futebolística, que são designados como futebol de base ou futebol de formação profissionalizante, e ocorrem no contexto de clubes esportivos que mantêm centros formadores. Neles encontramos, além da equipe profissional propriamente dita, equipes denominadas sub-15, sub-17, sub-20 e sub-23, sendo o número da categoria correspondente à idade limite do atleta para estar nela inserido<sup>26</sup>. Essas categorias são formadas com vistas ao preparo que permitirá, em tese, inserção no futebol profissional<sup>27</sup>.

Um dado importante e que comporta o cenário em que realizamos nossa pesquisa trata do fato de que foi regulamentado pela CBF, em 2012, um dispositivo, previsto na Lei Pelé (Brasil, 1998), que incentiva as confederações esportivas nacionais de futebol a obterem um documento denominado Certificado de Clube Formador (CCF) quando estas atendem a requisitos mínimos para acolhimento de jovens, sendo, portanto, uma forma de fiscalização e incentivo para que os clubes sigam algumas normas legais para que possam efetuar trabalhos com crianças e adolescentes.

---

<sup>26</sup> A idade limite significa que o atleta pode estar jogando na categoria até a idade que ela representa. Desse modo, os atletas que estão na equipe sub-20 podem ter idade até 20 anos.

<sup>27</sup> Na categoria sub-20, podem existir atletas com idade até 20 anos, sendo possível que, nessa mesma categoria, existam atletas com idades de 16 ou 17 anos, por exemplo, caso apresentem aptidão para estarem nesse ambiente.

Isso aconteceu com a intenção de uniformizar os tratamentos dispensados aos clubes de formação futebolística no Brasil e garantir boas condições aos atletas em formação de futebol<sup>28</sup>. Ressaltamos que a instituição na qual fora realizada a pesquisa detinha o Certificado de Clube Formador.

Apesar disso, os clubes que possuem o certificado de clube formador, correspondem a uma pequena parcela, considerando-se que, em 2018, ano em que foi realizada nossa intervenção, em relação aos 448 clubes que disputavam competições juvenis, apenas 42 detinham o certificado de clube formador<sup>29</sup>, sendo a Ferroviária S/A, instituição em que realizamos nossa pesquisa e será apresentada na sequência, um desses poucos clubes (Sales, 2018).

Tais condições para obtenção desse documento por parte dos clubes de futebol, incluem, entre outras, as seguintes exigências cumpridas pelo clube que estudamos: 1) a garantia de que o jovem terá condições de prosseguir seus estudos bem como de participar de uma rotina de treinos compatível com seu desenvolvimento escolar; 2) garantia de cuidados com a saúde; 3) garantia de cuidado psicológico e odontológico; 4) garantia de contatos frequentes entre os atletas juvenis e seus familiares; 5) existência e manutenção de acomodações de alojamento salubres e seguras.

---

<sup>28</sup> Ainda assim, quando detêm o certificado de instituição formadora, os clubes usufruem de algumas vantagens em relação aos atletas que profissionalizou. Assim, adquirem, legalmente, o direito à preferência na assinatura do primeiro contrato profissional dos jovens treinados na instituição e ao mecanismo de solidariedade, em que taxas monetárias referentes a compras e vendas de atletas, oriundos de clubes formadores são pagas ao clube no momento das transações financeiras.

<sup>29</sup> Isso significa que, em 2018, havia 402 clubes, em vigor nos campeonatos, e que não buscaram ou não conseguiram a regularização de suas atividades que envolvem o trabalho com crianças e adolescentes. Considerando-se que o Certificado de Clube formador busca incentivar e garantir condições mínimas de salubridade e garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, esse dado revela que o mercado do futebol está muito aquém do esperado socialmente para uma atividade que envolve a formação infanto-juvenil. Atualmente, em 2021, esse número caiu para 38 (CBF, 2021). Os números de clubes formadores são atualizados com frequência neste *link*: <http://portaldegovernanca.cbf.com.br/certificado-clube-formador>. Os dados expostos foram coletados em outubro de 2021.

Ainda sobre os clubes formadores, um assunto que nos chama a atenção refere-se à inserção do serviço psicológico nesses espaços. Para tanto, apresentamos na íntegra a cláusula que versa sobre o serviço de psicologia nos clubes portadores do Certificado de Clube Formador e que suscita reflexões pertinentes a nosso estudo psicológico:

comprovar que propicia assistência psicológica, por profissional habilitado e inscrito no Conselho Regional de Psicologia, mediante convênio com instituições públicas ou particulares, ou concurso de profissional contratado, que destine ao menos quatro horas semanais ao clube (RDP n.º 1/ 2012)<sup>30</sup>.

Consideramos um importante avanço a atenção psicológica estar inserida e garantida em um documento que visa à excelência e aprimoramento de clubes de futebol de formação. Contudo, nessa determinação não constam mais especificações sobre o trabalho a ser realizado pelo psicólogo no futebol de formação, bem como o número de atletas que ficam sob sua responsabilidade profissional. Desse modo, um psicólogo que trabalha num clube formador pode atuar 4 horas semanais e realizar um trabalho dedicado a um número inespecífico de atletas, incorrendo, claramente, na precarização do serviço.

Quanto aos dispositivos jurídicos e trabalhistas relacionados à remuneração no futebol, é importante esclarecermos que os atletas em formação, quando assinam contratos profissionais, recebem salário, com valores acordados, sempre igual ou acima de um salário mínimo.<sup>31</sup> Na mesma categoria

---

<sup>30</sup> Resolução da Presidência, disponível em:  
<https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201210/520841145.pdf>

<sup>31</sup> Não há um piso salarial determinado para a categoria, contudo o Sindesporte, Sindicato dos Empregados de Clubes Esportivos e Recreativos e em Federações, Confederações e Academias Esportivas e o Sindi-clubes, Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo, estabeleceram, em

podem existir, portanto, meninos que recebem ajudas de custo, com valores estabelecidos pelo clube, e meninos que recebem salários, com registro em carteira de trabalho, por meio da formalização de contratos profissionais.

Ainda sobre as normas que regem a profissionalização esportiva e que ajudam a entendermos a vida e trajetória profissionalizante dos participantes deste estudo, informamos que o atleta não profissional, em formação, com idade igual ou superior a 14 anos de idade, pode celebrar contrato de formação desportiva, que deve assegurar a possibilidade do jovem residir em um alojamento esportivo em condições adequadas de segurança, alimentação, higiene e saúde (Lei Pelé, art. 29, §2º, II, d, da Lei Pelé, e art. 49 do Decreto 7.984/13).

Ressaltamos que 14 anos é a idade inicial a partir da qual é permitido ficar alojado no clube, desde que este atenda a normas que se pautaram no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1970). Como normas vigentes no ECA, destacamos o Art. 4º:

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1970).

Consequente, dentre as considerações relativas aos aspectos de formação humana no futebol, torna-se importante compreender que a maioria dos atletas que vivenciam a experiência do futebol de formação não seguirão essa carreira ou conseguirão obter salários e rendas oriundas dessa atividade

---

2020, na capital, os valores pisos salariais de 1.010 reais para clubes da capital com mais de 30 empregados e de 948 reais para clubes da capital com até 30 empregados.

profissional. É uma carreira difícil e geralmente curta, o que parece ser melhor percebido pelos jogadores na fase da vida adulta. Como sabemos, nos períodos de transferências, os jogadores brasileiros concorrem a colocações profissionais em clubes que disputam os melhores e mais bem remunerados campeonatos e, dentro desse cenário, há poucas vagas de trabalho, de modo que a fama e os grandes salários ficam restritos a esse nicho.

Ainda assim, com tantos percalços, os jogadores brasileiros figuram como personalidades de alta visibilidade internacional e alimentam o sonho de muitos jovens de tornarem-se grandes atletas profissionais (Sales, 2019; Leme, 2011). A isso, atribuímos não apenas o lugar social que o futebol ocupa em nossa cultura, mas também a exposição social deste como possibilidade de altos salários pagos aos melhores ditos “craques”, exposição midiática e acesso a possibilidades de consumo, o que, possivelmente, mobiliza desejos de jovens a irem ao encontro desse universo.

Por fim, consideramos a busca juvenil por se tornar um jogador de futebol profissional, como um importante fenômeno brasileiro da juventude no momento da transição para a vida adulta. Cabe, portanto, a esse estudo, investigar o imaginário coletivo de atletas sobre a vida do jogador de futebol de modo a iluminar as questões psicossociais pertencentes a esse mundo tão repleto de complexidade, contradições, potencial de transformação individual e social e também de sofrimento humano.

### ***O Cenário Institucional***

Os participantes da pesquisa pertencem à categoria de formação sub-20 de um clube de futebol do interior paulista, chamado de Ferroviária S/A. A

associação Ferroviária de Esportes (AFE) foi fundada no ano de 1950, por funcionários da Estrada de Ferro de Araraquara. Por essa razão, os elementos que compõem a identidade institucional estão relacionados à vida de trabalho nas ferrovias. (ASSOCIAÇÃO FERROVIÁRIA DE ESPORTES, 2021).

O clube conta com uma infraestrutura onde se incluem a arena de jogos, com capacidade para 20 mil pessoas, refeitório para atletas e colaboradores, departamento médico, departamento de fisioterapia, sala de atendimento dos serviços de psicologia e serviço social e sala de vídeo<sup>32</sup>. Anexa a essa estrutura há espaço para demais práticas esportivas, como natação e tênis, que são cuidados e gerenciados pela Prefeitura Municipal de Araraquara.

No caso do clube em que realizamos a pesquisa, o cronograma das atividades de treinos e rotinas diárias, que descreveremos na sequência, é planejado em conjunto com os profissionais da psicologia e serviço social, de modo a priorizar o aproveitamento escolar de todos os atletas, questão que também é acompanhada por esses profissionais, juntamente às instituições de ensino onde estão matriculados esses jovens. Com relação aos cuidados de saúde, o clube possui um departamento médico próprio e convênios com plano de saúde particular da região. Já na esfera dos cuidados com a saúde mental, o trabalho é realizado por psicólogos contratados pela instituição.

O Currículo de Formação de Jogadores Profissionais da Ferroviária S/A<sup>33</sup>, documento que orienta as principais metodologias e práticas dessa instituição, fora minuciosamente estudado por Thiengo (2019), através de uma perspectiva fundamentada num olhar sócio histórico da cultura institucional e de seus

---

<sup>32</sup> Fotos desses ambientes estão disponíveis nos anexos desta Tese.

<sup>33</sup> Currículo de Formação da Ferroviária S/A (2018) – Documento Interno.

processos de formação futebolística com as categorias de base masculinas. A pesquisa do autor revela uma instituição preocupada com uma formação de alto rendimento, alicerçada em valores como: esforço, coragem, ambição e profissionalismo.

Thiengo (2019) permite que alcancemos a compreensão que a ideia de formação esportiva, presente nesta instituição, caminha na contramão da hegemonia do mercado de formação do futebol que privilegia, apenas, a captação de talentos, tendo um forte componente voltado a um ideal de evolução pessoal e futebolística, buscado por meio de processos pedagógicos de aprendizagem adquiridos em treinos e atividades diárias. Para tanto, a instituição professa uma responsabilidade diante da formação dos atletas. Nesse sentido, entendemos que o autor identifica a importância de a instituição se reconhecer como facilitadora e provedora dos processos de desenvolvimento de capacidades esportivas.

Considerando o referencial teórico winnicottiano, entendemos que há um benefício em potencial quando instituições esportivas se reconhecem como ambientes que podem atuar de maneira favorável ao desenvolvimento humano, reconhecendo-se como parte preponderante para isso. Ainda assim, conforme os resultados do estudo mencionado e também diante de nossa experiência profissional, lidamos com a constatação de que o conteúdo do currículo de formação não é adotado e praticado pelos trabalhadores do clube de futebol, sendo está uma necessidade a ser constantemente trabalhada, sob o entendimento de que na vida humana, assim como nas instituições, sempre há uma distância entre o ideal e a prática, mesmo quando há bastante empenho em

atingir esses ideais. Sobre os desafios institucionais de da carreira esportiva, destacamos o seguinte trecho do autor:

um desafio que se mostra relevante é possibilitar aos jovens futebolistas uma formação que contemple em maior profundidade as dimensões histórica, social, cultural e psicológica, pela relevância que estas assumem para a instituição e, principalmente, pelas características que a profissão de futebolista apresenta, possibilitando tanto uma preparação para o enfrentamento dos desafios relacionados às incertezas da atividade quanto o planejamento para o pós-carreira como futebolistas [...] (Thiengo, 2019, p.111).

Atualmente, no ano de 2021, o clube em questão implementou mais estratégias institucionais relacionadas a essa preocupação, demonstrando uma constante evolução ao longo dos anos, em comparação ao momento em que foi realizada a Tese de Thiengo (2019). Essa constatação, também, confere um caráter importante quanto à capacidade de mudança que as pesquisas científicas podem proporcionar ao mundo institucional, no caso do futebol, quando o atingem, como no caso em que a Ferroviária S/A se beneficiou do estudo do autor.

### ***Vida e Rotina do Atleta em Formação Futebolística***

Nos parágrafos a seguir discorreremos sobre aspectos da vida cotidiana de nossos participantes, trazendo temas como: condição de trabalho, da rotina de atividades, moradia, vínculo familiar e projeto de vida. Para tanto, começamos com a informação de que, assim como demais jovens atletas de categorias de formação de clubes de futebol, os participantes da pesquisa podem receber



ajudas de custo, bancadas pelo clube, e residir em alojamentos institucionais com direito a refeições diárias fornecidas pela instituição. No caso de nosso estudo, 20 dos atletas que participaram da intervenção residiam no alojamento institucional e 2 residiam com suas famílias.

O cronograma de atividades desses atletas consistia, no momento de nossa intervenção, em três principais períodos: estudo, treino e descanso. Todos os atletas pertencentes à instituição esportiva estudada contam com acompanhamento da rotina escolar e planejamento de treinos compatível com o aproveitamento educacional.

A rotina diária desses jovens pode ser narrada da seguinte forma descritiva: no primeiro momento do dia, ocorre a primeira refeição, o café da manhã, que acontece no refeitório do clube e conta com a participação de todos os atletas da categoria sub-20. Após o café matinal, inicia-se a rotina de treinos, ainda pela manhã. Nesse momento os atletas viajam até o centro de treinamentos do clube, localizado há cerca de 15 minutos da sede institucional. Finda a atividade de treino, há o período de almoço, realizado no refeitório do clube, juntamente aos membros das comissões técnicas. O refeitório do clube é de uso coletivo e utilizado por atletas de todas as categorias do clube e demais colaboradores da instituição. No período da tarde ou noite, os atletas realizam as atividades escolares. Ainda no contraturno dos treinos e atividades escolares podem acontecer tratamentos médicos e fisioterapêuticos, realizados no departamento de saúde do próprio clube; aulas de ioga; atividades de formação esportiva, como análise de vídeos táticos; atividade de fortalecimento muscular e preparação física; grupos de psicologia voltados à realização de Oficinas Ser

e Fazer de Desenvolvimentos de Capacidades Humanas e Esportivas<sup>34</sup>, e, também, atividades psicológicas de preparação esportiva; atendimentos psicológicos individuais; atividades socioeducativas, culturais e de lazer. Ao final do dia, ocorre o momento da janta, também realizada no refeitório da instituição. O dia finda com o horário de se recolherem ao alojamento para descansar e dormir. No período da noite, também é possível fazer um lanche noturno antes dos atletas irem deitar.

Quanto às condições de moradia, os atletas que moravam com suas famílias, na cidade onde se localiza o clube, realizam, diariamente, o trajeto entre casa, clube e escola, e mantêm o vínculo familiar próximo. Já os atletas que moram em alojamentos são originários de localidades mais distantes, fazendo da condição de estarem alojados institucionalmente uma necessidade. Esses atletas residiam, no momento da pesquisa, em um alojamento localizado em frente ao clube, que possui diversos quartos com beliches, banheiros, além de espaço livre e sala de TV. A vinculação familiar desses garotos fica condicionada a ligações diárias, contato do clube com os familiares e visitas esporádicas aos feriados e finais de semana. Os atletas que moram mais próximos das famílias e detêm melhores condições financeiras as visitam com mais frequência. Já os atletas que moram mais longe de suas casas, e detêm piores condições financeiras, realizam ou recebem menos visitas e encontros familiares presenciais. Nesse momento, é importante que deixemos evidente nossa

---

<sup>34</sup> A Oficina Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas, inspiradas no Estilo Clínico Ser e Fazer (Aiello-Vaisberg, 2003) é organizada como proposição de atividades lúdicas por meio das quais se visa constituir um ambiente suficientemente bom que favoreça o desenvolvimento de capacidades requeridas pela prática do futebol (Aiello-Vaisberg e Kopanakis, 2019).

constatação de que a queixa de saude de casa e da família é uma constante nos atendimentos e acolhimentos psicológicos.

Quanto a formalidades jurídicas, trabalhistas e institucionais que tangem o processo de formação de futebol e à vida dos atletas, sobretudo a categoria sub-20, que é o último passo para a entrada na categoria profissional, informamos que, em 2018, 10 dos 22 atletas que compunham o elenco tinham assinado contratos profissionais, com registro em carteira, e recebiam ao menos um salário mínimo e 12 dos atletas recebiam ajudas de custo. Todos os atletas da instituição contavam com plano de saúde particular do município no momento de nosso estudo.

Os atletas da categoria sub-20 são aqueles que já passaram pelas demais categorias de formação menores, assistiram a muitos colegas serem liberados pelos clubes que passaram e vivenciam um projeto de vida atrelado à ambição de tornarem-se jogadores profissionais, experienciando essa profissão como realização pessoal e fonte de renda. São, portanto, atletas mais experientes, no que compete às habilidades futebolísticas, contudo, ainda, viventes de uma última peneira que ditará quem segue ou não para o mundo do futebol profissional.

## Capítulo 2. Fundamentos e Procedimentos Metodológicos

*“Na área do processo intelectual de grau superior, é necessário encontrar uma alternativa para a verdade poética, é a isso que se dá o nome de pesquisa científica” (Winnicott, 1965/1999, p.172)*

Na medida em que a presente tese se articula ao redor de uma pesquisa empírica, com uso do método psicanalítico, malgrado complementar-se pela análise crítica, dialeticamente informada, de parte do material de pesquisa, apresentamos, a seguir, o capítulo que dedicamos aos fundamentos e procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Optamos por dividi-lo em três seções, referentes à: 1) apresentação da psicologia psicanalítica concreta e definição de seus principais conceitos; 2) definição da noção de sofrimentos sociais e 3) descrição dos procedimentos investigativos por meio dos quais operacionalizamos o método psicanalítico e a análise crítica complementar.

Na primeira seção, apresentamos o referencial conhecido como psicologia psicanalítica concreta e definimos os conceitos de conduta, campo e imaginário coletivo. A psicologia psicanalítica concreta corresponde a uma vertente psicanalítica, criada na América do Sul, por José Bleger (1963/2018, 1958/1988) e, posteriormente, desenvolvida em nosso próprio grupo de pesquisa (Visintin, Schulte & Aiello-Vaisberg, 2021), caracterizada pelo uso do método psicanalítico e de teorizações dramático-vinculares, que se articulam com a adoção do materialismo dialético como filosofia geral. Inscreve-se como iniciativa pioneira (Lieberman, 2014), num conjunto de propostas que, atualmente, são conhecidas como abordagem psicanalítica relacional (Kuchuck, 2021). Com

exceção do conceito de campo ambiental, que está diretamente vinculado à importância acordada, por Bleger (1963/2018), aos contextos macrosociais nos quais transcorre a vida humana, os conceitos básicos do referencial que adotamos correspondem a uma revisão de noções psicanalíticas clássicas que se tornou necessária na medida em que a psicologia psicanalítica concreta suprimiu teorizações metapsicológicas, atendendo às críticas elaboradas por Politzer (1928/2004).

Discorreremos, na segunda seção, sobre sofrimentos sociais, iniciativa motivada pelo fato de abordarmos o imaginário de jovens meninos em processo de formação futebolística profissionalizante, ou seja, das categorias de base do futebol, sobre a interseccionalidade entre transição para a vida adulta, gênero, talento reconhecido e classe social. Assim, o nosso problema de pesquisa está obviamente vinculado a sofrimentos, derivados de questões que são estruturais na sociedade capitalista.

Finalmente, dedicaremos a terceira seção à descrição, suficientemente minuciosa, dos procedimentos investigativos utilizados na pesquisa empírica, distinguindo os momentos de produção, registro e tratamento do material de pesquisa. Nesse sentido, explicamos as formas por meio das quais operacionalizamos o método investigativo da psicanálise, que corresponde, de acordo com Herrmann (2004), a uma maneira geral de produção de conhecimento sobre a experiência humana em registro afetivo-emocional. Por esse motivo, faremos uma breve passagem pelas formas que têm assumido a articulação entre psicanálise e pesquisa acadêmica, buscando deixar clara nossa opção, que consiste no uso do método investigativo da psicanálise no estudo de comunicações emocionais que ocorreram fora do *setting* padrão.

Buscaremos também trazer esclarecimentos acerca do modo pelo qual realizaremos uma análise crítica, dialeticamente informada, que nos permitirá chegar aos campos ambientais, que são a forma por meio da qual os contextos macrossociais são considerados na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta.

### **A Psicologia Psicanalítica Concreta**

Adotamos a psicologia psicanalítica concreta, referencial que se define pelo uso do método psicanalítico e teorizações dramático-vinculares, desde uma perspectiva filosófica materialista dialética (Visintin, Schulte & Aiello-Vaisberg, 2021). Esse referencial foi desenvolvido por Bleger (1958/1988; 1963/2018), um médico psicanalista que revolucionou o ensino da psicologia na Argentina, comprometendo-se com a criação de um novo profissional, o psicólogo/psicanalista, que seria, antes de mais nada, um agente de saúde mental que atuaria, principalmente, em instituições e comunidades.

Muitas vezes dividido entre a Asociación Psicoanalítica Argentina e o Partido Comunista Argentino, que considerava a psicanálise uma prática inescapavelmente elitista, reacionária e conservadora, que visaria uma adaptação ao *status quo*, Bleger (1958/1988) descobriu um trabalho, assinado pelo filósofo húngaro Georges Politzer, que lhe dava fundamentos para articular a psicanálise com um posicionamento político-ideológico de esquerda. A obra de Politzer (1928/2004) consistia numa crítica ao texto freudiano, dedicado à interpretação psicanalítica dos sonhos (Freud, 1900/1948), no qual percebeu

uma incoerência importante, relacionada à metapsicologia psicanalítica. Em contrapartida, identificou o valor da psicologia ao tratar o drama da vida humana.

A partir da crítica de Politzer (1928/2004) à psicanálise, Bleger (1963/2018) propôs uma psicologia condizente com o materialismo dialético, o qual se articula, perfeitamente, às concepções deste sobre homem, mundo e psicologia, o que implicou uma importante inovação acadêmica (Visintin, Schulte & Aiello-Vaisberg, 2021; Bleger, 1963/2018; Aiello-Vaisberg, 2004). O materialismo dialético é corretamente empregado, na elaboração blegeriana, como uma filosofia, — o que a psicanálise, em si mesma, não é —, à luz da qual se pode abordar a dramática humana como fenômeno cultural, mas dependente da ordem natural. Assim, adotando uma ontologia dialético-marxista, posteriormente bem explicitada por Lukács (1978/2013), Bleger (1963/2018) criou uma psicologia concreta que considera que todos os vínculos e interações entre personalidades individuais e coletivas são inevitavelmente, mas não mecanicamente, afetados pelo fato de se inserirem no contexto macrossocial capitalista. Em outros termos, trata-se, como veremos, de uma perspectiva que considera aspectos estruturais da organização social na constelação de sofrimentos sociais.

A escolha da expressão psicologia psicanalítica concreta, para definir o posicionamento teórico que adotamos em nossas pesquisas qualitativas com uso do método psicanalítico (Aiello-Vaisberg, 2014)<sup>35</sup>, pede alguns esclarecimentos. Chamamos a atenção para o fato de que preferimos usar o termo psicanalítico como adjetivo que qualifica a psicologia e não de modo

---

<sup>35</sup> Nesse instante lembramos que se pode afirmar que outros autores, como Lev Vygotsky, desenvolveram psicologias concretas não psicanalíticas (Carvalho, 2020).

substantivado<sup>36</sup>, porque adotamos a compreensão epistemológica blegeriana, calcada numa visão dialética da realidade. Portanto, compreendemos que as ciências humanas compartilham do mesmo objeto de estudo, vale dizer, os atos dos seres humanos concretos, fenômeno inerentemente complexo, multifacetado e cambiante. Nessa perspectiva, cada ciência humana aborda um conjunto de características, qualidades ou aspectos dos atos humanos, buscando compreender sentidos econômicos, culturais, históricos, religiosos, filosóficos, psicológicos, etc. Por outro lado, cabe esclarecer ainda que o adjetivo psicanalítico se refere a uma orientação teórico-metodológica, algo inteiramente compreensível no sentido de que todas as ciências humanas partem de compreensões prévias sobre o humano. Assim, são muitas as visões vigentes no campo da psicologia, entre as quais apontamos, além da psicanalítica, a fenomenológica, a sócio-histórica, a cognitivo-comportamental, a gestáltica e muitas outras.

Para nos movermos tomando a psicologia psicanalítica concreta como referencial teórico-metodológico, devemos nos familiarizar com alguns conceitos: conduta, campo e imaginários coletivos. Sendo pensados a partir da concretude dos encontros inter-humanos, tais constructos se definem segundo uma perspectiva fenomenológica, que substitui modelos explicativos metapsicológicos.

O conceito de conduta, que corresponde a uma modificação do conceito politizeriano de drama, feita à luz de contribuições de Lagache (1948/1986), é

---

<sup>36</sup> A nosso ver, não faz sentido pensar numa ciência que teria como objeto o inconsciente que, como sabemos, é um constructo teórico que visa explicar discontinuidades e rupturas que se manifestam nos atos humanos. Por esse motivo, acreditamos ser mais produtivo considerar, com Bleger (1963/2018), que todas as ciências humanas estudam os atos dos seres humanos concretos, individual ou coletivamente considerados.



utilizado por Bleger (1963/2018) para designar atos e produtos de atos humanos, realizados por indivíduos ou coletivos. Reforçamos que, com esse conceito, Bleger (1963/2018) visou referir-se aos atos humanos, entendendo-os como sempre dotados de sentidos intersubjetivos, de caráter afetivo-emocional, implicando manifestações coexistentes em três áreas de expressão: a área da mente, tal como pensamentos e fantasias; a área do corpo, como ambiente/lugar subjetivamente vivenciado; e a área de atuação no mundo externo, que inclui tanto os atos propriamente ditos como produtos deles remanescentes, tais como uma canção, um modo de dividir a casa em cômodos ou uma instituição como, digamos, a escola.

Bleger (1963/2018) preocupou-se em dizer que separar as três áreas de expressão dos atos humanos em ciências distintas seria um erro. Para ele, as manifestações humanas acontecem, em nível psicológico, como experiência vivida, mas, necessariamente, envolvem não apenas o psiquismo, mas o corpo e a atuação no mundo externo. Isso implica uma compreensão de que o ser humano deve ser estudado pela psicologia levando sempre em consideração sua relação com o meio em que vive, bem como o contexto histórico e social que o envolve.

O conceito de campo da conduta surge, no texto blegeriano, a partir da compreensão de que todo ato ou relação humana ocorre sempre de modo situado, ainda que seja comum, na psicologia, a tendência a desvincular as manifestações de conduta das situações nas quais aparecem, dando origem a enunciados abstratos que generalizam o concreto mas não o explicam de modo satisfatório. Contudo, mesmos os estudiosos, que estão convencidos de que as ciências humanas devem se manter convenientemente próximas do concreto do

acontecer humano, admitem que, sendo muito amplo, o conceito de situação pode ser vantajosamente substituído pelo de campo, que passa a ser definido como “... conjunto de elementos coexistentes e interatuantes em um momento dado” (Bleger, 1963/2007, p.42).

De acordo com o psicanalista argentino, é possível distinguir, no campo da conduta, subestruturas ou subunidades, denominadas campo ambiental, campo psicológico e campo da consciência. O campo da consciência corresponde a uma pequena parte do campo psicológico, que se define como a configuração ou estrutura particular que o campo ambiental assume para um indivíduo ou grupo, em um momento dado. O campo psicológico coincide com a experiência vivida pelo indivíduo ou grupo, sendo predominantemente não consciente. Finalmente, o campo ambiental coincide com o que um observador relativamente externo ao acontecer humano considerado pode perceber – motivo pelo qual pode ser descrito como conjunto de elementos, condições e acontecimentos tal como podem ser descritos e compreendidos objetivamente (Bleger, 1963/2018)<sup>37</sup>.

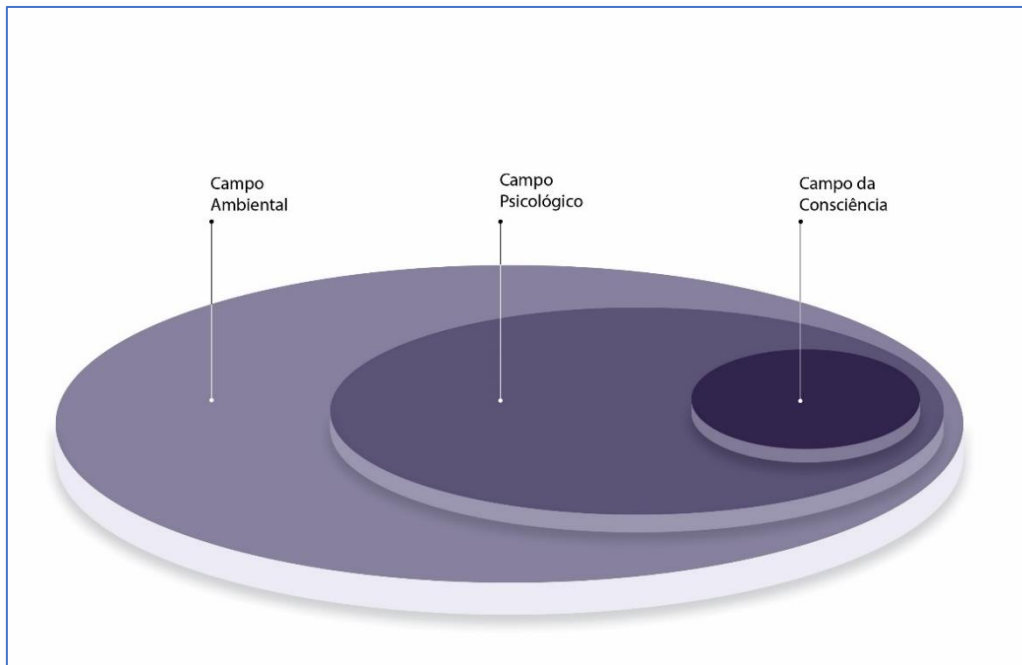
Tendo em vista facilitar a visualização das configurações dos campos ambientais, psicológicos e dentro deste o campo da consciência, apresentamos o diagrama abaixo:

---

<sup>37</sup> Como uma discussão filosófica sobre as condições para um conhecimento objetivo extrapolam tanto os objetivos dessa tese como nossa formação, preferimos nos ater à noção de que o campo ambiental é definido por uma percepção que obtém um observador relativamente exterior ao fenômeno, o que pode incluir, por exemplo, o ser humano que faz um diagrama do sistema solar visto desde fora. Ou seja, mesmo uma pessoa que faz parte de um acontecer pode imaginar-se fora dele e assim obter uma visão com a qual outros, igualmente externos, poderiam concordar e qualificar como objetiva.

## Figura 1

### *Diagrama dos Campos da Conduta*



A figura acima demonstra que apenas uma pequena porção da experiência vivida é conscientemente percebida, já que a extensão do campo da consciência corresponde a uma pequena porção do vivido. Por outro lado, o vivido se dá na materialidade do mundo, constituída pela natureza, pelo mundo humano, como natureza modificada e pelos outros.

O conceito de campo psicológico, que referimos, habitualmente, como campo de sentido afetivo-emocional, de modo a clarificar seu significado e assim distingui-lo de demais conceitos terminologicamente similares, é uma noção nuclear. Corresponde a mundos vivenciais, habitados intersubjetivamente, a partir dos quais emergem as condutas, correspondendo tanto às interpretações como a algo que ocorre na realidade sócio-humana, motivo pelo qual se pode dizer que sentidos afetivo-emocionais são criados/encontrados na pesquisa qualitativa com método psicanalítico. Portanto, todo ato sempre surge a partir de

campos de sentido afetivo-emocional que são intersubjetivamente produzidos, e não como criação individual puramente intrasubjetiva (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006). Aliás, considerando-se um processo evolutivo e histórico, entende-se que o próprio indivíduo é uma sofisticadíssima produção sócio-histórica. A compreensão afetivo-emocional dos atos, entendidos como acontecer humano, é o que visa a investigação que se realiza segundo a psicologia psicanalítica concreta.

O caráter interpretativo do método psicanalítico fundamenta-se no entendimento de que os atos humanos emergem a partir de campos de sentido afetivos-emocional e que podem ser compreendidos como eventos do acontecer humano, por mais que ressoem de modo estranhos ou inaceitáveis. Todo ato humano apresenta sentido e está vinculado a campos de sentido afetivo-emocional organizados ao redor de crenças e valores que nem sempre são claramente conscientes (Aiello-Vaisberg, 2014; Bleger, 1963/2018; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

Assim, pode ficar claro que os campos de sentido afetivo-emocional correspondem a inconscientes intersubjetivos que, no contexto da psicologia psicanalítica concreta, substituem o inconsciente recalcado, intrapsíquico e pulsional da metapsicologia. Tal substituição faz pleno sentido quando lembramos que nosso referencial segue do paradigma relacional, à luz do qual os vínculos são os determinantes da vida emocional e da dimensão psíquica. Nessa linha, o intrasubjetivo deriva da internalização do que é intersubjetivamente vivido (Bleger, 1963/2018).

Com essa teorização, apresentamos as condutas humanas como manifestações vinculares, que emergem de campos de sentido afetivo-

emocional e se inserem em contextos culturais, sociais e históricos, não sendo, portanto, meras exteriorizações do psiquismo individual, dissociado e desconectado do ambiente externo. O inconsciente passa a ser compreendido como um conjunto de campos de sentido afetivo-emocional que se entrecruzam conforme as linhas definidoras do contexto macrossocial que, na atualidade, é capitalista.

Se aderimos a uma ideia conforme a qual os sentidos afetivo-emocionais permaneceriam num reino psicológico que, constituindo-se apenas por fantasias, manter-se-ia à parte do acontecer humano, a percepção do que se passa nos imaginários coletivos poderia ser suficiente para a produção de conhecimento clínico relevante. Entretanto, desde que aprofundamos nossa percepção sobre os contextos macrossociais, percebemos cada vez mais claramente a importância dos sofrimentos sociais, já apontada por Bleger (1963/2018). Assim, temos nos debruçado cada vez mais na consideração dos contextos macrossociais, como demonstram, por exemplo, as seguintes produções: Visintin & Aiello-Vaisberg, (2017); Kopanakis, Silva & Aiello-Vaisberg (2021), Visintin, Schulte & Aiello-Vaisberg, (2021), Ortolam *et al.*, (2021), Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, (2017), Kopanakis, Ortolam & Aiello-Vaisberg, (2021). Neste momento, damos um passo metodologicamente relevante, no sentido de chamar a atenção para o fato de que o estudo dos contextos macrossociais pode ser trazido para a pesquisa empírica de modo mais claro por meio do uso do conceito blegeriano de campo ambiental.

Definido, em termos gerais, como aquilo que um observador relativamente externo ao acontecer humano em pauta pode perceber dialeticamente, o campo ambiental corresponde, no âmbito metodológico da pesquisa sobre imaginários

coletivos, ao modo como o pesquisador apreende o fenômeno estudado desde seu próprio ponto de vista intelectual, afetivo-emocional e ético-político, visão que a escola rio-platense cunhou sob a expressão Esquema Conceitual Referencial Operativo – ECRO (Pichon-Rivière, 2005). Portanto, uma importante distinção metodológica deve ser feita, na medida que os campos de sentido afetivo-emocional são interpretativamente produzidos por meio do uso da atenção flutuante e da associação livre de ideias, passos constitutivos do método psicanalítico, enquanto os campos ambientais são detectados por meio da adoção de uma perspectiva crítica dialeticamente informada. A combinação do método psicanalítico, voltado à produção interpretativa de sentidos afetivo-emocionais, com o pensamento materialista dialético, é aqui adotada de modo isento de preocupações epistemológicas, uma vez que a psicologia psicanalítica concreta consiste na combinação do método psicanalítico, que produz conhecimento sobre a dimensão afetivo-vincular dos atos humanos, com o pensamento materialista dialético (Bleger, 1963/2018) que se debruça criticamente sobre a realidade social a partir da ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013; Lessa, 2015). Sendo assim, cabe identificar e compreender, a partir de uma percepção dialeticamente informada da realidade social, campos ambientais cuja vigência contribuirá para apreendermos sua consonância e complementaridade com relação aos campos de sentido afetivo-emocionais encontrados.

A bem clareza, para melhor elucidar a perspectiva dialética, por meio da qual identificamos os campos ambientais, Bleger (1963/2018) faz uma importante distinção entre o materialismo dialético, visão que adotamos, e o materialismo mecanicista, caro ao positivismo, de modo a problematizar uma das

questões centrais de suas teorias, ou seja, a afirmação da vida humana concreta como fenômeno complexo socialmente engendrado, que motiva um combate incessante do reducionismo das visões mecanicistas que apreendem o homem como natural e isolado. Desse modo, o autor explicita que o materialismo mecanicista adere às leis do mundo mecânico, reduz e explica o mundo por meio de fenômenos físicos, químicos e mecânicos, e o ser humano como um ser natural, destacado e independente do mundo social. Já o materialismo dialético compreende os fenômenos da vida humana com um todo, de modo que, na perspectiva dialética, fenômenos não são vistos como fatos isolados, pois estes são sempre interdependentes e interatuantes. Destacamos, nas palavras de Bleger (1963/2018):

O materialismo dialético abarca de forma unitária a totalidade dos fenômenos, mediante leis gerais, que se aplicam de forma específica em cada nível da integração. Sustenta a unidade do todo existente numa permanente interdependência, de tal maneira que não há fatos isolados e a influência que se dá entre eles é uma permanente ação recíproca; o movimento é a maneira de existir da matéria mas, além disso, esse movimento não é mecânico, mera traslação no espaço e sim um movimento na própria estrutura existente, de tal maneira que tudo muda e se transforma, nada é estático, e o movimento se torna criador, dá lugar ao aparecimento de novos fenômenos e novos níveis de integração. Esse movimento é o movimento dialético, que existe como permanente luta de contrários dentro da unidade. A consciência e o pensamento não se explicam por um agrupamento de moléculas ou reflexos, mas sim que, situando o indivíduo como ser social, resulta um ser de uma natureza

distinta: uma natureza humana. O materialismo dialético integra a história da natureza com a história social ou, dito de outra forma, integra natureza e cultura. (Bleger 1963/2018, p.177)

Dessa forma, o materialismo dialético configura-se como um método<sup>38</sup>, que permite a compreensão da realidade social contraditória e que por essa razão está implícito na teoria e método da psicologia psicanalítica concreta que, por seu caráter é sempre dialética. Assim, percebemos, com auxílio de Bleger (1963/2018), Lukács (1978/2013), Lessa (2015) e Federici (2019a; 2019b & 2021), que existem campos ambientais, constituídos por configurações sociais, históricas e culturais que compõem o contexto no qual se inserem os campos de sentido afetivo-emocional a partir dos quais emergem as condutas que, na presente pesquisa, expressam-se por meio de desenhos-estórias elaborados pelos participantes.

Podemos dar por terminada essa parte, dedicada ao uso do conceito de campos ambientais, lembrando que o ponto ao qual chegamos, pela via do estudo dos sofrimentos sociais, de valorização dos contextos macrossociais, coloca-nos numa posição que tem certa semelhança com a proposta metodológica complementarista de Devereux (1972/1985), antropólogo/psicanalista que considerava fundamental conhecer os contextos antropológicos de ocorrência da experiência emocional.

---

<sup>38</sup> “O materialismo dialético é um instrumento, um método, tanto como uma concepção total do universo elaborada com esse método. A dialética é o movimento real que cumpre todos os fenômenos e é o método com o qual refletimos dito movimento real. Mas a dialética só pode ser utilizada por um pensamento dialético, que tolera e admite contradições para resolvê-las, que não as nega nem as suprime, mas sim que sofre e as integra”. (Bleger, 1963/2007 p.178)



Temos usado, frequentemente, em nossas pesquisas, o conceito de imaginário coletivo (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008), que se encontra implícito, mas não ausente do pensamento blegeriano, uma vez que este assimila e transforma dialeticamente algumas contribuições fundamentais, da escola kleiniana, relativas à concepção de fantasia inconsciente (Hinshelwood, 1989). Os imaginários coletivos originam-se no encontro entre o ambiente sociocultural e o potencial individual das pessoas. A gênese do ambiente sociocultural na vida humana se dá na relação com a mãe ou com outros adultos cuidadores do bebê de modo que, por meio da teoria winnicottiana (1962/1990), compreendemos o potencial individual como dependente das condições da saúde do corpo biológico, mas também relacionado com a esfera do meio social, antropológico, em que as pessoas nascem e se desenvolvem (Plastino, 2012). Desse modo, de acordo com Aiello-Vaisberg (2003 & 2007), a teoria winnicottiana atende as exigências teóricas e epistemológicas defendidas por Bleger (1963/2007), desde que seja depurada de um certo reducionismo ao biológico que apresenta caráter nitidamente conservador. Neste viés, delimitamos, com a ajuda da ontologia de Lukács (1978/2013), nossas afinidades com a teoria winnicottiana, que consideramos a mais relevante dentre as que se incluem na abordagem psicanalítica relacional (Bermejo, 2017).

Os imaginários coletivos se configuram como atos e como campos subjacentes a atos humanos, já que o agir cria ambientes que, por seu turno, tornam-se substratos a partir dos quais emergem novas condutas. Quando vistos como atos humanos, os imaginários coletivos correspondem a manifestações humanas que ocorrem, por exemplo, quando os participantes da pesquisa desenham um jogador de futebol e inventam uma história sobre a figura

desenhada. Mas os atos imaginativos emergem a partir de campos que já tinham sido criados por atos humanos anteriores. Assim, quando vistos como campos, os imaginários coletivos correspondem aos ambientes afetivo-emocionais, produzidos por atos humanos. Ou seja, atos produzem campos a partir dos quais novos atos surgem. Portanto, a ideia de que os atos apenas exteriorizam o psiquismo individual é uma simplificação inadequada, porque o próprio psiquismo é intersubjetivamente produzido. A investigação psicanalítica do imaginário coletivo de atletas consiste, assim, tanto na identificação das condutas imaginativas como na criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocional a partir dos quais emergem.

Um exemplo, relatado por Haider (2019), pode nos ajudar a melhor entender a dialética que se estabelece entre o imaginário como campo e o imaginário como conduta. O autor lembra que muitas sociedades humanas praticaram o escravagismo ao longo da história, sem vinculá-lo à cor da pele ou à ideia de raça. Focalizando o estado norte-americano da Virgínia, refere que, no início do século XVII, negros africanos e europeus foram colocados para trabalhar, lado a lado, por proprietários ingleses, na condição de servos por dívidas. Nessa época e lugar, inexistia a concepção de escravidão perpétua, o que explica que, até meados desse mesmo século, todos os servos alcançariam a liberdade após pagar suas dívidas, independentemente da sua cor de pele. Muitos, entre aqueles que se libertavam, tanto europeus como africanos, chegavam a comprar terras, tornando-se proprietários e, eventualmente, usando escravos. Ou seja, até um determinado momento, houve, nesse estado norte-americano, segundo atesta documentação histórica, proprietários negros que tinham servos brancos a seus serviços.

Assim, houve um período em que a questão racial não apresentou relevância político-social na Virgínia. Essa situação se modificou, ao que tudo indica, a partir do momento em que trabalhadores europeus e africanos revoltaram-se contra os proprietários, na chamada Revolta de Bacon. A resposta dada pelos proprietários foi bastante interessante e consistiu naquilo que pode ser posteriormente definido como “invenção dos brancos” (Haider, 2019). Assim, proprietários ingleses propuseram vantagens a trabalhadoras irlandeses, quebrando a aliança entre trabalhadores irlandeses e africanos. Essa modificação consistiu, portanto, na substituição imaginativa — praticada concretamente — da dicotomia trabalhador e proprietário, pela dicotomia brancos e negros. Claro que, no plano da realidade, algumas poucas vantagens foram realmente concedidas aos irlandeses que, não obstante, permaneceram trabalhando para os ingleses, mas desde uma posição imaginariamente superior à do negro. O imaginário da inferioridade racial nasce, portanto, nesse momento, porque, ao estabelecer a crença de que o branco é superior, torna sustentável um sistema no qual a escravidão do negro apresenta caráter perpétuo.

Desse modo, atos humanos racistas se repetem nos ambientes que criam, na medida em que favorecem a emergência de novos atos racistas que, por seu turno, fortalecem os campos, num movimento de retroalimentação. Isso não impede, entretanto, grupos africanos de lutarem contra o racismo, mas a verdade é que muitos negros chegam a internalizar crenças de inferioridade e que essas lutas geram, até hoje, um montante absurdo de sofrimento humano.

## Sofrimentos Sociais

Adentramos, nesse momento, à elucidação dos chamados sofrimentos sociais, termo que passa a ser utilizado, como expressão, pelas ciências psicológicas a partir dos anos oitenta, demonstrando um reconhecimento da influência do ambiente externo e fatores sociais no adoecimento psíquico e, também, um movimento de desvinculação de uma psicologia majoritariamente voltada a acepções intrapsíquicas, biológicas e centradas na individualidade da pessoa humana como organismo e ser provido de aspectos cognitivos.

Para tanto, contamos que na França, em 1993, Christophe Dejours cunhou o conceito de sofrimento social em sua obra *“Travail, usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail”*, para se referir a experiências emocionais, desconfortáveis e dolorosas, derivadas de situações de precariedade laboral, associadas ao surgimento de dificuldades de acesso à saúde, ao trabalho e a outros componentes sociais entendidos como direitos de cidadania. Posteriormente, Arthur Kleinman, Veena Das e Margare Lock (1997) ampliaram a abrangência desse conceito, em obra intitulada *“Social Suffering”*, que se tornou referência obrigatória na área. Para os autores, o sofrimento social é resultado de acometimentos sociais que influenciam a experiência humana, resultando em sofrimentos. Ainda nessa obra, os autores tecem uma crítica a respeito do risco de desumanização das experiências humanas, quando os acontecimentos são interpretados de forma desvinculada do contexto, como, por exemplo, quando os cenários social e político não são levados em consideração no estudo dos sofrimentos sociais.

Com base nessas compreensões, vigoram, na literatura científica, duas noções de sofrimento social, uma restrita e outra ampliada. O sentido restrito é

usado por Dejours (1993) e Kleinman, Das e Lock (1997), entre outros autores, que postulam o sofrimento social quando este pode ser claramente vinculado a questões tais como guerras, perseguições religiosas, racismo, fome, pobreza e tortura. Já o sentido ontológico ampliado vigora quando, adotando a ontologia marxista do ser social, afirma-se, como Bleger (1963/2018), que todo o sofrimento humano é social, já que o modo humano de existir é sempre coexistência. Essa segunda vertente teórica considera o sofrimento humano como um fenômeno relacional, dialético e socialmente fundamentado, justificando que pessoas sofrem a partir da vivência de sistemas coletivos de ser, agir, produzir e pensar.

A emergência da pessoa, vale dizer, a constituição do *self* individual, é fenômeno que se dá na interação entre o potencial individual e a cultura, entendida como ambiente social e historicamente produzido. Nas palavras de Sérgio Lessa (2016), ao explicar sobre a ontologia de Lukács: “[...] *ao responder os desafios postos pela vida com atos teleologicamente postos, os indivíduos se constroem a si próprios enquanto individualidade e, ao mesmo tempo, constroem a totalidade social [...]*” (Lessa, 2016, p. 91).

Assim, rejeitamos a ideia de sofrimentos causados por fatores internos (individuais) ou externos (sociais) porque, de acordo com a ontologia lukacsiana, adotada por Bleger (1963/2018), a individualidade é socialmente produzida. Portanto, o sofrimento, também, é socialmente produzido, numa perspectiva de fenômeno dialético entre sociedade e pessoa humana. A acepção ontológica implode a distinção entre sofrimentos “internos” (individuais) e “externos” (sociais) porque a individualidade é um fenômeno que se produz socialmente.

Entretanto, mesmo que consideremos os sofrimentos humanos em última análise como sociais, optamos por usar a expressão sofrimentos sociais para referir padecimentos claramente vinculados a fenômenos tais como: pobreza, fome, tortura, perseguições políticas e religiosas, xenofobia, guerra, patriarcalismo, racismo, transfobia, entre tantos outros. Desse modo, seguimos a tendência predominante na literatura psicológica atual, que define os sofrimentos sociais, ou sofrimentos socialmente estabelecidos, como aqueles que decorrem de situações de opressão, discriminação, humilhação e exclusão (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013; Renault, 2010).

Para terminar essa parte, do presente capítulo, voltamos a destacar que o estudo dos sofrimentos sociais tem-se revelado um propulsor significativo de aprimoramento metodológico de nossas pesquisas como da leitura de autores que, adotando perspectivas compatíveis com a psicologia psicanalítica concreta, ocupam-se do estudo da realidade social, tais como Lukács (1978/2013) e Federici (2019a). Além disso, concorrem, claramente, para a busca de diálogo com perspectivas complementaristas que foram inauguradas por Devereux (1972/1985) mas continuam sendo utilizadas por vários autores, como, por exemplo, Moro (2015).

Nesse sentido, afirmamos que a psicologia pode e deve estudar sofrimentos sociais, considerando-os como experiências vividas a partir de impactos gerados por condições sociais adversas. Assim, os sofrimentos socialmente determinados, que podem ser abordados pela psicologia com base em diferentes referenciais teórico-metodológicos, serão aqui considerados a partir do estudo dos imaginários coletivos de atletas em processo

profissionalizante que atuam nas categorias de formação de uma equipe sub-20. Para tanto, apresentamos a seguir os procedimentos investigativos de pesquisa.

### **Procedimentos Investigativos de Pesquisa**

Embora nosso grupo de pesquisa tenha, durante muito tempo, apresentado suas produções como pesquisa qualitativa com método psicanalítico, veio, ao longo do tempo, a melhor precisar sua definição, acrescentando, sempre que possível, o esclarecimento que informa acerca da adoção da psicologia psicanalítica concreta como perspectiva teórico-metodológica (Bleger, 1963/2018), informando que se inclui na abordagem contemporânea relacional da psicanálise (Kuchuck, 2021). No presente momento, damos um passo a mais, o qual vem sendo gestado desde que nos debruçamos sobre o estudo dos sofrimentos sociais (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017), que consiste em incluir a realização de um estudo crítico, dialeticamente informado, de parte do material de pesquisa, com vistas a melhor precisar os contextos macrosociais nos quais tem lugar a investigação. Agimos, desse modo, de forma coerente com a psicologia psicanalítica concreta, na medida em que se quer uma articulação entre a psicanálise e o materialismo dialético, algo que nos aproxima, malgrado outras importantes diferenças, da visão complementarista inaugurada por Devereux (1982/1985). Desta feita, cabe não apenas a apresentação do método psicanalítico, mas também do que entendemos por estudo crítico dialeticamente informado de parte do material de pesquisa.

No que tange ao método psicanalítico, vale lembrar que Freud (1922/1996) considerou, ao atender a demanda da Enciclopédia Britânica, que a psicanálise seria constituída por 3 dimensões: a de método investigativo, a de método terapêutico e a de teoria.

Aplicando-se ao estudo do método psicanalítico, Herrmann (2004) postula ser fundamental que se discrimine o método investigativo das teorias psicanalíticas, bem como do método psicoterapêutico, considerando que teorias e método psicoterapêutico derivariam do método investigativo, que se tem mantido invariante ao longo das décadas. Afirma, por outro lado, que uma multiplicidade de teorias e de procedimentos clínicos, que se mantêm fielmente alinhados ao método investigativo, têm sido forjados, dando origem a diferentes escolas, a muitas teorias e a uma notável extensão do conhecimento psicanalítico para entendimento de questões que inicialmente não estavam incluídas nas preocupações dos clínicos e estudiosos.

O método investigativo da psicanálise é classicamente definido em função de duas operações fundamentais: associação livre de ideias e atenção flutuante, cujas definições expomos a seguir:

Associação livre: método que consiste em exprimir, indiscriminadamente, todos os pensamentos que acodem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea (Laplanche & Pontalis, 1967/1971, p.69).

Atenção flutuante ou equiflutuante: modo como, segundo Freud, o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar *a priori* qualquer



elemento do seu discurso, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem, habitualmente, a atenção. Esta recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando (Laplanche & Pontalis, 1967/1971, p. 74).

Nos trabalhos do grupo de pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, temos usado esse método investigativo de forma ampliada, ultrapassando as definições de associação livre e atenção flutuante em termos meramente discursivos. Consideramos a associação livre como o cultivo da livre expressão subjetiva dos participantes, que pode se dar não apenas por meio de verbalizações, e a atenção flutuante como atitude fenomenológica de abertura ao encontro com o participante ou com o material cultural (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

Deve, assim, ficar claro que tratamos de criar, na presente investigação, condições para que os participantes da pesquisa se manifestassem e cuidamos de registrar sua manifestação, para interpretá-las e, a seguir, refletir e dialogar com outros autores sobre nossos resultados interpretativos. Para efeitos didáticos, esse processo será detalhado, um pouco mais adiante, sob forma de momentos sucessivos. Entretanto, antes de mais nada, cumpre esclarecer que a *démarche* investigativa, centrada no uso do método psicanalítico, foi complementada por um estudo crítico informado segundo uma perspectiva dialética.

Não é inteiramente nova, em nossos estudos, a ocorrência de enunciações críticas fundadas na visão dialética, o que é facilmente compreensível já que a psicologia psicanalítica concreta se insere numa

perspectiva filosófica marxista. Contudo, esse tipo de ação ficou sempre limitado às interlocuções reflexivas, que são a parte do trabalho que atualmente é designada, nas pesquisas empíricas em geral, como discussão dos resultados. Contudo parece-nos, no momento, em função da recente experiência na pesquisa aqui em pauta, ser conveniente incorporar o estudo crítico como etapa que se faz presente desde o momento do procedimento investigativo de produção do material de pesquisa. Claro que essa mudança não nos impedirá de retomar o estudo crítico nas próprias interlocuções, mas provavelmente nos proporcionará melhores condições de realização, de comunicação e de transmissão de conhecimento em processos de formação de novos pesquisadores.

Sendo assim, traremos esclarecimentos acerca do uso do método psicanalítico e do uso do estudo dialético-crítico quando descrevermos os três diferentes procedimentos investigativos por meio dos quais ordenamos a pesquisa qualitativa na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta:

- 1) Procedimento investigativo de produção do material de pesquisa
- 2) Procedimento investigativo de registro das comunicações
- 3) Procedimento investigativo de tratamento do material de pesquisa

O procedimento investigativo de produção do material de pesquisa, usado na presente investigação, abrange dois tipos de manifestação: desenhos e histórias produzidas pelos participantes, cujo imaginário visamos conhecer, e

uma narrativa transferencial, elaborada pela própria pesquisadora a partir de sua experiência como psicóloga que atua em clube de futebol.

Os desenhos e as histórias foram produzidos pelos participantes no contexto de uma sessão de atendimento grupal, organizada conforme o enquadre das Oficinas Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas e mediada pelo uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999). Esse recurso mediador foi desenvolvido a partir de trabalhos de Walter Trinca (1973 & 1976) à luz da transicionalidade, tomando paradigmaticamente, como referência, o jogo do rabisco de Winnicott (1968/1994). A elaboração de desenhos e histórias com tema tem-se revelado um recurso dialógico que facilita a expressão subjetiva, como atestam inúmeras teses e dissertações desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa<sup>39</sup>. Esse procedimento consiste em convidar os participantes a realizarem um desenho sobre o tema proposto pelo pesquisador, para a seguir inventarem uma história sobre a figura desenhada.

Nessa sessão estavam sendo atendidos 22 jovens que atuam na categoria sub-20 do futebol de formação profissional, em um clube formador situado no estado de São Paulo. O encontro teve a duração de, aproximadamente, 60 minutos, durante os quais os participantes confeccionaram seus desenhos e histórias. Nesse momento, a pesquisadora disponibilizou folhas de papel sulfite e lápis para os participantes, convidando-os a desenhar a figura de um jogador de futebol para, finda essa tarefa, inventarem uma história sobre a figura desenhada, a partir da seguinte instrução: — “agora

---

<sup>39</sup> O leitor pode obter uma visão clara de uma produção qualitativa e quantitativamente relevante consultando o currículo lattes da orientadora dessa tese.

vamos fazer uma atividade que usa a imaginação. Eu gostaria que vocês imaginassem e desenhassem um jogador de futebol, como vocês quiserem, e que escrevessem, no verso da folha, uma história sobre a figura desenhada”. Assim, foram produzidos os 22 desenhos e histórias que compõem nosso material de pesquisa.

A narrativa transferencial é um procedimento que viabiliza a concessão, ao pesquisador, de ter suas próprias reações, que derivam do Esquema Conceitual Referencial Operativo – ECRO (Pichon-Riviere, 2005), de estatuto de material de pesquisa. Essa providência ganha pleno sentido na pesquisa qualitativa que se faz segundo a consideração de que a experiência vivida é concretamente intersubjetiva, enquanto a busca da objetividade possível, necessária quando nos comprometemos com mudanças sociais, ocorre por meio do cultivo de senso crítico e o uso de certas teorias que podem clarear alguns fenômenos.

Elaborada em primeira pessoa, a narrativa transferencial consiste num texto que busca seguir a forma dos relatos oníricos que, como sabemos, constituem-se como sucessão de cenas das quais o contador se vê como testemunha única. Ao compartilha-las, o autor do relato tanto descreve cenas e ocorrências como os impactos que vivenciou como participante ou observador do sucedido (Aiello-Vaisberg *et al.*, 2009). Em muitos casos, as narrativas transferenciais tomam como referência um único encontro, seja uma oficina, entrevista ou sessão de atendimento, mas também é possível escrever desse modo sobre experiências que se estendem ao longo de períodos maiores de tempo. No que diz respeito à presente pesquisa, consideramos que a apresentação de um material mais sintético se revelaria mais conveniente,

motivo pelo qual a narrativa foi elaborada a partir de consideração do período inteiro de trabalho da pesquisadora na instituição esportiva.

O procedimento investigativo de registro das comunicações compreende tanto os próprios desenhos-estórias, confeccionados pelos participantes, como a narrativa transferencial elaborada pela pesquisadora. Esses dois tipos de material correspondem, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, a produtos que derivam de atos humanos sobre o mundo externo e permanecem acessíveis para além do momento em que foram elaborados.

Por fim, cabe distinguir, na presente investigação, o uso de dois diferentes procedimentos investigativos de tratamento do material de pesquisa. Um deles consiste num procedimento interpretativo, que segue, como veremos, os delineamentos próprios da pesquisa qualitativa com método psicanalítico na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, tendo como objetivo a criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. O segundo consiste num trabalho intelectual de caráter crítico, dialeticamente informado, que visa a identificação de campos ambientais, que correspondem aos contextos macrossociais nos quais se insere o fenômeno estudado, no caso as elaborações imaginativas de jovens meninos, em processo de formação futebolística, sobre a vida do jogador de futebol. Em ambos os casos, o tratamento do material é influenciado pelo Esquema Conceitual Referencial Operativo – ECRO (Pichon-Rivière, 2005) da pesquisadora, mas a segunda das análises apela a elementos de caráter mais intelectual, crítico e consciente da pesquisadora, enquanto o método psicanalítico faz uso amplo das ressonâncias afetivo-emocionais que as manifestações dos participantes evocam na subjetividade daquela que realiza a investigação.

Os desenhos-estórias produzidos pelos 22 participantes foram abordados a partir do cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias em busca da produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional. Para realizar essa tarefa, lançamos mão das palavras de ordem metodológicas: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido” (Herrmann, 1979). Desse modo, a pesquisadora conseguiu chegar à proposição interpretativa de campos psicológicos não conscientes, segundo os quais se organiza o imaginário coletivo. Os campos foram definidos de modo minimalista por meio da criação/encontro de fantasias ou crenças nucleares ao redor das quais se constelam, colocando-se como substratos a partir dos quais emergem manifestações imaginativas.

A narrativa transferencial produzida pela pesquisadora foi abordada segundo uma outra intenção, vale dizer, tendo em vista perceber, de modo fundamentalmente crítico, como formações imaginárias, presentes no espaço social, que se caracteriza, estruturalmente falando, como campo de contendas e disputas, interferem na subjetividade dos jovens atletas. Em jargão psicanalítico, esse campo poderia ser qualificado como paranoide, na medida em que nele a autodefesa se faria uma necessidade constante, sempre que, de acordo com Bleger (1963/2007), uma capacidade de observação acurada se mantivesse íntegra. Realiza-se pela aplicação de formulações teóricas de três autores principais, Bleger (1963/2018), Lukács (1978/2013), em leitura didaticamente facilitada por Lessa (2015) e Federici (2019a & 2019b). Em termos gerais, podemos declarar que essas teorias nos levam a aceitar proposições básicas relativas que se encontram maximamente atualizadas nos textos de Federici (2019a & 2019b) na medida em que permitem uma visão do

capitalismo não apenas em termos de luta de classes, mas como formação cisheteropatriarcal.

Adiante, após a realização dos procedimentos mencionados, foram tecidas interlocuções reflexivas, cuja elaboração demanda a suspensão de atenção flutuante e associação de ideias, mas não do cultivo da perspectiva crítica. Estas consistem em trabalho intelectual de ordem teórico-reflexiva, que se faz, dialogicamente, incluindo formulações de autores que se manifestaram sobre questões para as quais os campos apontam, o que corresponde, na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, ao aprofundamento do sentido das interpretações formuladas.

### Capítulo 3. Apresentação do Material de Pesquisa

*Confesso que o futebol me aturde, por que não sei chegar até seu mistério. Entretanto a criança menos informada o possui. Sua magia opera com qual eficiência sobre eruditos e simples, unifica e separa as grandes paixões coletivas. (Carlos Drummond de Andrade, 2014,p.20)*

O material de pesquisa foi produzido a partir de uma entrevista psicológica coletiva, organizada ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Dela participaram 22 atletas em formação futebolística, que compunham a categoria sub-20, da Ferroviária S/A, no período desta intervenção. Esses atletas eram acompanhados continuamente pelo serviço de psicologia do clube e com regularidade participavam de intervenções psicológicas, a maioria das quais no enquadre de Oficinas de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas, segundo o estilo clínico “Ser e Fazer”<sup>40</sup>.

Dividimos este capítulo em três seções. Na primeira parte, cuidamos de caracterizar os participantes da pesquisa quanto aos aspectos sociodemográficos. Na segunda parte, apresentamos uma narrativa

---

<sup>40</sup> As Oficinas de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas têm acontecido no ambiente esportivo há cerca de 4 anos e foi inspirada no pensamento winnicottiano, segundo o qual o processo de amadurecimento emocional, que se realiza quando as potencialidades herdadas podem acontecer em um ambiente suficientemente bom, permitiria que tendências latentes se transformem em capacidades. Esse quadro clínico foi criado na Universidade de São Paulo e se caracteriza pelo uso de materialidades mediadoras, pela adoção do *holding* como intervenção fundamental e por ser realizado preferencialmente em grupo (Aiello-Vaisberg et al., 2003a; Aiello-Vaisberg et al., 2003b; Machado et al., 2003).

No âmbito do cuidado emocional destinado aos jogadores de futebol, esse estilo interventivo foi organizado com a proposição de atividades lúdicas nas quais se pretende constituir um ambiente suficientemente bom para favorecer o desenvolvimento das capacidades requeridas na prática de futebol. Portanto, a intenção não é aprimorar competências, que são habilidades aprendidas de maneira artificial e mecânica, mas sim se apropriar ativa e criativamente de um “ser e fazer” que emana da experiência de si como o eu real. Entre essas capacidades estão a solidariedade e união com os demais membros da equipe, a capacidade de se comunicar emocionalmente e a capacidade de autoconfiança, com a qual a ansiedade pode ser mantida em um nível facilmente tolerável.



transferencial sobre o contexto da vida de atletas pertencentes às categorias de formação do futebol, elaborada pela pesquisadora. Por fim, na terceira parte, compartilhamos os desenhos-estórias produzidos pelos participantes durante a entrevista psicológica coletiva.

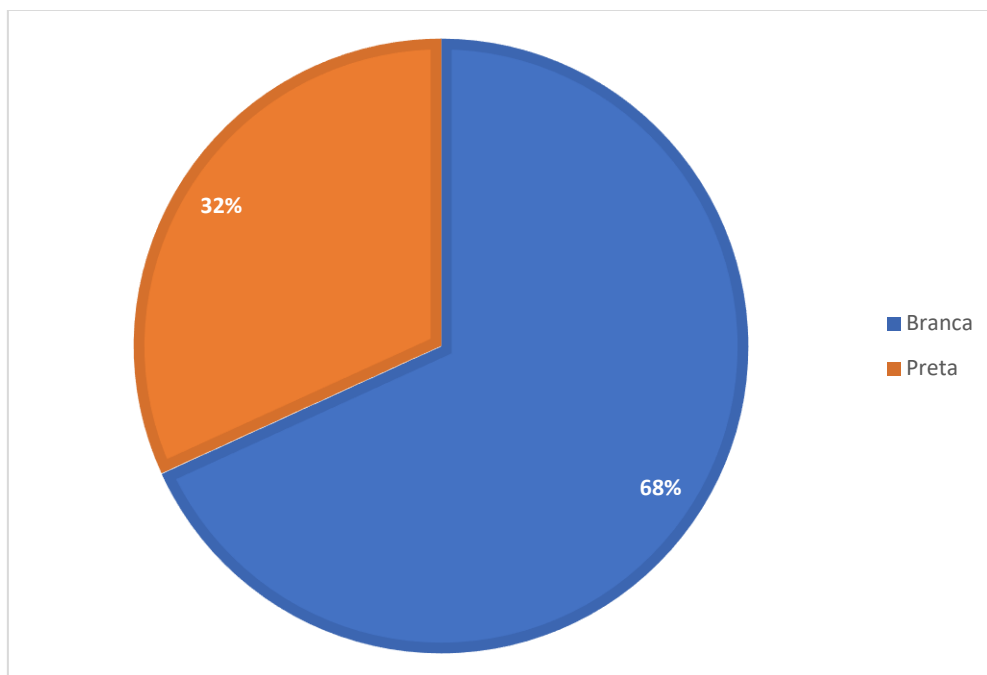
### **Caracterização dos Participantes da Pesquisa**

Participaram da entrevista psicológica coletiva 22 atletas com idades entre 17 e 20 anos de idade, membros de uma equipe de futebol masculina. Todos os participantes recebiam ajuda de custo do clube e alguns já possuíam contratos profissionais. As informações a seguir, exposta em gráficos, foram coletadas de documentos institucionais pertencentes aos serviços de Psicologia e Serviço Social do clube e buscam ilustrar as características dos participantes da pesquisa.

Com relação a raça, sabemos que dos 22 entrevistados, 7 (32%) se reconheciam como pretos e 15 (68%) como brancos, conforme representado no gráfico a seguir:

## Gráfico 1

*Caracterização dos participantes quanto a raça/cor*



De acordo com o gráfico acima, inferimos que a maioria dos participantes se reconhecia<sup>41</sup>, no momento da intervenção, como brancos.

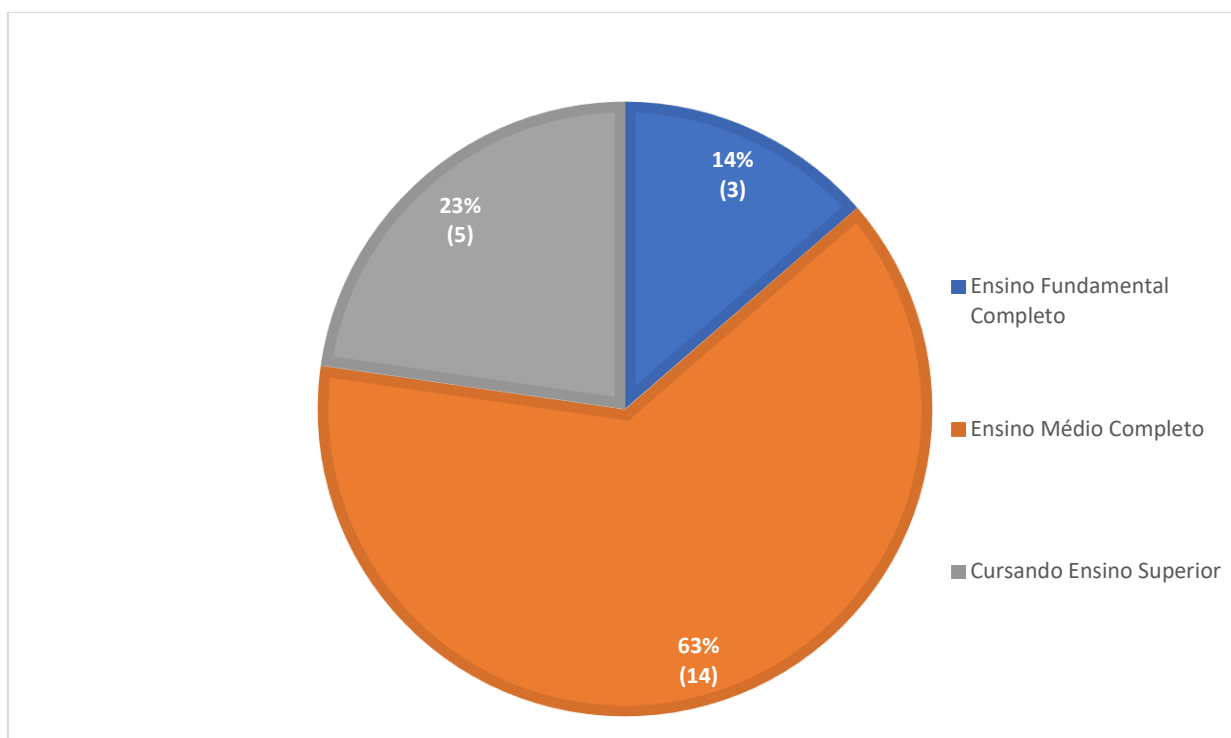
Quanto à escolaridade, apresentamos as informações contidas no gráfico abaixo:

---

<sup>41</sup> Informamos que optamos por deixar a característica relacionada a auto identificação aqui mencionada, mas não nos deteremos nela, mesmo que reconheçamos sua importância, conforme demonstrado por Aiello-Fernandes (2013; 2018), cujos estudos indicam que durante muito tempo vigorou no Brasil o chamado mito da democracia racial, conforme o qual os negros enfrentariam condições adversas por pertencer às classes subalternizadas e não por racismo. Esse mito foi derrubado, de modo que sabemos hoje que a interseccionalidade raça e classe corresponde a situações concretas extremamente duras, que geram sofrimentos sociais importantes. Nossos participantes se auto identificam predominantemente como brancos, mas é importante afirmar que considerá-íamos alguns desses como não brancos. Entendemos que essa disparidade provavelmente reflete o anseio de apresentarem características mais valorizadas socialmente. Contudo, não nos deteremos nessa discussão porque exigiria o domínio de uma ampla bibliografia suplementar - além daquela que estudamos para elaborar nossa pesquisa.

## Gráfico 2

*Caracterização dos participantes quanto a escolaridade*



De acordo com as informações ilustradas acima, no momento da intervenção, 14 (63%) atletas possuíam ensino médio completo, 3 (14%) atletas detinham apenas o ensino fundamental completo e 5 (23%) dos atletas estavam cursando ensino superior e, portanto, detinham ensino médio completo. Esses dados demonstram que a escolarização e a busca por formação escolar superior não são preponderantes entre jovens que se encontram em processo de profissionalização no futebol.

Quanto a renda familiar desses atletas, encontramos a seguinte configuração:

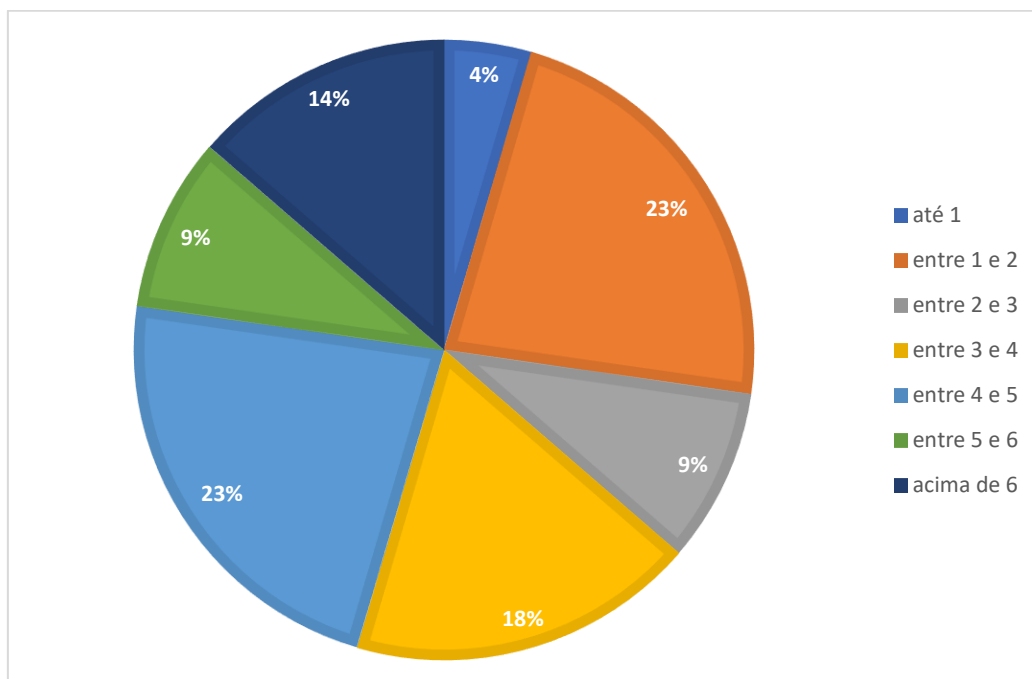
**Tabela 1**

*Caracterização dos participantes quanto a renda familiar*

<b>Faixa de Renda</b>	<b>Quantidade de Famílias</b>
Salário mínimo em 2018 = 954 reais	
Até um salário mínimo	1
Até dois salários mínimos	5
Até três salários mínimos	2
Até quatro salários mínimos	4
Até cinco salários mínimos	5
Até seis salários mínimos	2
Mais de seis salários mínimos	3

**Gráfico 3**

*Caracterização dos participantes quanto a renda familiar em salários mínimos*



Considerando que em 2018 o salário mínimo equivalia a 954 reais (BRASIL, 2017)<sup>42</sup>, as informações acima demonstram que 12 das famílias desses atletas (54,5%), ou seja, a maioria, vivem com renda abaixo de 3.816 reais por mês (4 salários mínimos), sendo que desses, 6 (27,2%) vivem com renda igual ou inferior a 1.900 reais (2 salários mínimos) por mês. Consideramos a renda familiar como a somatória total da renda de todos os familiares.

Já em relação ao número de familiares por domicílio, evidenciamos os seguintes dados:

## **Tabela 2**

*Caracterização dos participantes quanto a configuração domiciliar*

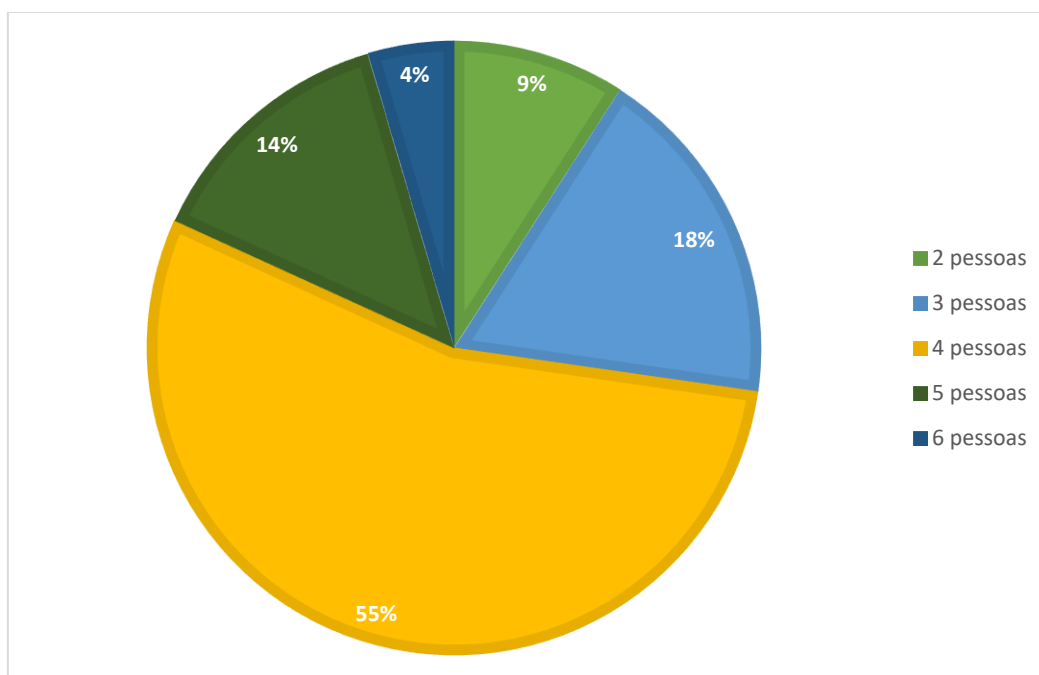
<b>Número de familiares por residência</b>	<b>Quantidade</b>
2 pessoas	2
3 pessoas	4
4 pessoas	12
5 pessoas	3
6 pessoas	1

---

<sup>42</sup> Decreto n°9.255, de 29 de dezembro de 2017

**Gráfico 4**

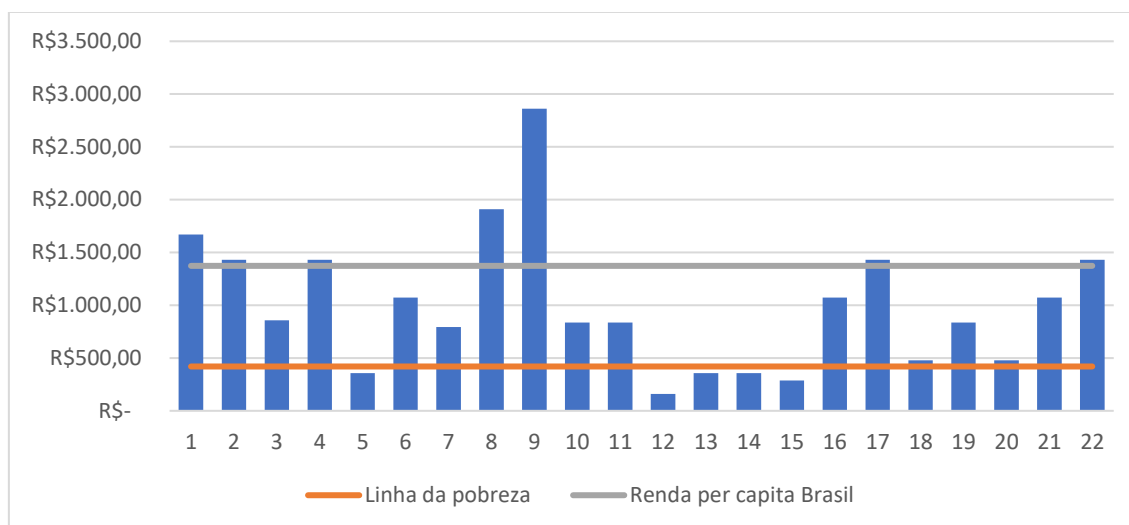
*Caracterização dos participantes quanto a configuração domiciliar*



De acordo com as informações obtidas na tabela e gráfico acima, sabemos que a maioria dos atletas participantes desse estudo vivem em casas que abrigam de 4 a 6 pessoas. Ao cruzarmos essas informações com a renda dessas famílias, encontramos um cenário de pobreza atingindo a maioria das famílias de jovens participantes do estudo, conforme as informações disponibilizadas no gráfico da renda per capita domiciliar dos participantes, inserido abaixo:

## Gráfico 5

### *Renda per capita domiciliar dos participantes do estudo*



Observando o gráfico acima, podemos perceber que 15 dos 22 atletas possuem renda per capita domiciliar abaixo da renda per capita brasileira<sup>43</sup>, sendo que, desses, 5 estão abaixo da linha da pobreza<sup>44</sup> (Fundação Getúlio Vargas Social, 2018). Portanto, as informações obtidas revelam que as condições socioeconômicas da maioria dos atletas e de suas famílias encontram-se aquém do ideal, demonstrando que lidamos com jovens que vivem condições provenientes de classes sociais subalternizadas.

Assim, com base nas informações dispostas acima, intentamos compreender alguns dados sociodemográficos dos nossos participantes de modo a subsidiar e compor as discussões posteriores a respeito dos campos

<sup>43</sup> A Renda per capita brasileira é o resultado da soma da renda recebida por cada morador, dividido pelo total de moradores do domicílio e, em 2018, correspondia a 1.373 reais por mês segundo as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018). Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3100/rdpc\\_2018.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3100/rdpc_2018.pdf)

<sup>44</sup> A linha da pobreza é a determinada pela FGV Social, cujo valor, em agosto de 2018, correspondia a 233 reais por mês por pessoa.

que emergiram do material de pesquisa produzido pelos atletas. Passemos, agora, para a transcrição dos desenhos e histórias, que constituem o registro do referido material.

## **A Narrativa Transferencial**

Na sequência apresentamos a narrativa transferencial sobre o contexto da vida de atletas pertencentes às categorias de formação do futebol.

### *Narrativa transferencial*

*Começo lembrando que a sessão de atendimento, que deu origem aos desenhos-estórias da minha pesquisa de doutorado, ocorreu no ano de 2018. Era uma das sessões grupais realizada segundo o estilo clínico Ser e Fazer, e está na origem do que passei a implantar, no clube, como Oficinas Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas. Trata-se de um enquadre clínico diferenciado, inspirado nas Oficinas Terapêuticas de Criação que, na Universidade de São Paulo (USP), originaram vários mestrados e doutorados orientados pela Tânia Aiello-Vaisberg. Entretanto, logo percebemos que não seria viável usa-las no clube, por uma série de motivos.*

*Sendo assim, depois de conversar e ler um artigo em que a Tânia e a Andreia Botelho abordaram a questão do desenvolvimento de capacidades, pensada de um jeito winnicottiano, comecei a imaginar uma oficina para os jogadores das várias categorias. Desse modo, foi ficando cada vez mais claro para mim que deveria organizar as Oficinas Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades substituindo as materialidade mediadoras, usadas nas Oficinas Terapêuticas Ser e Fazer, pela proposição de atividades lúdicas, por meio das*



*quais eu poderia criar um ambiente brincante, que os winnicottianos estão acostumados a chamar de ambiente suficientemente bom, pensando que esse poderia contribuir para o desenvolvimento de capacidades requeridas pela prática do futebol.*

*Mas aqui há um ponto bem importante, que eu preciso registrar, relacionado ao fato de que trabalhar num clube de futebol, como eu, é muito diferente de trabalhar em consultório ou em instituições que conservam as características de consultório. Então, é importante dizer que estou com os atletas em dois diferentes tipos de situação: em atendimentos psicológicos que se organizam como enquadres e em situações do cotidiano do clube. Sendo assim, meu convívio com todos acaba sendo muito grande e sou mais uma profissional que participa do grande objetivo do clube que é formar jogadores de futebol. Aliás, também é importante lembrar que não trabalho apenas com os atletas das categorias de base, pois também atendo o time profissional masculino e o time profissional feminino. Acho muito importante a formação do jovem – o que motivou escolher fazer minha pesquisa de doutorado com os atletas em formação – mas minha vivência no clube inclui uma atenção a todos os atletas e, também, minha inserção na equipe de atletas profissionais.*

*Falando agora dos meninos em formação, acho importante dizer que o convívio com muitos jovens, junto a experiência de estar com eles na realização das oficinas Ser e Fazer, permitiu-me fazer um grande mergulho na vida deles, no que o Politzer e o Bleger chamariam de drama e nós chamamos, muitas vezes, de dramática do viver. Estando no clube desde 2017, pude acompanhar a trajetórias de muitos. Alguns passaram pelo clube e já foram embora, indo para outros clubes ou interrompendo as carreiras que buscavam. Entre esses, há*

*alguns que continuam mantendo contato próximo comigo. Mas há alguns que continuam na instituição até hoje. Nesse caso, eu sei muita coisa sobre a vida deles, tenho um convívio muito próximo, o que é muito diferente do que ocorre quando nos encontramos com pacientes no consultório, apenas durante as sessões.*

*Acontece que no futebol de formação, pela razão dos meninos morarem em alojamento e ficarem longe de suas famílias, acabamos nos estruturando como um novo tipo de família, que vive e convive diariamente. Falo em família porque é o que eu sinto pela proximidade que acontece. Nesse sentido, o mundo profissional também permite que criemos laços, vínculos e possamos dividir as nossas vidas com eles. Realmente, é algo muito diferente de um consultório de psicologia.*

*Nessa rotina de trabalho, nós, os psicólogos, realizamos uma série de atividades, tais como acompanhamento de treinos; atendimentos grupais, individuais e familiares; orientação a membros de comissão técnica; atendimento de colaboradores do clube; palestras; planejamento de campanhas e atividades que promovam uma boa formação humana; trabalho em jogos e viagens de competição; acompanhamento do rendimento escolar; acompanhamento e encaminhamento de casos ao serviço social; e organização e gestão do alojamento, entre outras. A possibilidade de inserção nesse mundo permite que alcancemos algumas compreensões sobre o drama da vida de atletas em formação futebolística.*

*Tem um lado do meu trabalho com esses meninos que me gratifica muito como pessoa. Vejo, nas atividades deles, uma bonita dimensão brincante, com a qual nos deparamos ao assistir um jovem fazer diariamente aquilo que ele ama*

*fazer. É lindo vê-los correr pelos campos exibindo suas incríveis habilidades. Assim, entre dribles, rodopios, gols, faltas, cartões, treinos, frustrações, lesões, escalações, vamos conhecendo esse universo e percebendo o amadurecimento individual de cada um, dentro e fora de campo.*

*Outro aspecto que me toca profundamente, é o fato de muitos meninos - a maioria- acreditarem que podem conquistar tudo com o que sonham por meio do próprio esforço, por vezes extremado e para além dos limites do que seria saudável para uma pessoa tão jovem. Eles não consideram o contexto externo, as dificuldades, o déficit educacional que a maioria carrega, as condições de pobreza a que estão submetidos. Acreditam que tudo se resolve com esforço, ou como eles dizem, “dando o sangue”, e bem sabemos que a realidade brasileira está longe de permitir que somente o esforço seja o propulsor do sucesso, diante da desigualdade social que assola o país. Por conta disso, quando os meninos esforçados não alcançam seus objetivos, sentem a culpa de não terem se esforçado o suficiente, o que por muitas vezes está longe de corresponder à realidade.*

*Junto a isso está a busca desses jovens por transformar a realidade de suas famílias. Aliás, a queixa de saudades da família e o desejo de dar a família uma casa, uma condição melhor, é um eco em constante ressonância nesse mundo do futebol de formação. Trabalhando com esses jovens há cinco anos, escuto e lido com essas mesmas queixas e problemas. Sei que essas questões também estão presentes nos demais clubes brasileiros que oferecem formação futebolística, porque meninos de classes abonadas dificilmente buscam o futebol como profissão e meio de renda, preferindo fazer faculdade.*

*Hoje digo que me inserir como psicóloga no mundo do futebol resultou numa feliz descoberta, que acabou despertando em mim uma paixão pelo esporte e, sobretudo, pela vida dos atletas. Como profissional do ramo, sinto ter o dever de fomentar e construir mudanças que favoreçam os atletas em formação, ciente de que o futebol é um retrato de nossa sociedade com uma pitada de glamour. Espelhando nossa sociedade, o contexto da vida dos meninos não se difere muito do que encontrava trabalhando no Sistema Único de Assistência Social, minha experiência de trabalho anterior.*

*Para alguns, a inserção no futebol de formação traz, de fato, transformação de suas vidas, não só em função da profissionalização, mas também pelo que acontece durante esse processo. Tenho presenciado, na instituição em que trabalho, desenvolvimento pessoal, promoção da educação, formação crítica, cultura, fortalecimento de vínculos sociais e familiares e, até mesmo, auxílio às famílias em condição de subalternização, por meios que vão desde a inserção delas em redes municipais de proteção, por meio da atuação do Serviço Social do clube, até estratégias criadas pela própria instituição de futebol. Como dizem por aí, não é só futebol! Nunca foi e jamais deve ser só o futebol. A questão gira em torno da possibilidade de transformação humana pelo futebol.*

*Por fim, sempre que podemos estar nos espaços ocupados pela juventude, respiramos alguns ares de esperança que alimentam nosso fôlego. E quando trabalhamos com jovens atletas, precisamos muito desse fôlego!*

## **Desenhos-Estórias**

As produções a seguir estão demonstradas de modo a preservar o anonimato dos participantes da pesquisa. Assim sendo, parte dos desenhos onde constam nomes próprios e escrita cursiva foram retirados.

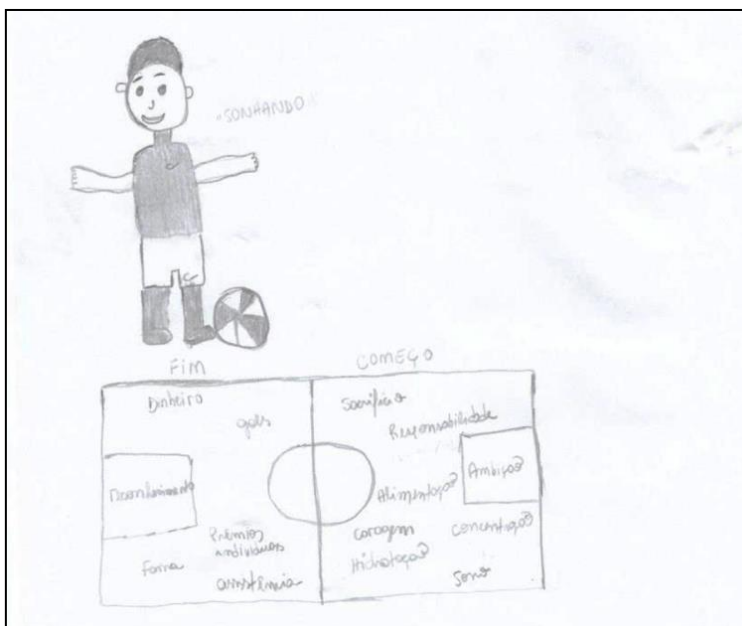
P1



*Ele é Tiago Silva jogador de futebol, na infância ele passou por várias dificuldades para conseguir realizar o sonho dele desde muleque, os pais não davam apoio, passou fome, não tinha dinheiro para pegar o ônibus para ir treinar e tudo isso foi fatores que influenciaram ele a desistir, nada dava certo, fez 10 teste em clubes e não passou em nenhum e mesmo assim ele nunca desistiu. Certo dia ele estava jogando futebol com os amigos no campo perto de onde ele morava e um olheiro viu ele jogando e se interessou, ai foi falar com a família sobre a oportunidade de leva-lo pra fazer teste em um clube grande e a família não queria que ele fosse e ele por conta própria foi atrás do olheiro e falou que queria ir porque aquilo era o sonho dele, ele chegou em casa e conversou com a família dele sobre a oportunidade e a família dele autorizou que ele fosse viajar, chegando no clube ele não foi recebido bem pelos outros jogadores e logo se sentiu mal com a situação, mas ele seguiu em frente e não deixou isso abalar ele, quando fez seu primeiro treino o treinador se encantou com ele, logo na primeira semana já foi aprovado e logo já ligou para sua família contando a novidade e os familiares ficaram muito felizes por ele, aí ele cresceu e está fazendo história no futebol na atualidade, e hoje ele está bem de vida, mudou*

*sua vida e de sua família, casou, constituiu família e continua brilhando no futebol.*

P2



*Júnior, tem um sonho de se tornar um jogador profissional, mas para isso terá que passar por muitas coisas para chegar ao sucesso, terá que abrir mão de coisas como bebidas, festas, treinar no feriado, ficar sem ver a família por um bom tempo, etc.*

*Para chegar ao topo eu illustrei uma imagem onde tem duas partes, o começo e o fim. Muitas pessoas só olham o fim do sonho, e esquecem tudo que passamos para conquistá-lo e chegar ao sucesso.*

*Para chegar ao sucesso é muito difícil, teremos momentos bons e ruins na vida, são poucos atletas que conseguem a realização desse sonho, pouquíssimos.*

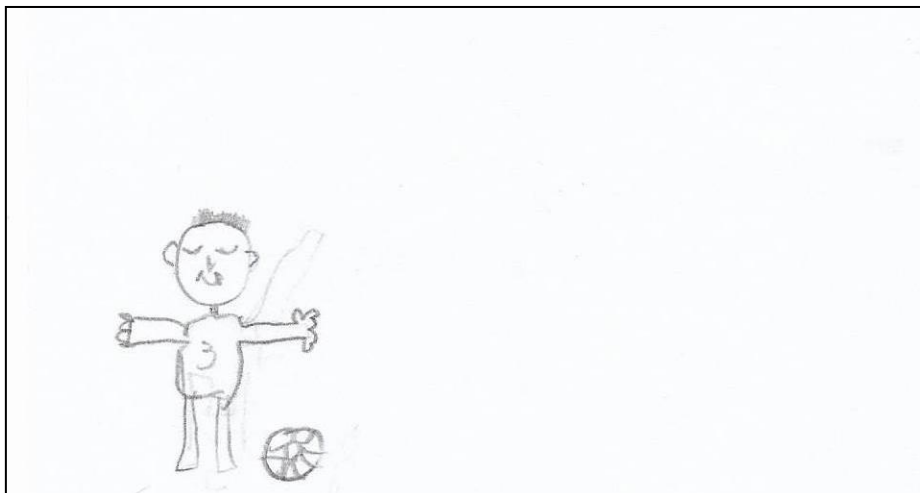


P3



*Marcos Quadrado, nascido em Cosmópolis, é um jogador de qualidades bastante admiradas e imprescindíveis no futebol atual. Com tomadas de decisão simples, e poucos erros técnicos, é o tipo de atleta que qualquer treinador gostaria de possuir em seu plantel, que se dedica e procura entregar para o time mais do que para si. O jogador capaz de tacar e defender com a mesma força e intensidade, além de seus cruzamentos precisos, utilizando-se da ambidestria. O simples parece ser fácil aos olhos de quem assiste, mas somente quem pratica esse esporte tão complexo entende que o “simples” é o mais difícil de ser feito.*

P4



*Meu nome é (...), tenho 20 anos e desde muito novo meu sonho é ser um jogador de futebol. Estou nesse processo alguns anos, pra ser um pouco mais exato desde os meus 14 anos de idade.*

*Eu venho de uma periferia de São Paulo, SP, jogava em um projeto no meu bairro, onde meu agente me viu jogar e gostou do meu futebol, daí em diante estamos juntos buscando alcançar nossos objetivos, sonhos...*

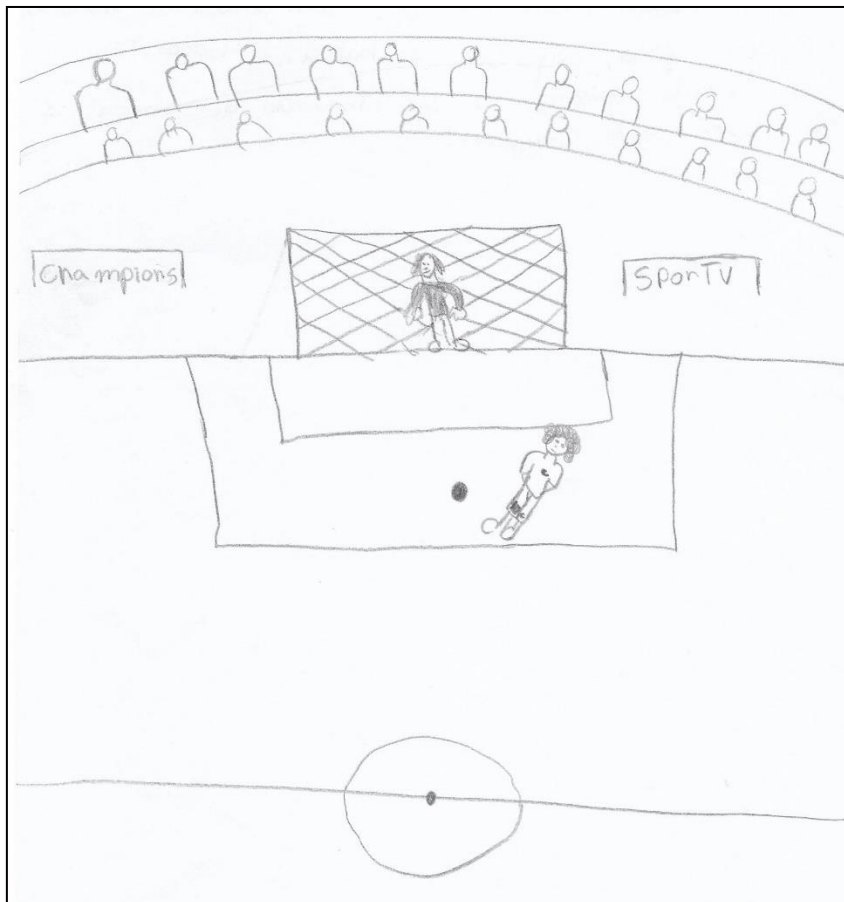
*Faz 6 anos que estou nesse processo de formação para se tornar um jogador profissional. Durante esses 6 anos já tive muitas experiências, boas, ruins, extraordinárias e frustrantes também, sacrifícios e muitas renúncias. Estou aqui hoje com 20 anos, mas com o mesmo sentimento, desejo e fé de quando eu sai de casa com 14 anos, de querer realizar o meu sonho, de alcançar os meus objetivos, pois durante todos esses anos, com várias experiências eu aprendi muito, amadureci, criei personalidade boa, isso é o mais importante além de realizar o seu sonho se tornar uma grande pessoa.*

P5



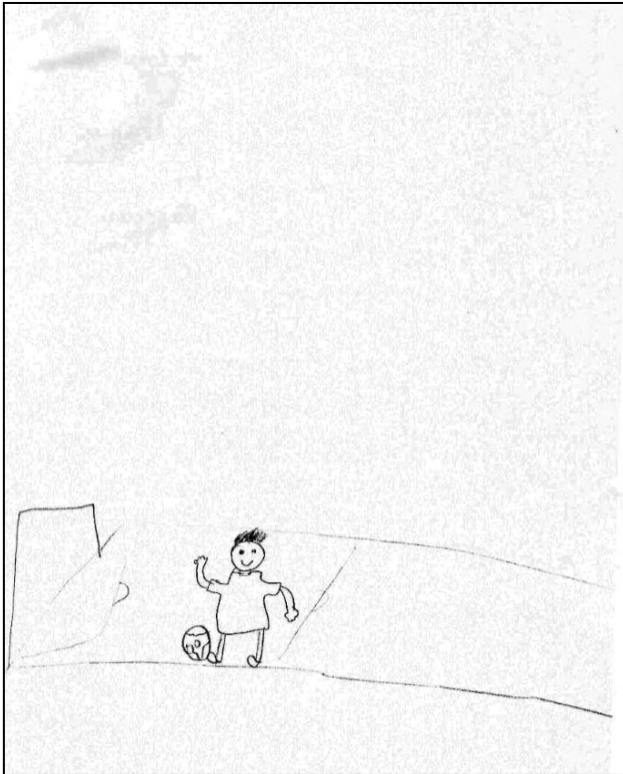
*Resolvi falar do Cristiano Ronaldo porque ele é uma inspiração para mim, focado no trabalho mesmo sendo melhor do mundo ele sempre procura evoluir cada dia mais. Sinal de que se você focar no seu trabalho pega firme bem provável q você vai chegar aonde sempre sonhou.*

P6



*Adam Smith, jogador reconhecido no cenário mundial, estava em um momento conturbado da sua vida, sua filha que tinha apenas meses de vida havia falecido. Estando em um momento muito importante em sua carreira profissional, estava diante de um pênalti em uma final. A multidão gritando, uma pressão enorme. Muitas coisas passavam na sua cabeça no momento, Ele foi frio, respirou e bateu....Gooooo! A torcida gritando e ele chorando de emoção, é ele tinha sido campeão!*

P7



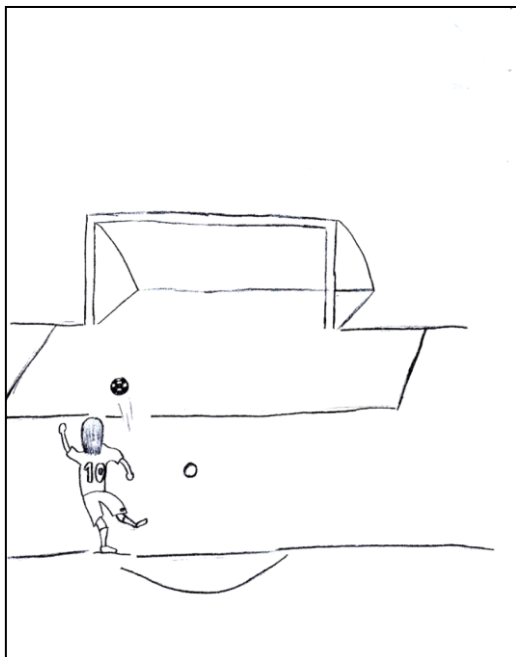
*José era um menino de pernas tortas que adorava jogar futebol. Desde criança, chutava bola o dia todo pela casa, e a noite dormia com ela ao seu lado.*

*Aos 6 anos entrou na escolinha de futebol de sua cidade (Araraquara), onde foi desenvolvendo todas suas habilidades motoras. A cada ano que passava, José melhorava e se destacava nos campeonatos, até que um dia foi convidado para começar a treinar no clube da sua cidade, a Ferroviária. Então, aos 14 anos, José entrou na Ferroviária, onde está até hoje aos 19 anos.*

*Ele já passou por momentos incríveis dentro desse clube, onde fez gols, participou de jogos importantes, torceu e vibrou com cada vitória. Mas também passou por momentos ruins, com condições péssimas no início, com algumas derrotas e eliminações e principalmente com as lesões que o impedem de fazer o que ele ama.*

*Mas José nunca perde a fé, a esperança, e a vontade de realizar seus sonhos, de jogar profissionalmente e ajudar aqueles que sempre estiveram ao seu lado.*

P8



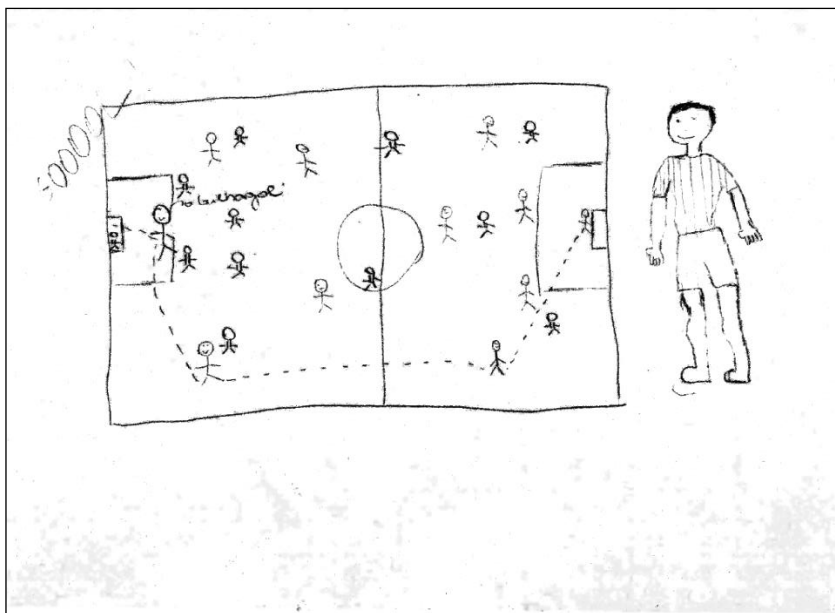
*O jogador em seu jogo de estreia com o profissional abre o placar, depois de cortar todo mundo e o goleiro. Ele fez seu primeiro gol como profissional.*

*Depois de boas atuações na base o jogador Felipe subiu para treinar com o profissional ele que vem de uma família bem estruturada e com boa cabeça em relação aos atletas de sua idade, demonstrou bons treinamentos e surpreendeu a todos com uma boa qualidade técnica e muita força de vontade ele de impôs nos treinamentos como se ali fosse seu lugar e é o seu lugar. E assim foi escalado como titular.*

*Sabe lidar bem com pressão de um jogo profissional e de demonstrou uma pessoa calma, atenta e concentrada no vestiário antes do jogo.*

*E até um dos momentos mais esperados de sua breve carreira que é o gol, ele foi tudo aquilo que é na vida, nos treinos e nos seus jogos pela categoria de base.*

P9



*Essa é a história de Gilberto, um grande atleta. Por muitas vezes desacreditado, porém jamais desistiu.*

*Gilberto teve uma trajetória difícil no futebol, cresceu jogando em Santo André. Ali, fez toda a sua formação, mas desde seus 15 anos. Foi muito pouco valorizado, pouco incentivado pelo clube e com poucas oportunidades, entretanto, contém em seu caráter um guerreiro, batalhador, que sempre soube onde queria chegar um dia. Poderia não ser utilizado, que mesmo assim continuava com sua postura atlética.*

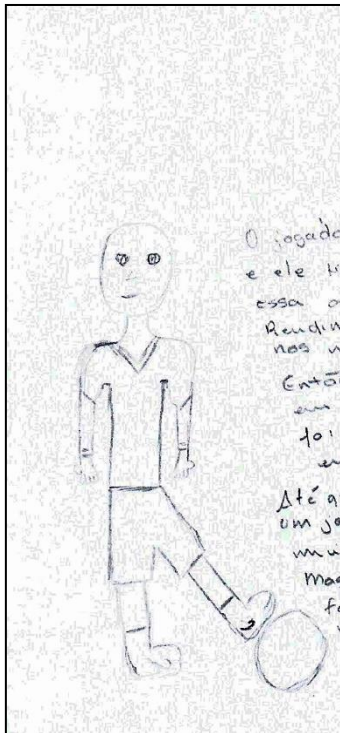
*Após anos se dedicando, Gilberto teve uma oportunidade, a sua chance! Ele deu tudo de si, afinal estava preparado e foi prestativo ao ser contratado pelo seu time do coração.*

*Hoje ilustro o Gilbagol, artilheiro do campeonato baiano, decidindo mais um jogo e sendo campeão baiano!*

*Parabéns Gilberto!*



P10



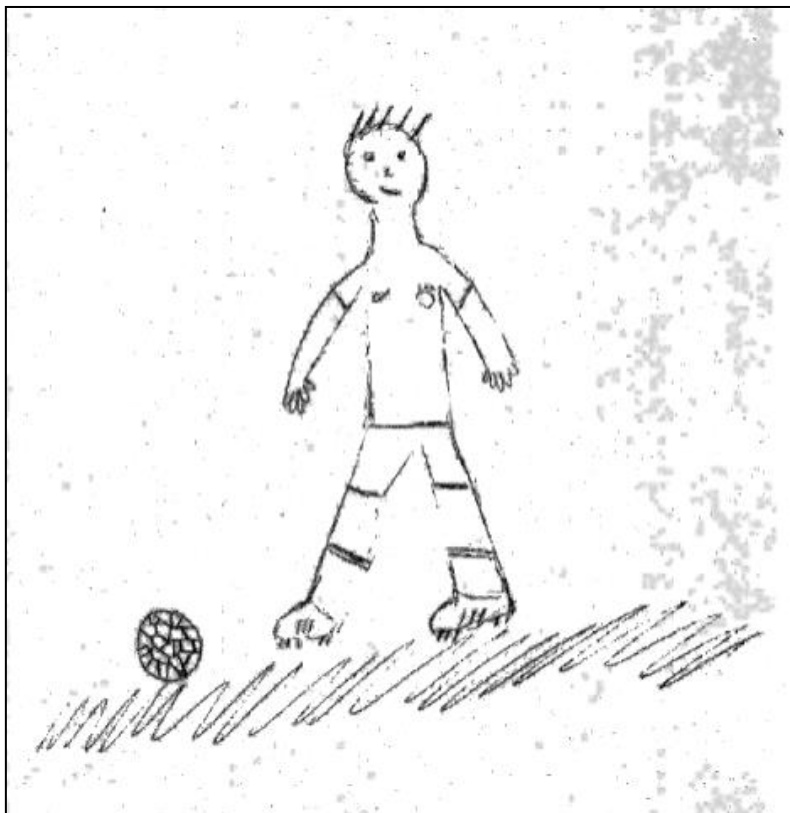
*O jogador do desenho ao lado se chama Eduardo, e ele tinha um problema com ansiedade, e essa ansiedade atrapalhava muito seu rendimento, não conseguia se concentrar nos momentos mais decisivos do jogo.*

*Então começou o campeonato e ele trabalhando em cima disso dia pós dia, então ele foi começando a ter mais confiança em cada lance a cada jogo.*

*Até que foram disputar o último jogo do campeonato um jogo difícil, e ele começou a desconcentrar muito e perdeu o foco.*

*Mas voltou para o segundo tempo com o foco total e conseguiu mudar seu comportamento dentro de campo, mas infelizmente seu time não venceu, mas por um lado Eduardo ficou contente por conseguir focar na partida, e hoje ele está bem mais preparado do que antes.*

P11



*Juninho nasceu em uma cidade pequena do interior e sempre teve um grande sonho de se tornar jogador profissional e dar uma condição melhor para sua família que era de origem humilde.*

*Ele nunca foi o melhor entre os garotos de uma idade, mais tinha uma força de vontade gigantesca que o faria chegar até seu sonho. Desde o início sempre deu o seu melhor no treino e conseguiu uma chance de jogar em um time de uma cidade maior e de maior expressão.*

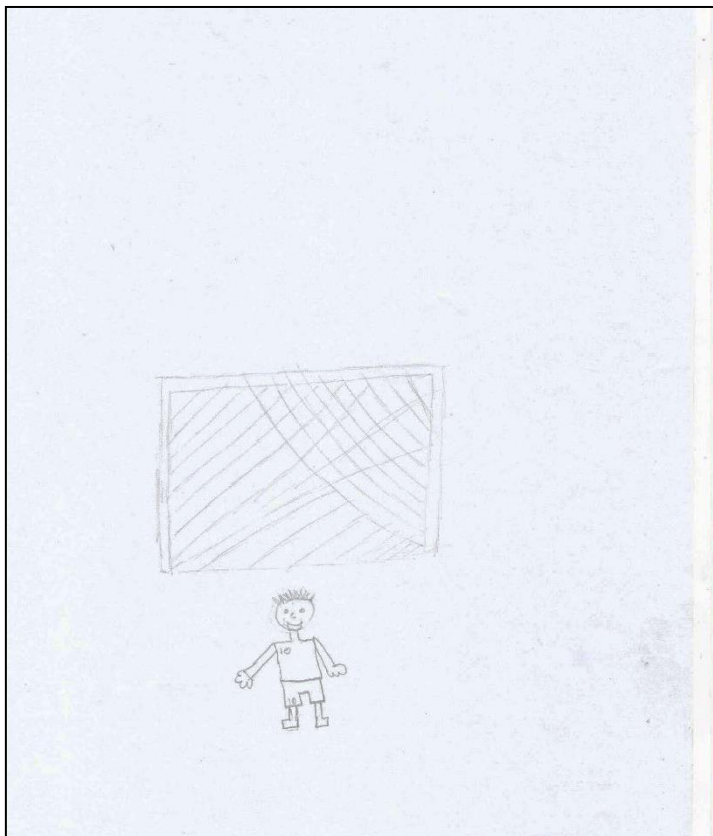
*Mas como no futebol nem tudo são coisas boas, ele demorou um tempo para se adaptar ao nível desse time, foi cortado de vários jogos, mais nunca desistiu de dar o seu melhor, até que surgiu a oportunidade de jogar e ele aproveitou muito bem e estava sendo reconhecido por todos do clube e for a também esse estava ajudando a acreditar que o sonho iria se realizar. Até que*

*ele se machucou gravemente e ficou muito tempo sem jogar, sua mente ficou enfraquecida e decidiu desistir.*

*No tempo que ficou sem jogar, ele se sentiu vazio sem propósito, sua família o apoiou muito e ele decidiu tentar de novo.*

*Juninho voltou renovado e com muita vontade; realizou seu sonho de ser jogador profissional e deu orgulho aos seus pais, hoje ele segue com força e com uma carreira brilhante pela frente.*

P12



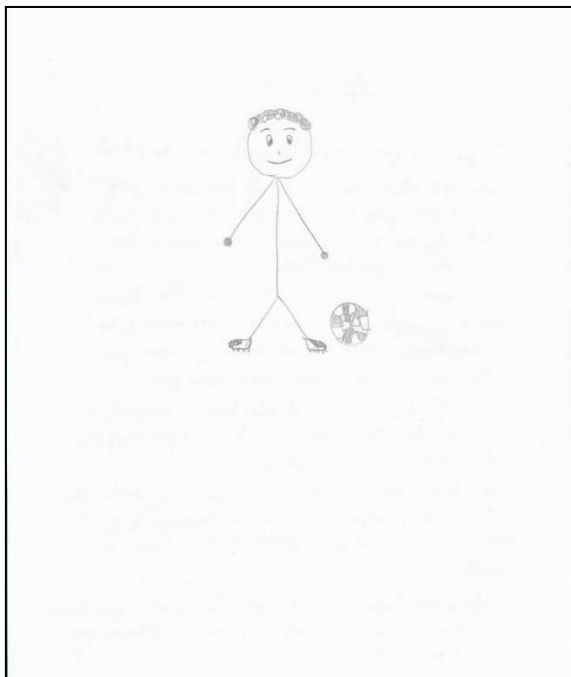
*[Não foi produzido texto.]*

*O texto a seguir foi criado a partir das impressões transferenciais da pesquisadora:*

*O atleta é um camisa 10, jogador importante. Ele sorri, demonstra um semblante alegre. Encontra-se posicionado frente a uma trave, com uma rede detalhada, que ele deve ansiar chacoalhar muitas vezes após um “chute a gol”.*

*O menino ocupa pouco espaço da folha, que tem muitas áreas em branco para ele percorrer. Esta figura remete a sensação de que há um menino, inteiro, que usa um uniforme de futebol e possivelmente sonha em ser um craque.*

P13



### *Joãozinho*

*Esse é o Joãozinho, atleta profissional de futebol da AFE, tem 17 anos e está próximo de fazer sua estreia pelo time principal. Ele vem sendo destaque na sua categoria e vem chamando atenção de grandes clubes.*

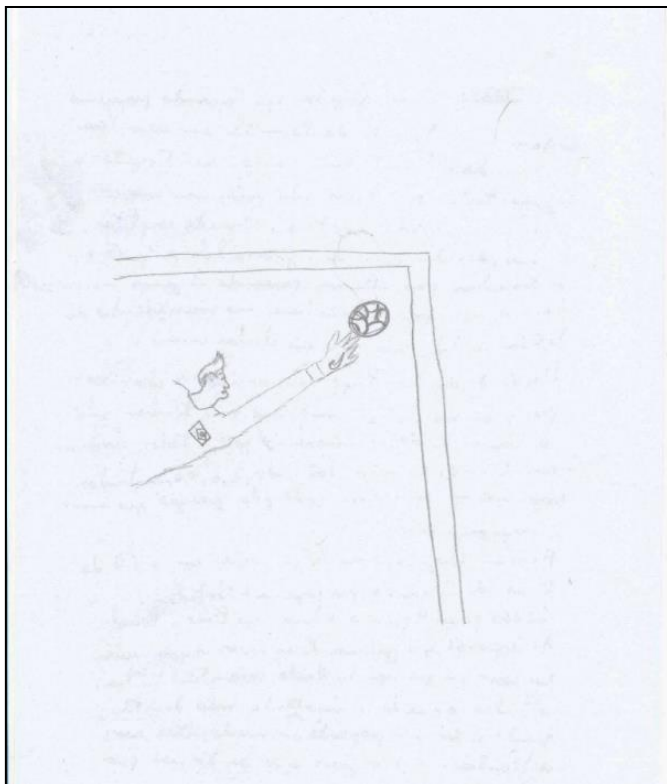
*É um menino carismático e humilde. Nasceu em uma vila simples de SP e saiu de casa muito cedo para correr atrás do seu sonho e conseguir dar um futuro melhor para seus pais.*

*Sua família vem depositando toda a confiança em seu talento e isso faz toda a diferença para ele alcançar o seu objetivo.*

*Com todas essas energias positivas, esse “sonho” já virou “meta”; então a cada dia de treino ele se dedica ao máximo para aperfeiçoar e melhorar seu talento.*

*Enfim, com toda essa dedicação, ele acredita que todos esses dias de lutas valerá a pena no futuro para seus dias de glórias.*

P14



*Sidão é um jogador que quando pequeno sonhava ser atacante do Brasil em uma Copa do Mundo. Aos 12 anos começou sua trajetória fazendo testes em clubes pelos país, mas nunca conseguiu resultado positivo. Quando completou 15 anos, decidiu parar de vez com a bola e já começar a trabalhar pois estava passando algumas necessidades em sua casa. Trabalhava no mercadinho da Sônia e bola nunca mais chutou uma.*

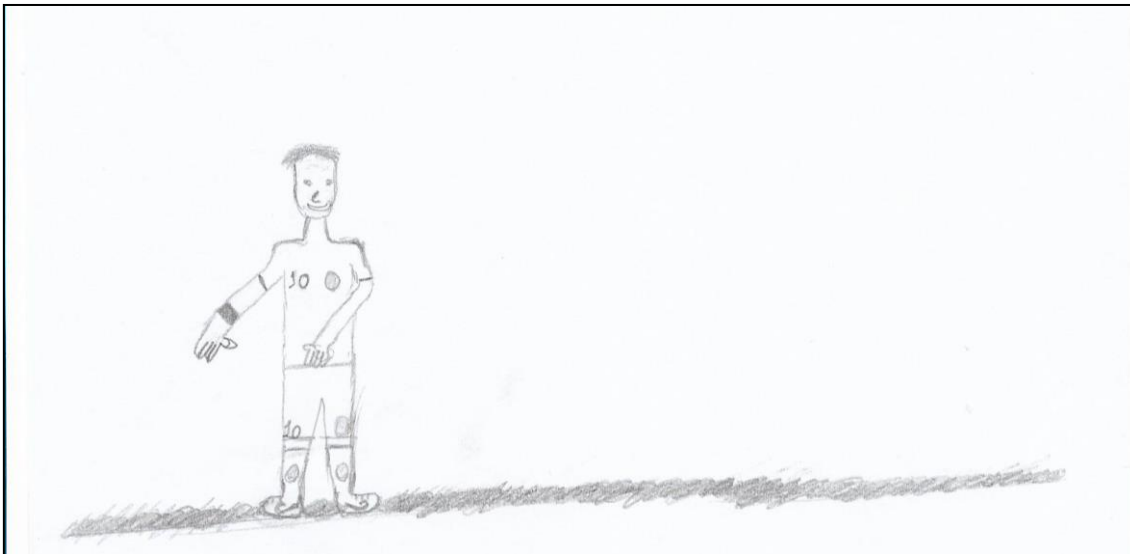
*Depois de um bom tempo seus amigos o chamaram para jogar na várzea, mas como não tinham goleiro ele acabou indo. Ganharam o jogo e todos elogiaram sua atuação. E assim foi indo, 2, 3, 4, 5... tantos jogos no gol que ele pegou gosto pela posição que nunca imaginou estar.*

*Após um longo tempo na Várzea recebeu um convite do time de Cerquilho para jogar a libertadores.*

*Sidão pegou 4 pênaltis e levou seu time a final do campeonato, que perderam. Dois meses depois recebeu sua convocação para jogar a copa do Mundo como goleiro titular, e contou o quanto é importante não desistir quando se tem um propósito em mente, sobre suas dificuldades e o orgulho que se tornou para a família.*

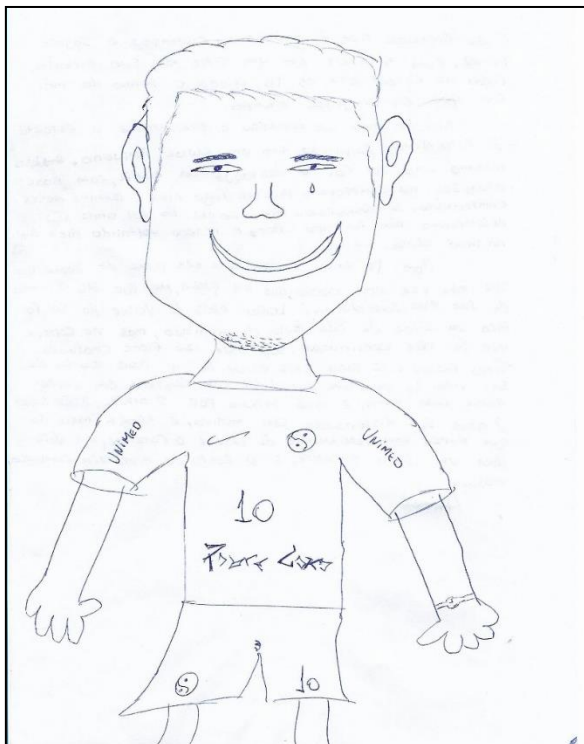


P15



*Ele é um cara que desde pequeno sempre achei lindo de ver ele jogar, um cara diferente, mesmo com crítica ele sabe lidar.*

P16



*Esse jogador que é anônimo, começou a jogar futsal, com 7 anos em um time de sua cidade, ficou no futsal até os 15, porque o sonho da mãe era que ele jogasse campo.*

*Aos 16 anos ele começou a frequentar o esporte de alto nível, jogando em um clube pequeno. Este mesmo ano, ele foi o destaque da equipe, com boas atuações no campeonato paulista, logo após o término deste campeonato, se transferiu para jogar no Sul, onde seu desempenho não foi tão bom e acabou voltando para seu antigo clube.*

*Com 17 anos a ideia dele parar de jogar, por que não era uma coisa que ele queria, mas por ser o sonho de sua mãe, continuou... Logo após a de voltar do sul, foi para um clube de São Paulo, desanimado, mas na cabeça que se continuasse sua mãe iria ficar chateada. Tempo passou e ir para esse clube foi a pior coisa de sua vida, lá ele teve que lidar com tristeza, com choro quase toda*

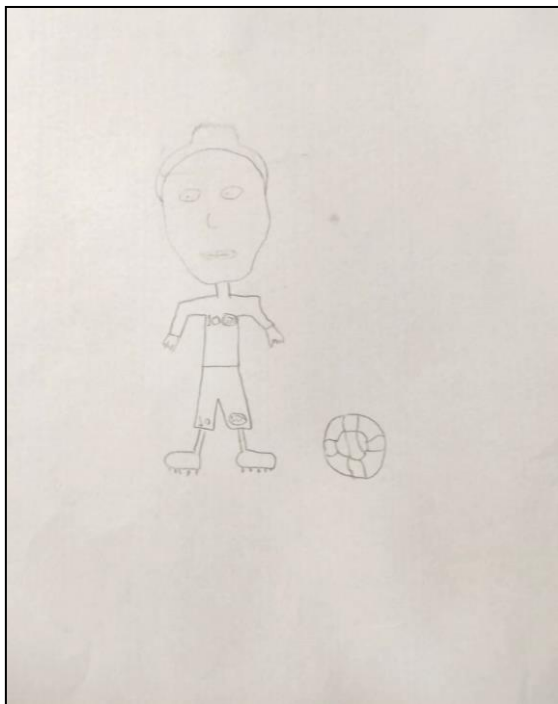
*noite, e isso seguiu por 2 anos. Após esses 2 anos foi dispensado sem motivo, e agora mais do que nunca com pensamento de largar o futebol, mas veio para um clube distante, e o resto da história continuamos...*

P17



*Um jovem menino com um grande sonho que morava em uma pequena cidade da Argentina com um grande sonho de ser jogador. Começou cedo a treinas nas escolinhas de futebol a onde já se destacava ainda criança foi para um grande clube da Espanha ( Barcelona) aonde tinha muitos atletas qualificados então o menino o menino começou a aparecer se deslocando nas categorias de base de Barcelona, um menino tímido pequeno um dos empecilhos para para que se torna-se um jogador auto nível era o tamanho mas Barcelona não escutou investiu no menino para que lá na frente se torna-se um grande jogador então esse menino com todo esse talento foi crescendo como jogador profissional e e com muito investimento hoje ele é conhecido mundialmente um dos melhores jogadores da História e do Barcelona o nome desse menino é Lionel Messi na minha opinião o melhor jogador do mundo e por um motivo além de uma diferença que é o autismo ele usa isso para se concentrar e por esse motivo o que era pra ser dificuldade no futebol virou qualidade.*

P18



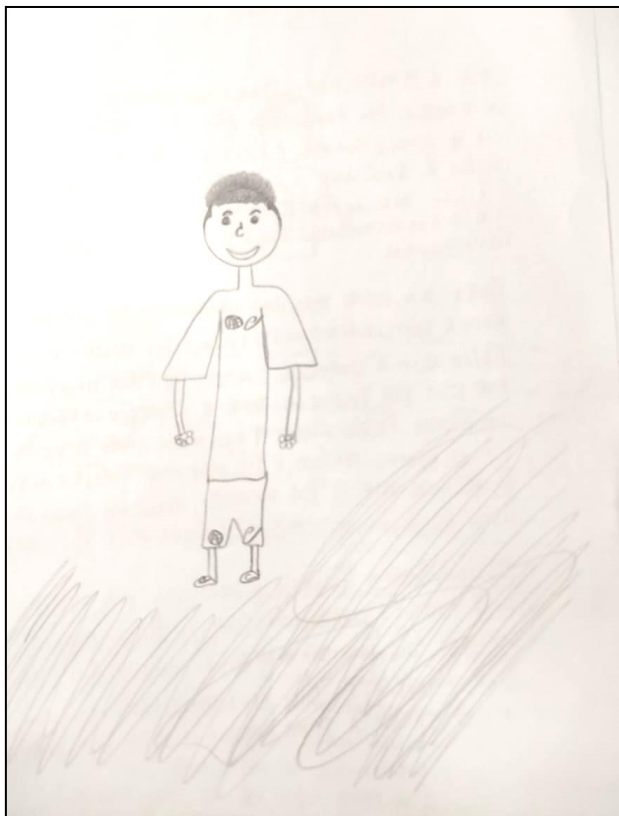
*Um menino que tinha um grande sonho de se tornar jogador profissional, mesmo com todas as dificuldades ele conseguiu vencer na vida e se tornar jogador.*

*As dificuldades eram muito grande, morar longe dos pais, não tinha muita condição, mas com tudo isso e mais um pouco ele conseguiu dar a volta por cima e conseguiu aquilo que tanto esperava.*

*Ele entra numa escolinha de futebol se destacou no campeonato, nisso foi chamado para o Corinthians e com apenas 18 anos foi para o Barcelona, mas mesmo ele conquistando tudo isso ele olhou para trás e viu o quanto foi bom fazer sacrifícios na vida dele, um menino que jogava pelada na rua hoje joga com grandes famosos e se tornando um dos ajudou a família e vários outros que tinha dificuldades e com tudo isso não deixou de ser humilde e ajudar aquele*

*que precisa deste pequeno um sonho que virou realidade com muita força de vontade e dedicação.*

P19



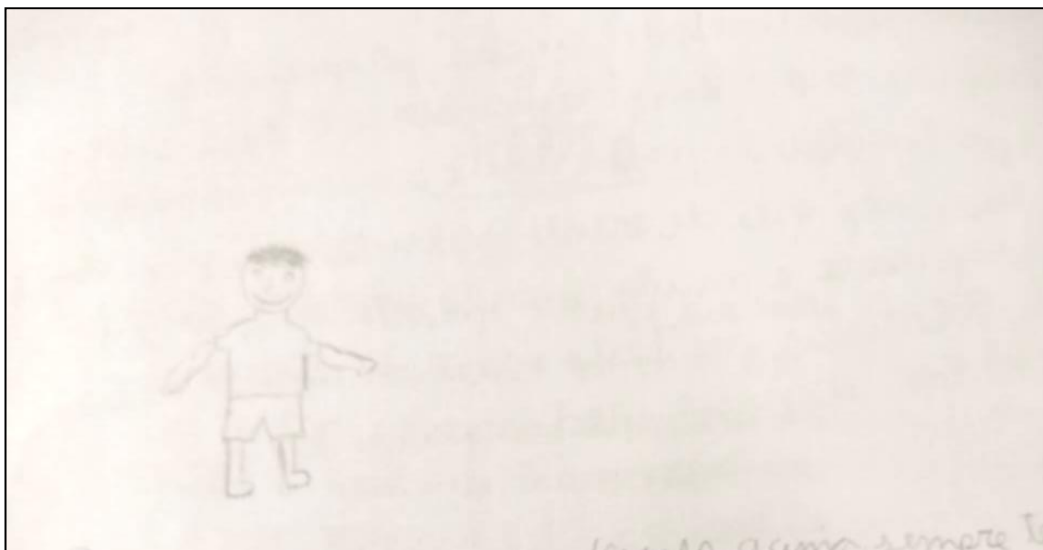
*Esse é o Pedro, uma criança que sonha em ser jogador de futebol. Sua família tem uma vida difícil, o pai trabalha no sítio e sua mãe é empregada doméstica, e os seus irmãos é gari. Mais o que chama mais atenção no Pedro é a sua dedicação e persistência, é um menino focado e com muita responsabilidade, e por isso pode ser considerado como homem.*

*Certo dia, Pedro teve uma oportunidade em um time para fazer teste, e ficou muito feliz, e foi determinado e feliz com a convicção que ele iria ser aprovado, e por fim ele passou no teste e começou a fazer parte da equipe. Pedro ficou 4 anos nesse clube onde passou por momentos difíceis, e por momentos bons, em alguns momentos pensou em desistir, mas ele tinha na mente uma meta, um objetivo, e pensava muito em sua família.*

*E, com todo esforço e dedicação, ele venceu, assinou o contrato profissional com o Barcelona, virou o melhor jogador do mundo, e mudou a história da sua família, e todo esforço não foi em vão, mais valeu a pena tudo o que ele passou.*



P20



*Esse menino que esta no desenho acima sempre teve o sonho de ser jogador desde criança, era muito esforçado sempre corria atrás do que queria. Com 14 anos ele fez seu primeiro teste num time profissional ele ficou muito feliz pela oportunidade que estava tendo. Ele ficou uma semana fazendo teste e no final da semana ele foi informado pelo treinador que não tinha passado no teste ele ficou muito triste pois aquele só era seu primeiro teste. Voltou para sua casa e foi conselgado pela sua família depois de ter conversado com a sua família ele parou para refletir e pensou “ esse foi só meu primeiro teste vou continuar treinando para quando aparecer outra oportunidade eu está preparadp..”*

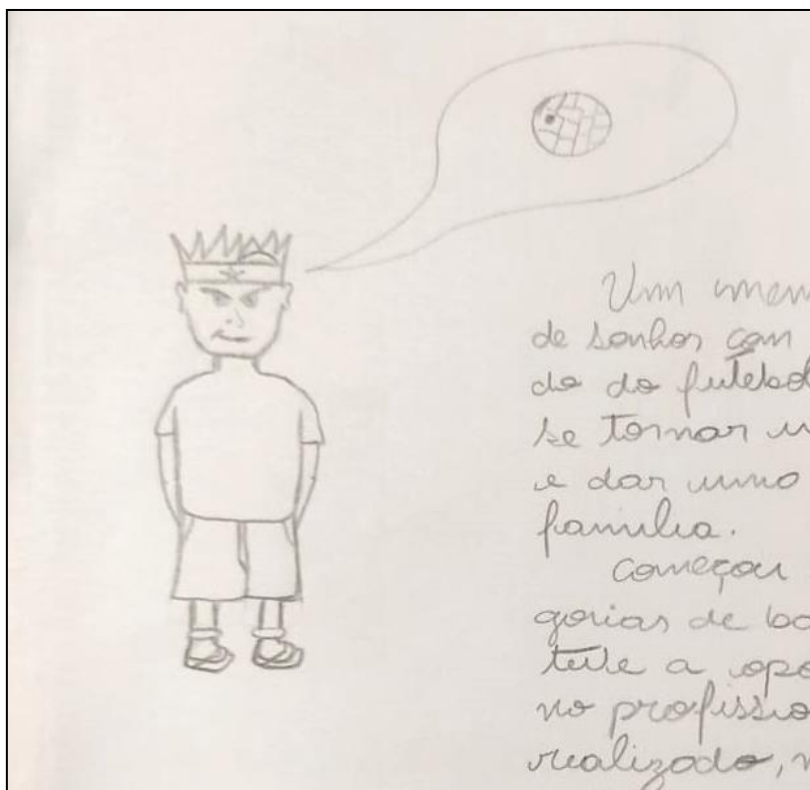
*Depois de 2 meses treinando ele teve outra oportunidade de fazer teste em um time, mas dessa vez foi diferente sabendo que ele estava preparado e muito confiante ele conseguiu de destacar no teste e chamou a impressão de treinador que pediu para ele ficar mais uma semana.*

*Depois dessa semana o treinador ficou impressionado com o menino pelo seu esforço e sua habilidade, ele conversou com o menino que por essa vez*

*conseguiu ficar no clube. Depois de 3 anos no clube o menino conseguiu assinar seu primeiro contrato profissional, ficou muito feliz e daí foi só evolução.*

*Moral: nunca desista dos seus sonhos mesmo passando por dificuldade, sempre se esforce que sua hora vai chegar*

P21



*Um menino sonhador, cheio de sonhos, com 11 anos entrou no mundo do futebol, seu maior desejo era se tornar um grande profissional e dar uma vida melhor para sua família.*

*Começou sua trajetória nas categorias de base do Santos FC. Aos 17 teve a oportunidade de estreiar no profissional, ali já se sentia realizado, mas nunca satisfeito.*

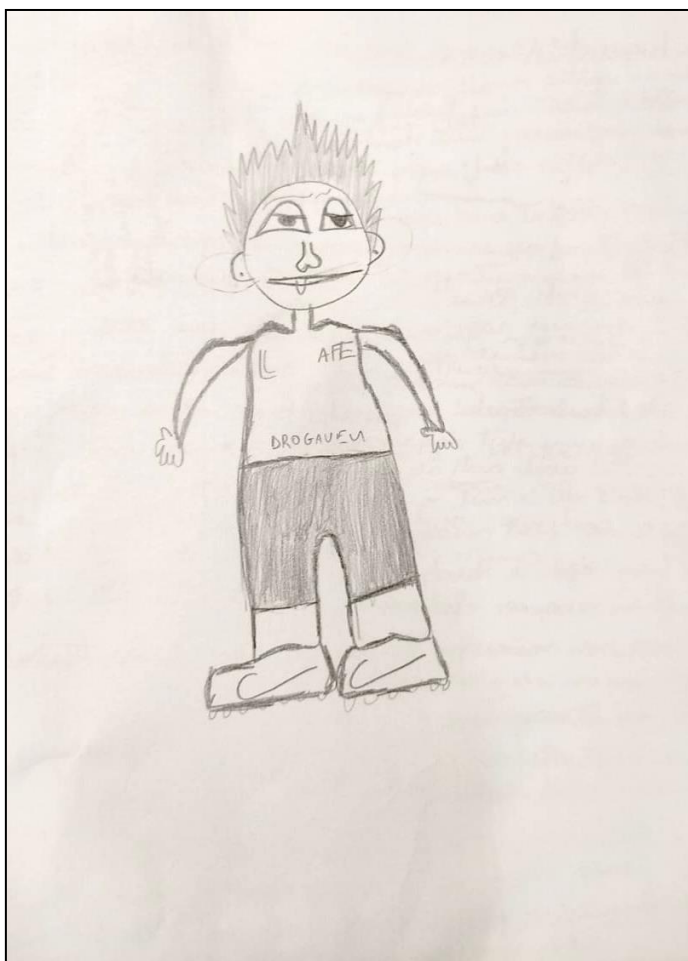
*No auge de sua carreira as coisas foram acontecendo, foi convocado para seleção brasileira e um tempo depois teve uma das maiores propostas da sua vida até o momento jogar no time do Barcelona.*

*Ali também teve conquista objetivos alcançados e algo que todos os jogadores do mundo sonham em ter ou até mesmo concorrer, a maravilhosa bola*

*de ouro. Hoje atua no PSG, o protagonista do clube é o camisa 10 da seleção e ainda tem muitos objetivos a serem alcançados.*

*Antes de tudo isso acontecer em sua vida teve que ralar, suar muito, passou por muitas dificuldades mas não desistiu, lá está ele um menino realizado mas com muitos sonhos a serem realizados ainda.*

P22



*Rogerinho, começou cedo em uma cidade pequena, todos diziam, ser impossível realizar esse sonho, de ser um atleta profissional, ele não se importava com o que diziam, trabalhou duro, fez sacrifícios, que ninguém estava disposto a fazer, assim que surgiu a oportunidade para um clube ele, tentou e não passou, ai todo continuaram falando que ele era doido, que não ia conseguir, quanto mais falavam, mais ele trabalhava, quanto teve outra oportunidade ele aproveitou , e viu que ainda não tinha passado por nada que aquilo era só o começo ele continuou se doando, crescendo dentro e fora de campo. Hoje é muito bem sucedido e os que falavam dizem que foi sorte mas não foi fruto de um longo trabalho.*

#### **Capítulo 4. Campos de Sentido Afetivo-Emocional e Campos Ambientais**

*Não existem duas psicologias – individual e social-, porque todos os fenômenos humanos são, infalivelmente, também sociais, porque o ser humano é um ser social.*

*(José Bleger, 1983/2007 p.47)*

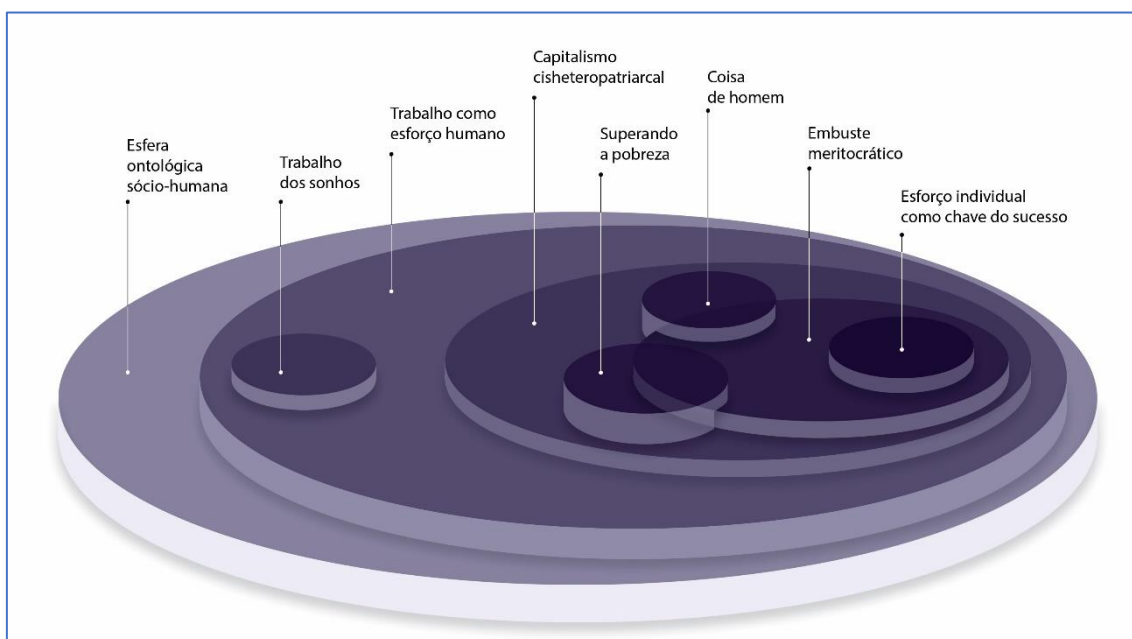
Trazemos, nessa seção, tanto os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes intersubjetivos, criados/encontrados a partir da consideração do conjunto dos 22 desenhos-estórias produzidos pelos participantes da pesquisa, bem como os campos ambientais que produzimos a partir do estudo crítico, dialeticamente informado, aos quais chegamos a partir da abordagem da narrativa transferencial produzida pela pesquisadora. Enquanto os campos de sentido afetivo-emocional constituem-se como ambientes psicologicamente habitados, na medida em que crenças e fantasias são vivenciados, não se reduzindo a fenômenos representacionais, não menos certo é afirmar que não deixamos de estar presentes, mesmo quando ignoramos esse fato, em campos ambientais.

A seguir, apresentaremos um diagrama, que permite a apreciação da totalidade dos campos aos quais nos conduziu a metodologia que utilizamos, na intenção de que um modelo gráfico possa facilitar a exposição dos resultados que encontramos. A seguir apresentaremos as definições dos campos de sentido afetivo-emocional e do primeiro campo ambiental, uma vez que os demais correspondem a inferências teóricas realizadas a partir das obras de Bleger (1963/2007), Federici (2019a; 2019b) e Lukács (1978/2013), cuja compreensão contamos com o apoio de Lessa (2015). As definições dos campos

serão acompanhadas por trechos<sup>45</sup> do material estudado. Os campos estão representados no diagrama a seguir:

## Figura 2

### *Campos Resultantes da Pesquisa*



### **Campos de Sentido Afetivo-emocional**

A análise do material de pesquisa, que se constitui pelo conjunto de 22 desenhos-estórias, permitiu o encontro de quatro campos de sentido afetivo-emocional. São eles: “Trabalho dos sonhos”, “Superando a pobreza”, “Esforço individual como chave do sucesso” e “Coisa de homem”. É importante lembrarmos que, em função de sua complexidade estrutural, cada produção

<sup>45</sup> Lembramos que o uso de trechos das históricas com finalidade ilustrativa exige, a bem da clareza, que retiremos fragmentos de um todo. Sendo assim, recomendamos fortemente que o leitor não deixe de consultar, sempre que necessário, a íntegra de cada desenho-estória, que se encontra no terceiro capítulo. A nosso ver, essa necessidade se fará maximamente presente quando o leitor é psicólogo clínico. A mesma recomendação vale para o uso de fragmentos da narrativa transferencial na ilustração do primeiro campo ambiental.

pode emergir de um ou mais campos de sentido afetivo-emocional, fato que não surpreende porque desenhos-estórias são produções complexas, motivo pelo qual ilustraremos cada campo com trechos das histórias que constituem o nosso material.

Para facilitar a compreensão, expomos os campos e as produções que derivam desses na tabela abaixo:

**Tabela 3**

*Campos de sentido afetivo-emocional e produções dos participantes*

<b>Campos de sentido afetivo-emocional</b>	<b>Produções emergentes</b>	<b>Quantidade</b>
“Trabalho dos sonhos”	P1, P2, P4, P5, P7, P9, P11, P13, P14, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22	16
“Superando a pobreza”	P1, P11, P13, P14, P16, P18, P19, P21, P22	9
“Esforço individual como chave do sucesso”	P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22	21
“Coisa de homem”	P3, P5, P6, P8, P9, P10, P11, P16, P17, P19, P20	11

Na tabela acima estão expostos os quatro campos de sentido afetivo-emocional que emergem a partir dos desenhos-estórias dos atletas e as produções correspondentes aos mesmos. Os campos estão organizados na ordem em que serão abordados nas interlocuções reflexivas, que ocupam o próximo capítulo. Assim, temos 16 produções emergentes a partir do primeiro campo, “Trabalho dos sonhos”, 09 produções emergentes a partir do segundo



campo “Superando a pobreza”, 21 produções emergentes a partir do terceiro campo, denominado “Esforço individual como chave do sucesso” e 11 produções emergentes do quarto campo “Coisa de homem”. Notamos que a maioria das produções emerge a partir de mais de um campo.

O primeiro campo de sentido afetivo-emocional, denominado “Trabalho dos sonhos”, organiza-se ao redor da crença de que a pessoa que trabalha com aquilo que a encanta se sentirá verdadeiramente realizada. Apresentamos a seguir alguns trechos dos desenhos-estórias que emergem desse campo:

*“Meu nome é (...), tenho 20 anos e desde muito novo meu sonho é ser um jogador de futebol. Estou nesse processo alguns anos, pra ser um pouco mais exato desde os meus 14 anos de idade.” P4*

*“Um menino que tinha um grande sonho de se tornar jogador profissional, mesmo com todas as dificuldades ele conseguiu vencer na vida e se tornar jogador.” P18*

*“Esse menino que está no desenho acima sempre teve o sonho de ser jogador desde criança, era muito esforçado sempre corria atrás do que queria. Com 14 anos ele fez seu primeiro teste num time profissional ele ficou muito feliz pela oportunidade que estava tendo.” P20*

O segundo campo de sentido afetivo-emocional, denominado “Superando a pobreza”, organiza-se ao redor crença/fantasia de que o jogador de futebol supera a pobreza e ascende socialmente com sua família. Os trechos de desenho-estórias que trazemos na sequência ilustram esse campo:

*“Ele é Tiago Silva jogador de futebol, na infância ele passou por várias dificuldades[...], os pais não davam apoio, passou fome, não tinha dinheiro para pegar o ônibus para ir treinar.” P1*

*“É um menino carismático e humilde. Nasceu em uma vila simples de SP e saiu de casa muito cedo para [...]conseguir dar um futuro melhor para seus pais.” P13*

*“Esse é o Pedro[...] Sua família tem uma vida difícil, o pai trabalha no sítio e sua mãe é empregada doméstica, e os seus irmãos é gari.[...] ele venceu, assinou o contrato profissional com o Barcelona, virou o melhor jogador do mundo, e mudou a história da sua família.” P19*

O terceiro campo de sentido afetivo-emocional, ao qual denominamos “Esforço individual como chave do sucesso”, organiza-se ao redor da crença de que o esforço individual, focado e persistente, resulta em sucesso profissional. Como exemplo de manifestações emergentes desse campo, apresentamos, a seguir, alguns trechos:

*“[...] para isso terá que passar por muitas coisas para chegar ao sucesso, terá que abrir mão de coisas como bebidas, festas, treinar no feriado, ficar sem ver a família por um bom tempo, etc. [...] Para chegar ao sucesso é muito difícil, teremos momentos bons e ruins na vida, são poucos atletas que conseguem a realização desse sonho, pouquíssimos.” P2*

*“[...]Ele nunca foi o melhor entre os garotos de uma idade, mais tinha uma força de vontade gigantesca que o fazia chegar até seu sonho. Desde o início sempre deu o seu melhor no treino e conseguisse uma chance de jogar em um time de uma cidade maior e de maior expressão.” P11*

*[...]com todo esforço e dedicação, ele venceu, assinou o contrato profissional com o Barcelona, virou o melhor jogador do mundo, e mudou a história da sua família, e todo esforço não foi em vão, mais valeu a pena tudo o que ele passou.”P19*

O quarto campo de sentido afetivo-emocional de nossa pesquisa, denominado “Coisa de homem”, organiza-se ao redor da crença de que o futebol seria um conjunto de ações que exige, para sua realização, atributos masculinos. Como exemplo deste último campo, trazemos os seguintes trechos das produções:

*“[...] é um jogador de qualidades bastante admiradas e imprescindíveis no futebol atual. Com tomadas de decisão simples, e poucos erros técnicos, é o tipo de atleta que qualquer treinador gostaria de possuir em seu plantel, que se dedica e procura entregar para o time mais do que para si. O jogador capaz de tacar e defender com a mesma força e intensidade, além de seus cruzamentos precisos, utilizando-se da ambidestria.” P3*

*“[...] contém em seu caráter um guerreiro, batalhador, que sempre soube onde queria chegar um dia. Poderia não ser utilizado, que mesmo assim continuava com sua postura atlética.” P9*

*“Mais o que chama mais atenção no Pedro é a sua dedicação e persistência, é um menino focado e com muita responsabilidade, e por isso pode ser considerado como homem.” P19*

## Campo Ambiental

O campo ambiental “Embuste meritocrático” é aquele que se organiza ao redor da percepção de que circula, no espaço social, um imaginário enganoso de acordo com o qual se difunde a ideia de que a condição socioeconômica de cada pessoa depende exclusivamente de seu esforço social. Os seguintes trechos da narrativa transferencial são exemplos de manifestações que apontam para a vigência desse campo:

*“Outro aspecto que me toca profundamente, é o fato de muitos meninos - a maioria- acreditarem que podem conquistar tudo com o que sonham por meio do próprio esforço, por vezes extremado e para além dos limites do que seria saudável para uma pessoa tão jovem.”* Narrativa Transferencial

*“Eles não consideram o contexto externo, as dificuldades, o déficit educacional que a maioria carrega, as condições de pobreza a que estão submetidos. Acreditam que tudo se resolve com esforço, ou como eles dizem, “dando o sangue”, e bem sabemos que a realidade brasileira está longe de permitir que somente o esforço seja o propulsor do sucesso, diante da desigualdade social que assola o país.”* Narrativa Transferencial

*“Por conta disso, quando os meninos esforçados não alcançam seus objetivos, sentem a culpa de não terem se esforçado o suficiente, o que por muitas vezes está longe de corresponder à realidade.”* Narrativa Transferencial

Os demais campos ambientais, “Capitalismo cisheteronormativo”, “Trabalho como esforço humano” e “Esfera ontológica sócio-humana”, correspondendo a inferências teóricas, que não se prestam a definições

minimalistas, não serão definidos desse modo. Entretanto, serão levados em conta no próximo capítulo, no qual serão apresentadas nossas interlocuções reflexivas, uma forma de discussão dos resultados especialmente adequada para pesquisas qualitativas.

## Capítulo 5. Interloquções Reflexivas

*Aqui na terra 'tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol. Mas o que eu quero é  
Ihe dizer que a coisa aqui tá preta.*

*(Chico Buarque de Holanda e Francis Hime, em “Meu caro amigo”)*

Conforme explicitado no segundo capítulo da presente tese, que dedicamos ao método, as pesquisas qualitativas com método psicanalítico, que tomam a psicologia psicanalítica concreta como referencial teórico-metodológico (Bleger, 1963/2007; Visintin, Schulte & Aiello-Vaisberg, 2021), devem finalizar por meio da elaboração de interloquções reflexivas. Essas se definem por uma retomada dos campos de sentido afetivo-emocional, interpretativamente produzidos, à luz do pensamento de outros autores que tenham se debruçado sobre questões humanas para as quais apontam nossos resultados interpretativos. Cumpriremos essa tarefa no presente capítulo, bem como acrescentaremos interloquções reflexivas sobre os campos ambientais, conceito proposto por Bleger (1963/2007) para designar o modo como os contextos macrossociais são percebidos por um observador capaz de se colocar relativamente fora do acontecer humano estudado. No caso de nossa investigação, os campos ambientais correspondem ao modo como a experiência vivida dos participantes é percebida pelos integrantes do grupo de pesquisa no âmbito do qual essa tese foi produzida.

Nossas interloquções tomarão algumas proposições de D. W. Winnicott (1971/1999, 1962/1990, 1971/1975, 1988/1990, 1968/1994), autor que lemos a

partir da psicologia psicanalítica concreta, como organizadoras de nosso pensamento, o que nos permitirá conceber que os imaginários coletivos se constelam, na perspectiva de sua teoria do amadurecimento pessoal, no encontro entre o potencial individual<sup>46</sup> e o ambiente sociocultural, inicialmente presentificado na relação com a mãe e outros cuidadores. Assim, a adoção do psicanalista inglês, como interlocutor privilegiado, decorre do fato de ter forjado, de acordo com Aiello-Vaisberg (2003, 2017), um pensamento que atende às exigências teórico-epistemológicas colocadas pela psicologia psicanalítica concreta, inaugurada por Bleger (1963/2007). Por outro lado, é indispensável esclarecer que consideramos as contribuições winnicottianas como das mais relevantes entre aquelas que subscrevem a abordagem psicanalítica relacional (Bermejo, 2017), mas que delas fazemos uso apenas quando as depuramos de um certo biologismo, com a ajuda da ontologia do ser social elaborada por Lukács (1978/2013)<sup>47</sup>.

Por outro lado, é fundamental lembrar que, como se verá, não deixaremos de nos apoiar em outros autores, cujas contribuições possam trazer esclarecimentos acerca de importantes aspectos dos contextos micro e macrossociais. Entre esses destacamos Paulo Freire<sup>48</sup> (Strek, Redin & Zitkoski,

---

<sup>46</sup> Entendemos, com Winnicott (1962/1990), que o potencial individual depende das condições de maior ou menor higidez biológica, mas também reflete de algum modo o desenvolvimento antropológico da sociedade em que a pessoa nasce (Plastino, 2012).

<sup>47</sup> Essa depuração é indispensável porque entendimentos reducionistas se prestam ao fortalecimento de posições conservadoras que resultam em opressões contra vários grupos, como por exemplo acontece com as mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e, conseqüentemente, em sofrimentos sociais que atingem e repercutem desfavoravelmente no ambiente familiar e na sociedade.

<sup>48</sup> Ainda que Paulo Freire seja fundamentalmente conhecido como educador, dialogaremos, nessa tese, com aspectos de seu pensamento que podem ser considerados como ético-políticos, deixando aos estudiosos do campo educacional o uso de suas contribuições propriamente pedagógicas. Entendemos que, com certeza, o setor educacional apresenta uma relevância fundamental no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Entretanto, o maior ou menor êxito dos processos educacionais depende da condição de *self* dos envolvidos, a qual resulta do cuidado emocional, sobre o qual incide a pesquisa psicológica e a atuação do psicólogo clínico.

2010), que adotamos em função de sua filosofia e seu pensamento ético-político, e não pelos estudos especificamente pedagógicos. A visão desse autor se harmoniza com a ontologia lukacsiana (Lessa, 2015) e mantém clara convergência com as teorizações blegerianas, que são a base da psicologia psicanalítica concreta, bem como com o uso depurado que fazemos do pensamento winnicottiano. Portanto, não há incoerência entre o modo como valoriza a conscientização dos oprimidos e a atuação do psicólogo que visa o fortalecimento e integração pessoal, sem a qual o conhecimento não ultrapassa a competência discursiva do chamado falso *self* <sup>49</sup>.

Organizamos esse quinto capítulo dividindo-o em seis partes. As quatro primeiras trazem, como subtítulos, os nomes dos campos de sentido afetivo-emocional, que apresentamos no capítulo anterior. Na proposta de Bleger (1963/2007), esses corresponderiam a campos psicológicos, ou seja, a configurações psicológicas particulares que as condutas adquirem para indivíduos e grupos que as vivenciam, em dado momento. No entanto, essas se inserem em estruturas maiores, onde se passa o acontecer humano – isto é, no que Bleger (1963/2007) denomina campos ambientais. Por essa razão, dedicaremos a quinta parte deste capítulo, intitulada “Campos Ambientais como Contextos Macrossociais”, aos contextos macrossociais, onde se passa o “acontecer humano”, aqui constelado a partir de quatro diferentes fundos: (1) “Esfera ontológica sócio humana”; (2) “Trabalho com esforço humano”; (3) “Capitalismo cisheteropatriarca”; (4) “Embuste meritocrático”. O capítulo se

---

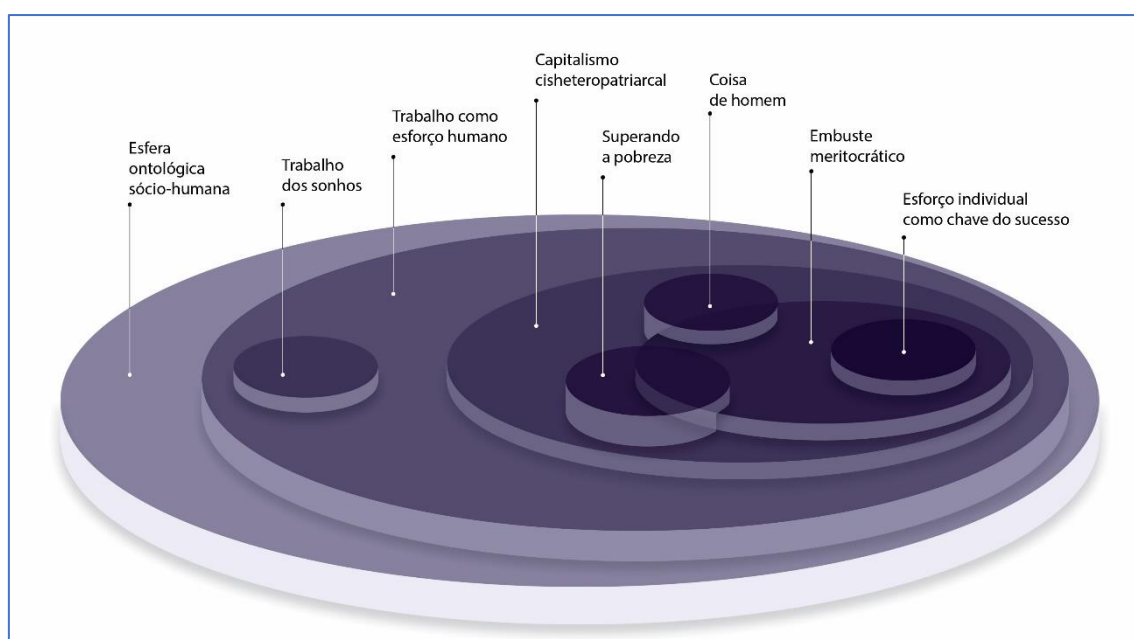
<sup>49</sup> Um dos verbetes do Dicionário Paulo Freire (Strek, Redin e Zitkoski, 2010), Introjeção/Extrojeção, indica que o autor se preocupou com processos psicológicos por meio dos quais se dá o fenômeno da submissão do oprimido pelo opressor. Concluímos, assim, que a produção de conhecimentos a partir da psicologia winnicottiana do *self*, quando alinhada ao posicionamento ético-político radicalmente humanista e inclusivo, que caracteriza a psicologia psicanalítica concreta, harmonizam-se com o pensamento freireano.



encerra com uma sexta parte intitulada “Futebol de Formação e Sofrimentos Sociais”, na qual são tecidas reflexões sobre como a complexa situação, vivida pelos atletas em formação futebolística, contribui para a eclosão de sofrimentos sociais. Essa situação é ilustrada pelo diagrama, que expomos a seguir, o qual deverá ser mantido em mente durante a leitura do presente capítulo.

## Figura 2

### *Campos Resultantes da Pesquisa*



## Trabalho dos Sonhos

O campo que escolhemos para iniciar nossas interlocuções reflexivas, nas produções estudadas, denominado de “Trabalho dos sonhos”, é aquele que se organiza ao redor da crença/fantasia de que a pessoa que trabalha com aquilo que a encanta se sentirá verdadeiramente realizada. O primeiro campo desvela uma tendência de realização do potencial criativo, que se manifesta inicialmente na pessoa, enquanto sonho, anseio ou aspiração. Entretanto, esse sonho não é

pensado como algo totalmente interno e descolado do mundo sócio-humano porque não existe, na esfera ontológica, que se inaugura com a emergência do trabalho, a possibilidade de constelação de algo absolutamente separado do movimento do acontecer da sociedade e da humanidade. Portanto, todo sonho expressa não uma interioridade separada do ambiente, e sim o encontro do indivíduo com a cultura. Contudo, a possibilidade do sonho individual se tornar sonho possível, na perspectiva freireana (Strek, Redin & Zitkoski, 2010), depende do que cada sociedade pode oferecer a cada um, conforme as interseccionalidades que compõem a condição do indivíduo.

Em linhas winnicottianas, os sonhos humanos, presentes nos desenhos e histórias produzidos pelos participantes deste estudo, seriam condizentes com a capacidade humana de imaginar, de sentir-se vivo<sup>50</sup>, real, criativo e capaz de gestualidade espontânea e transformadora de si e do mundo ou, em outros termos, a capacidade de “ser e fazer” como humano, que sempre existe virtualmente como potência, mas que só se realiza no encontro com o ambiente social favorável ao seu acontecer (Aiello-Vaisberg, 2017; Botelho-Borges & Aiello-Vaisberg, 2011; Winnicott, 1975/1971). Sendo assim, o sonhar não se reduz a fenômeno endopsíquico, mas se constitui como ato humano imaginativo de um futuro<sup>51</sup>, em que se projetam realizações pessoais genuinamente desejadas. Deste modo, o sonho é compreendido como a expressão de um *self* verdadeiro, ou seja, como manifestação humana que caminha com a

---

<sup>50</sup> Vale lembrar aqui que o sentir-se vivo significa, no pensamento winnicottiano, uma condição que se dá naquilo que Lukács (1978/2013) identifica como esfera ontológica do ser social. Ou seja, algo que não refere a vida no sentido biológico, mas numa acepção que só se realiza como viver humano.

<sup>51</sup> Pode-se perceber, sem dificuldade, que aqui nos descolamos claramente da concepção freudiana original que considera o sonho como realização disfarçada de desejos sexuais (Freud, 1900).

possibilidade da pessoa ser ela mesma em suas ações (Winnicott, 1960/1983). Assim, quando tudo vai bem, o sonho desvela o que é importante e almejado pela pessoa, que não paira acima do ambiente humano, mas nele se encontra inserida. Por outro lado, é importante lembrar que a capacidade de sonhar pode se encontrar profundamente inibida quando o indivíduo recolhe seu ser para recobri-lo com uma capa protetora, mais ou menos espessa, conhecida como falso *self*. Essa condição é, provavelmente, muito frequente em contextos sociais que, como aquele do sistema capitalista cisheteropatriarcal, são intensamente marcados por opressão desumanizadora que força uma renúncia à vida espontânea em troca da sobrevivência.

Na vasta obra winnicottiana, os conceitos de verdadeiro e falso *sel/ves* figuram entre as mais importantes contribuições teóricas. Por meio da concepção de um verdadeiro *self*, o autor apresentou sua teoria psicanalítica sobre integração emocional e capacidade humana de se sentir vivo, real e criativo durante os períodos de amadurecimento em ambientes mais ou menos facilitadores ao desenvolvimento (Winnicott, 1960/1983). Nas palavras de Winnicott: "O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e sentir-se real" (Winnicott, 1960/1983, p.135). Já o falso *self* seria uma manifestação defensiva e protetora da constituição individual, que entra em ação quando o *self* verdadeiro não encontra possibilidades de acontecer no ambiente social.

Portanto, podemos entender que o verdadeiro *self* está associado à realização das aspirações pessoais, enquanto o falso *self* é uma defesa que oculta e protege o verdadeiro *self*, tornando a experiência permeada pelo sentimento de vazio, de não pertencimento e de sensação de irrealidade. Nesse

sentido, entendemos a importância da experiência humana de sonhar como parte essencial do movimento de integração emocional. Portanto, com auxílio da teoria winnicottiana, alicerçamos a compreensão dos sonhos, nesta pesquisa, como manifestação da tendência básica à integração pessoal, tendência que não corresponde a um fenômeno propriamente orgânico, mas ao modo humano de ser no atual momento histórico, no qual o aprimoramento da individualidade substitui formas anteriores de subjetivação. Tal aprimoramento se dá como anseio da pessoa de se tornar inteira, real e criativa, anseio que se interrompe sempre que a pessoa se vê obrigada a lutar contra ataques despersonalizantes/desumanizantes, externos e internalizados, que ameaçam seu viver como ser humano e, no limite, sua sobrevivência biológica (Aiello-Vaisberg, 2017).

Parece-nos correto dizer que o campo de sentido afetivo-emocional “Trabalho dos sonhos” expressa a capacidade humana de sentir esperança e assim vivenciar a manifestação da gestualidade espontânea, como elemento fundamental nas experiências de integração, de plenitude e de sentir-se vivo e real. A capacidade de sentir-se vivo, inteiro e criativo, que inclui a capacidade de ter esperança<sup>52</sup>, está intimamente relacionada, na teoria winnicottiana, à possibilidade de contar com cuidados sustentadores e provedores ao longo da vida, os quais tomariam formas diferentes, nos vários períodos do

---

<sup>52</sup> Entre nós, Ivonise Fernandes Motta é uma referência fundamental para aqueles que se interessam pela questão da esperança no contexto do pensamento winnicottiano. Contudo, ainda que não deixe de situar suas teorizações no contexto da atualidade, abordando a questão em variados contextos, desde instituições de acolhimento de crianças e adolescentes até o estudo de grupos de RAP, sua contribuição apresenta um detalhamento clínico cujo aproveitamento ultrapassaria os propósitos de uma tese em que o material de pesquisa exige uma articulação entre campos de sentido afetivo-emocional e campos ambientais. De todo modo, fica a recomendação, ao leitor interessado na questão da esperança, da tese de livre docência de Motta (2018), intitulada A Capacidade para a Esperança.

desenvolvimento humano, na medida em que as necessidades emocionais da pessoa se modificam ao longo da vida. Assim, o encontro da capacidade com o chamado ambiente suficientemente bom, permite que o potencial seja concretamente realizado, enquanto as deficiências ambientais são colocadas na gênese de diversas formas de sofrimento emocional.

Ao entrarmos em contato com as produções estudadas, podemos afirmar que o futebol seria, para os participantes da presente pesquisa, a área do ambiente cultural na qual podem depositar esperanças e projetos conforme seus sonhos. Na realidade, numa sociedade complexa, são inúmeras as áreas da cultura, entendidas winnicottianamente como herdeiras do brincar, que podem se prestar a interações criadoras que se distribuem entre o que é comumente concebido como lazer e como trabalho. Aqui se expressa a esperança de um futuro no qual o jovem possa “ser e fazer”, de acordo com a concepção de que o verdadeiro *self* seria o lugar teórico a partir do qual emerge a gestualidade espontânea (Winnicott 1979/1983)<sup>53</sup>.

Adotando uma perspectiva pós-winnicottiana, definida por uma leitura que toma a psicologia psicanalítica concreta como fundamento, Aiello-Vaisberg (2017) afirma que a gestualidade espontânea não é apenas expressiva, no sentido estético, mas também transformadora de si e do mundo em que vivemos. Nessa linha de pensamento, os sonhos estariam na base do próprio trabalho, quando entendido como conjunto de ações por meio das quais os seres

---

<sup>53</sup> Vale lembrar, considerando os leitores não familiarizados com o pensamento winnicottiano, que o conceito de espontaneidade não se confunde com o de impulsividade. A espontaneidade, como fenômeno da esfera sócio- humana, corresponde a uma experiência que inclui o outro como humano, enquanto a impulsividade descreve fenômenos da esfera orgânica do ser, na qual o organismo interage com objetos para satisfazer necessidades biológicas.

humanos modificam inicialmente o mundo natural, criando a cultura, esfera na qual a criatividade humana se exerce continuamente. Nessa linha de pensamento, podemos compreender os sonhos como movimentos subjetivos, ainda que não necessariamente individuais e puramente endopsíquicos<sup>54</sup>, pois não há como negar, atualmente, a existência de subjetividades coletivas transindividuais (Goldmann, 1971), que inauguram atos transformadores, o que torna fecundo o estabelecimento de diálogo com contribuições de Paulo Freire (1992) pensador profundamente comprometido com a proposição de práticas socialmente libertadoras.

Conforme Freitas (2010), o conceito freireano de “sonho possível”, entendido como possibilidade da realização de mudanças substanciais, na realidade humana, por meio do trabalho coletivo, constante e genuinamente voltado à transformação da esfera sócio-humana, deve ser considerado uma questão fundamental. A nosso ver, trata-se de uma contribuição bastante significativa, que corrige a tendência, ainda comum entre certos marxistas, de subestimar a influência de dimensões afetivo-emocionais do viver sobre a vida social. Esse equívoco se desfaz facilmente quando lembramos que, ao colocar o trabalho como o fenômeno que inaugura a passagem da esfera orgânica do ser para a esfera sócio-humana, Lukács (1978/2013) fornece fundamentos a partir dos quais se pode afirmar que o ser social não se reduz ao trabalho e que a vida cultural se diversifica e se torna cada vez mais rica e complexa ao longo do tempo. A nosso ver esse enriquecimento da vida sócio-cultural

---

<sup>54</sup> Mesmo os sonhos individuais, que sob certos aspectos, são absolutamente singulares, surgem no contexto de campos de sentido afetivo-emocional, cuja natureza é intersubjetiva.

progressivamente facilita e incorpora determinações afetivo-emocionais, que permitem a valorização dos sonhos e do sentir<sup>55</sup>.

Freire (1992 & 1983) enriquece significativamente as discussões, que colocam setores do mundo social como altamente relevantes para a compreensão do sofrimento humano, dizendo que as possibilidades ou impossibilidades de realização dos sonhos estão sempre interligadas ao contexto histórico-cultural, coletivo, não sendo nunca puramente individuais. Tal compreensão contribui para o reconhecimento da importância da capacidade de sonhar, que se encontra na base da gestualidade espontânea que existe, de acordo com Winnicott (1958/2000; 1983/1979 & 1971/1975) como tendência ativa e criativa, de ação sobre a realidade natural e social.

Seguindo essa linha de pensamento, o pensador brasileiro traz, ainda, uma visão conforme a qual a esperança seria o cerne propulsor das transformações da vida humana, que se faria presente, inicialmente, sob a forma de sonho. Quando ausentes, os sonhos seriam substituídos pela desesperança, sentimento gerador de inércia e capaz de bloquear o devir histórico em âmbitos individuais e coletivos (Freire, 2003). Ainda que desenvolvendo obras motivadas pelo comprometimento com questões que diferem daquelas que motivaram o admirável trabalho do psicanalista inglês, encontramos, nesse ponto, uma extraordinária afinidade entre as perspectivas freireanas e winnicottianas, na medida em que Winnicott (1973/1975) pondera que a capacidade subjetiva de

---

<sup>55</sup> O leitor pode encontrar em Silva (2021) um estudo sobre a transgeneridade que demonstra muito claramente esse processo de crescente valorização do sentir humano que, sem deixar de encontrar forte oposição no capitalismo cisheteropatriarcal, testemunha um fortalecimento das dimensões afetivo-emocionais.

se posicionar de modo esperançoso diante da própria experiência se constitui como elemento que facilita a realização de transformações da realidade humana.

Assim, quando refletimos sobre posicionamentos existenciais esperançosos, percebemos que consistem na projeção, em tempo futuro, do sentimento de confiança no ambiente humano, o que corresponde, winnicottianamente falando, à realização de uma capacidade que depende de lembranças de experiências vividas de cuidado suficientemente bom<sup>56</sup>. Portanto, a criação/encontro do campo de sentido afetivo-emocional “Trabalho dos sonhos”, pode ser tomada, no contexto da presente pesquisa, como expressão de que os participantes alcançaram, em seus processos de amadurecimento pessoal, uma certa higidez e um certo amadurecimento pessoal, malgrado enfrentarem, como indivíduos pertencentes a classes subalternizadas, condições dificultosas de existência<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Encontra-se em vigor, entre psicanalistas winnicottianos, a forte convicção de que a vida do bebê, quando este “ainda não existe desde seu próprio ponto de vista” (Winnicott, 1945/1982), determina fortemente seu futuro em termos de sanidade ou insanidade psíquica. Essa convicção é, cientificamente falando, uma hipótese que deveria ser estudada à luz de estudos longitudinais, infelizmente pouco incentivados em nosso país. Mantendo-se, na ausência de estudos, como uma crença não suficientemente examinada, essa ideia apresenta, de um lado, um aspecto positivo, concernente à valorização do cuidado infantil. Por outro lado, tem sido equivocadamente usada, no capitalismo cisheteropatriarcal, como forma de opressão de mulheres-mães.

<sup>57</sup> São variadas as formas por meio das quais a desesperança pode se apresentar – desde o pânico ligado à queda nas agonias impensáveis (Winnicott, 1945/1982, 1965/1990 & 1983/1969) até os quadros de depressão, passando por condições *borderlines*, que podem eventualmente conter o uso abusivo de drogas. Há, ainda, que considerar que certas condições, nas quais a esperança se articula com algum tipo de drama, geram condutas antissociais que são clinicamente desafiadoras porque demandam formas delicadas de manejo clínico (Winnicott, 1984/1987).



## Superando a Pobreza

O segundo campo de sentido afetivo-emocional, criado interpretativamente a partir da consideração psicanalítica dos desenhos-estórias elaborados pelos participantes, “Superando a pobreza”, organiza-se ao redor da crença/fantasia de que o jogador de futebol supera a pobreza e ascende socialmente com sua família. A nosso ver, deve ser em parte compreendido como expressão da divisão social do trabalho, que se instalou, na história do ocidente a partir da revolução industrial, conforme a qual cabe ao homem a realização do trabalho produtivo e remunerado, o que o coloca na posição de provedor do sustento familiar, enquanto a mulher deve se ocupar de atividades reprodutivas, no sentido da restauração cotidiana do trabalhador e da criação dos filhos, para as quais estaria biologicamente destinada (Federici, 2019a). Nessa perspectiva, a ideia de superação da pobreza e ascensão socioeconômica seria, por definição, um feito masculino e corresponderia, dado que todo cuidado direto teria sempre caráter feminino, à única forma de autocuidado e de cuidado do outro permitida aos homens.

Para refletirmos sobre o campo “Superando a pobreza”, parece-nos importante lembrar que essa é produzida pelo próprio sistema, na medida em que a acumulação de capital se faz sempre à custa do trabalhador, de modo que o surgimento da riqueza tem sempre a produção da pobreza como subproduto inevitável<sup>58</sup>. Entretanto, esse fato, inerente ao modo de produção vigente, não

---

<sup>58</sup> Assim, é fundamental lembrar que a pobreza a que nos referimos aqui é aquela que medra no sistema capitalista. Desse modo, não se confunde, por exemplo, com as condições concretas da vida material dos indígenas que habitavam, em 1500, terras que hoje correspondem ao Brasil. Portanto, na perspectiva da ontologia marxista (Luckács, 1978/2013), é incorreto afirmar que a pobreza sempre existiu, porque aquilo que, na superfície, pode parecer semelhante, revela-se bastante diverso quando consideramos a organização social como um todo.

significa que o alto índice de pessoas, vivendo abaixo da linha da pobreza, tanto naqueles países que foram colônias europeias, como nas periferias de países desenvolvidos, preocupe apenas aqueles que se alinham política e ideologicamente à esquerda. De fato, mesmo autores, que entendem que o sistema capitalista deve ser fundamentalmente mantido, tendem a reconhecer como desejável a diminuição da pobreza, quando as desigualdades sociais se tornam abissais, por motivos vários que incluem desde razões pragmáticas, socialmente importantes, até motivações éticas (Sen, 2010; Sachs, 2005).

Entretanto, a condição de pobreza, tal como ocorre no sistema capitalista, não deve ser pensada em termos simplistas, pois consiste em fenômeno complexo não redutível à dificuldade de acesso à renda, na medida em que consiste não apenas em carências materiais, mas também em privação de condições de desenvolvimento e dignidade. Visando abordar essa complexidade, Souza (2003) veio a desenvolver, entre nós, o conceito de subcidadania, que resultaria de um processo valorativo que, a partir da consideração de certos atributos, que incluem mas não se limitam à pobreza material, indicam aqueles que são ou não são merecedores de ter seus direitos garantidos e sua dignidade pessoal respeitada no território nacional. Deste modo, esse autor deixa claro que as condições de subalternização trazem consigo consequências que ultrapassam as carências materiais e o desamparo, que delas decorre diretamente, para produzir situações de humilhação e injustiça que geram sofrimentos sociais significativos (Chinália *et al.*, 2018).

Sendo procedentes de classe social subalternizada, os participantes da presente pesquisa expressam, por meio do campo de sentido afetivo-emocional “Superando a pobreza”, um anseio por ascender socialmente trazendo consigo

a própria família. Trata-se de uma aspiração que excede as obrigações do provedor do sustento cotidiano, na medida em que são mencionadas ações, tais como adquirir casa própria ou proporcionar estudo aos irmãos, que se associam a transformações altamente significativas que, nas palavras de um dos participantes (P19), mudariam a história da família.

Contudo, pode ser interessante sublinhar que, em nosso país, o medo da pobreza é referido também por adolescentes de classe média, como mostra pesquisa realizada por Camps, Barcelos & Aiello-Vaisberg (2014) em uma escola particular da capital do estado de São Paulo. Entretanto, é importante salientar que esses estudantes definem a pobreza como bloqueio de acesso a bens de consumo sofisticados, cuja compra depende de altos salários. Como se vê, preocupam-se com a possibilidade de garantir que possam manter, depois de deixar a casa paterna, os mesmos padrões de consumo conhecidos na infância e adolescência. Sua situação difere enormemente daquela enfrentada pelos jovens futebolistas, aqui abordados, que buscam bons salários para ascender socioeconomicamente junto com suas famílias, mesmo que provavelmente não dispensem o consumo de produtos caros que, para além de seu valor de uso, sinalizam *status*. De todo modo, o cotejamento desses dois trabalhos indica que a condição de classe afeta fortemente o modo como se dá a transição para a vida adulta, seja sob o signo do temor de perda de privilégios, seja em plena luta por conquistar posição socioeconômica privilegiada fugindo da miséria.

Em sua recente obra sobre a influência do contexto familiar na formação de jovens futebolistas, Fernando Truyts (2018) demonstra e defende, na perspectiva do serviço social, a necessidade de compreender a vida de jovens

atletas, que vão em busca de tornarem-se jogadores de futebol, objetivando desse modo alcançar melhorias das condições de vida familiar. Com uma certa frequência, essa também é a meta dos próprios familiares, que passam a considerar crianças e adolescentes como projetos de ascensão socioeconômica. Nessa sintonia, muitas famílias chegam a abandonar localidades de origem, ocupações e redes de apoio familiar e educacional, em busca da inserção deste ou daquele menino, reconhecido como talentoso, em processos de formação em clubes renomados. Esse tipo de movimento parece-nos bastante paradoxal na medida em que tanto sinaliza a persistência de uma certa esperança como a visão de que outros caminhos se encontram efetivamente bloqueados.

Galeano (2004) tece duras críticas, que consideramos altamente pertinentes, ao sistema econômico do futebol, no qual meninos adentram tanto para realizarem seus sonhos, conforme o campo “Trabalho dos sonhos”, como para terem acesso à renda e proporcionar melhoria significativa na condição socioeconômica da família, conforme o campo “Superando a pobreza”:

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz.

O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia. Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade” (Galeano, 2004, p. 10).

A nosso ver, as colocações de Galeano (2004), são bastante precisas e suscitam muitas reflexões sobre a forma como atividades, inicialmente brincantes e criadoras, descaracterizaram-se para se transformar em negócio altamente rentável. Esse negócio pode exercer um grande fascínio sobre o menino pobre, para o qual as portas do estudo estão fechadas, prometendo realização, fama e enriquecimento, ainda que funcione na prática como uma espécie de loteria na medida em que um bilhete premiado é feito por uma enorme quantidade de bilhetes não premiados.

### **Esforço Individual como Chave do Sucesso**

O terceiro campo de sentido afetivo-emocional, interpretativamente produzido na presente pesquisa, “Esforço individual como chave do sucesso”, é aquele que se organiza ao redor da crença que o esforço individual, focado e

persistente, resulta em sucesso profissional. Se o primeiro campo de sentido afetivo-emocional, “Trabalho dos sonhos”, colocou-nos em contato com a busca de um “ser e fazer” por meio do qual se realizariam os próprios sonhos como gestualidade espontânea (Aiello-Vaisberg, 2017), e o segundo campo, “Superando a pobreza”, propiciou contato com o anseio de ascender socioeconomicamente, cuidando da própria família segundo um padrão masculino, condizente com a divisão sexual do trabalho, entramos agora numa nova questão, relativa ao que é exigido do jovem no processo de sua profissionalização como jogador de futebol.

Nesse instante, cabe realizar uma ponderação importante, que versa sobre a importância do esforço e, mais especificamente, do esforço individual, na obtenção de resultados pretendidos de ações humanas que, aliás, é aspecto nuclear na definição do trabalho. Na perspectiva lukacsiana, o trabalho seria a forma originária do ser social, no sentido de um agir humano que transforma inicialmente o mundo da natureza e, a partir daí, tanto a natureza como o mundo humano (Lukács, 19878/2013; Lessa, 2015). Desse modo o trabalho teria impulsionado todas as mudanças e transformações sociais ao longo da história da humanidade, entre as quais se inclui o surgimento das ciências e as tecnologias delas derivadas. Portanto, por meio do trabalho os seres humanos se tornam agentes de transformação da natureza e do próprio mundo humano, elevando as sociedades a patamares superiores de sociabilidade e de desenvolvimento dos saberes.

Entretanto, é fundamental reconhecer que o trabalho, que em si mesmo opera a passagem da esfera ontológica orgânica para a esfera ontológica do ser social, inaugurando, portanto, a cultura, vem a adquirir características muito

peculiares na sociedade capitalista, na medida em que deixa, nesse sistema, de se colocar a serviço do atendimento das necessidades humanas para ter como objetivo básico a produção de dinheiro (Bottomore, 1983/2012). A partir do momento em que estamos inseridos em uma sociedade na qual que ocorre a exploração organizada do trabalhador assalariado – bem como da mulher que, realizando atividades domésticas que sequer são consideradas como trabalho, como bem aponta Federici (2019), cria-se uma situação em que vantagens e desvantagens tendem a se acumular ao longo do tempo. Nesse contexto, o fato evidente do esforço ser a base da ação é usado de modo perverso para que o trabalhador acredite ser o responsável por sua condição de classe, deixando, assim, de perceber que sofre um processo constante de exploração e subalternização<sup>59</sup>.

Portanto, é certo que dedicação e esforço que, em princípio, presidem a realização de um trabalho de qualidade, devem ser ensinados às novas gerações. Por esta via, trajetórias de desenvolvimento podem resultar na formação exitosa de bons profissionais nas mais diversas áreas de atuação laboral. No entanto, também a verdade, conforme a qual a dedicação, o empenho e o esforço garantem a qualidade dos resultados, em todos os ramos de trabalho, pode ser usada de modo perverso, para impedir que o indivíduo se aperceba do fato de que a pobreza, que o coloca na condição de subcidadania (Souza, 2003) não é resultado direto de sua incompetência pessoal, e sim do modo como se organiza o trabalho na sociedade capitalista.

---

<sup>59</sup> Retomaremos a questão mais abaixo porque é nuclear na definição do campo ambiental “Embuste meritocrático”.

## Coisa de Homem

A consideração dos desenhos-estórias permitiu, também, a produção interpretativa de um quarto campo de sentido afetivo-emocional, denominado “Coisa de homem”, que se define como aquele que se organiza ao redor da crença de que o futebol seria um conjunto de ações que exige, para sua realização, atributos masculinos. Esse campo desvela uma realidade do mundo futebolístico que merece especial atenção ao passo em que indica que os sofrimentos humanos de jovens futebolistas se associam aos ideais de masculinidade. Tais ideais são enaltecidos, mas também fortemente atacados no capitalismo cisheteropatriarcal, na medida em que largos contingentes da população masculina, que poderiam se acreditar naturalmente destinados à condição de heróis, são reduzidos à condição de vencidos, oprimidos, dominados e explorados.

Em primeiro lugar, vale lembrar que estereótipos como virilidade, força, sucesso profissional, brutalidade e outros são associados ao masculino e valorizados no mundo atual, em detrimento de outras possibilidades de ser/estar no mundo (Connell & Messerschmid, 2013). Como consequência, configura-se uma hierarquização social, inclusive entre os próprios homens, em que aqueles que demonstram menos habilidades viris, como competitividade e agressão, ou mesmo que preferem outras atividades, tidas como mais sensíveis, como dança, são excluídos e estigmatizados (Devide & Brito, 2021). O prejuízo de se viver sob essas exigências de masculinidade, por meio da repressão de sentimentos e de desempenhos mais espontâneos e autênticos, atinge as condições de saúde mental de todas as pessoas, inclusive dos próprios homens (Silva & Melo, 2021). Assim, a necessidade de sustentar, a todo custo, uma imagem viril e



máscula, pode aportar superficialidade às relações e aos vínculos e dificultar o estabelecimento de um estado de integração pessoal, condizente com o próprio ser, gerando sofrimentos psíquicos socialmente determinados (Aiello-Vaisberg, 2017).

Vale dizer que nos deparamos, com frequência, em nossa experiência profissional e pessoal, com atletas em formação que revelam não poder expor condutas como lamentações, choros, medos e angústias, por estarem relacionadas à compreensão de que resultariam de fraquezas inadmissíveis entre os homens, principalmente no contexto esportivo. Esse fenômeno é facilmente compreendido quando lembramos que a figura masculina é imaginada como perfeitamente talhada para a prática futebolística, justificando que o futebol seja facilmente compreendido como um sonho especificamente masculino (Franzini, 2011). Como corolário, não nos surpreendemos ao constatar que mulheres futebolistas profissionais relatem experiências de sofrimentos associados ao capitalismo cisheteropatriarcal que rege a sociedade e o mundo do futebol (Kopanakis, Silva & Aiello-Vaisberg, 2021). Nesse contexto é importante lembrarmos de que mulheres foram durante muito tempo excluídas da possibilidade de jogar futebol, por essa ser uma prática exclusivamente masculina e, portanto, considerada incompatível com o corpo feminino (Silva, 2015). Entretanto, cumpre lembrar que a crença, segundo a qual a atividade futebolística seria, em si mesma, imprópria para a fisiologia feminina, não se sustenta como fato natural, mas consiste em fenômeno da esfera do ser social (Lukács, 1978/2013; Lessa, 2015), inserindo-se em uma complexa rede de poderes e disputas políticas que, ao mesmo tempo, confere privilégios e

desvantagens, sendo essas últimas maiores para as mulheres, os imigrantes, os pobres e os negros (Biroli, 2018; Hirata, 2018).

Sabemos que a virilidade está socialmente associada a trabalhos pesados, sujos e penosos (Hirata, 1995), o que contribui para que homens exerçam atividades insalubres, exaustivas e perigosas, negligenciando o cuidado de si. Essa visão, que enaltece a fantasia de que o corpo masculino suportaria a realização de esforços extremados, favorece, segundo pudemos observar, em nossa prática profissional, que meninos jovens queiram exercitar-se além de limites aconselháveis, o que pode ocasionar danos na saúde física e mental. Nesse caso, as crenças nucleares dos campos de sentido afetivo-emocional “Superando a pobreza”, “Esforço individual como chave do sucesso” e “Coisa de homem”, se articulam sob a forma de estereótipos masculinos ligados à figura do herói guerreiro e acabam por favorecer atitudes menos prudentes por meio das quais uma diminuição do autocuidado se associa à produção de lesões corporais.

### **Campos Ambientais Como Contextos Macrossociais**

Nessa seção buscamos refletir criticamente acerca dos campos ambientais no âmbito dos quais se inserem os campos de sentido afetivo-emocional sobre os quais acabamos de nos debruçar. Para tanto, lembramos que os campos ambientais são concebidos por Bleger (1963/2007) como aqueles que um observador, relativamente externo ao acontecer estudado, pode constatar a partir de seu próprio ponto de vista que, no âmbito da psicologia psicanalítica concreta, corresponde a uma percepção dialética da realidade.

Devemos também entender que correspondem ao que denominamos contextos macrossociais.

Temos afirmado, em várias ocasiões, que entendemos, a partir da psicologia psicanalítica concreta, que o estudo psicológico dos atos humanos implica considerá-los como manifestações que têm lugar em campos vinculares, os quais se inserem, inevitavelmente, em contextos macrossociais. Essa visão é fundamental porque evita que o psicólogo deixe de reconhecer que aquilo que se passa no nível vincular não deve ser descolado do acontecer social e é não só afetado, mas também constelado pelo que está vigente na realidade social. Por exemplo, as relações dificultosas entre mães e filhas, tão conhecidas na clínica, não derivariam, pura e simplesmente, das características do vínculo em questão, eventualmente comprometido, por exemplo, pela inveja da menina em relação à capacidade gestacional da mãe, mas se ligaria, de modo relevante, à penosa experiência, conhecida pelas mulheres, desde idade tenra, de pertencer ao gênero feminino em contextos macrossociais patriarcais. Assim, cabe destacar que os contextos macrossociais, que aqui acessaremos por meio dos campos ambientais, iluminam condições estruturais objetivas (Almeida, 2018), tais como o machismo, o racismo e outras discriminações que derivam, em última instância, da organização da sociedade de modo capitalista cisheteropatriarcal.

O estudo dos campos ambientais complementa<sup>60</sup> o estudo dos campos de sentido afetivo-emocional, por meio dos quais podemos produzir

---

<sup>60</sup> É oportuno esclarecer que habitualmente nos limitamos, aos trabalhos de nosso grupo de pesquisa, a investigar imaginários coletivos usando o método psicanalítico. Ou seja, não nos detemos na pesquisa dos chamados campos ambientais, que são a forma como os contextos macrossociais se fazem presentes quando um certo acontecer humano é focalizado. Entretanto,

conhecimento compreensivo sobre imaginários coletivos. Como veremos, será possível desse modo ter uma ideia mais clara sobre aquilo que é introjetado, no sentido freireano do termo, pelo participante, que vive uma condição interseccional complexa na qual se conjugam gênero, classe, transição para a vida adulta e apresentação de habilidades reconhecidas por meio das quais consegue ser admitido no futebol de formação.

Seguindo ensinamentos de Bleger (1963/2007), complementamos o estudo do imaginário coletivo dos participantes sobre o jogador de futebol por meio da abordagem da narrativa transferencial à luz de uma abordagem metodológica crítica dialeticamente informada. Por esta via chegamos à definição do campo ambiental “Embuste meritocrático” que se organiza ao redor da percepção de que circula, no imaginário social, a visão de que cada pessoa ocupa a posição socioeconômica que merece em função de seu esforço individual. Trata-se evidentemente de um engano que visa, antes de mais nada, a manutenção do capitalismo cisheteropatriarcal, desencorajando a busca de mudanças sociais. Assim, de um modo que poderia parecer simplificador, para cientistas políticos e economistas, podemos fazer uma afirmação que se revela suficiente para os propósitos de uma pesquisa psicológica comprometida com o combate ao sofrimento humano, quando dizemos que a disseminação de noções falsas, que sempre tomam de empréstimo, alguma verdade que pode torná-las mais verossímeis, opera efeitos verdadeiramente perniciosos sobre a

---

a presente pesquisa se revelou propícia para o estudo dos campos ambientais pelo fato de estarmos estudando manifestações produzidas numa sessão de atendimento, que abordamos sobre um fundo constituído por uma convivência duradoura e diversificada, entre a pesquisadora e os participantes. Deparamo-nos, portanto, com uma oportunidade para realizar um trabalho que se inspira na ideia de complementaridade, tal como concebida por Devereux (1972/1985), quando buscava articular a experiência emocional com as condições socioculturalmente prevalentes nas quais ocorriam os fenômenos.

saúde emocional daqueles que visa manipular. Assim é que a circulação da visão perversa, de acordo com a qual cada um ocupa, na sociedade em que vivemos, o lugar que alcançou mediante seus próprios esforços individuais, baseia-se em parte num campo ambiental, que denominamos “Trabalho como esforço humano”, que certamente é objetivamente verdadeiro sempre que ocorrer em campos não organizados em termos de exploração e dominação. Por outro lado, o “Embuste meritocrático” esconde, precisamente, a verdade objetiva, por meio da qual se estrutura o capitalismo cisheteropatriarcal, sistema no qual vantagens e desvantagens são objetivamente cumulativas.

O campo ambiental “Embuste meritocrático” obtém sucesso no desencorajamento de iniciativas de mudança do sistema social, operando não apenas em termos da modulação da crença no trabalho, lembrando que trabalho é sempre igual a esforço, mas criando situações que permitem que o impossível – ascensão social daqueles que são hoje explorados – aconteça para poucos. Assim, se é possível sair da favela e se transformar numa celebridade que usufrui de padrões socioeconômicos altíssimos, fica provado que a ascensão social pode ocorrer para qualquer um que seja suficientemente esforçado. Esse é um ponto muito interessante, porque está sendo usada uma lógica bastante elementar, que consiste em derrubar a afirmação de que todos os cisnes são brancos por meio da apresentação de um único cisne negro.

Esse “Embuste meritocrático” é parte integrante do capitalismo cisheteropatriarcal e se encontra na base da crença na possibilidade de mobilidade social. Contudo, provavelmente se torna mais pronunciado em períodos de crise, durante os quais torna-se necessário aumentar a acumulação de capital por meio de maior exploração do trabalhador. O fato é facilmente

compreensível porque evita mobilizações sociais de cunho reivindicador, dificulta a percepção da própria crise econômica e leva o desempregado a se culpar e deprimir-se. Provavelmente levar a pessoa a introjetar a crença de que é a única ou principal responsável pelo seu próprio destino, em função do maior ou menor esforço individual no trabalho, afigura-se como um verdadeiro golpe de mestre no controle das camadas subalternizadas.

A partir do momento em que conseguimos entender o jogo que se estabelece entre o campo de sentido afetivo-emocional “Esforço individual como chave do sucesso” e “Embuste meritocrático”, uma série de questões e sofrimentos passam a ser melhor compreendidas. Percebe-se que essa crença, que de um lado parece ser motivo de aumento de esperança, acaba colocando o jovem numa situação extremamente tensa que não deixa, de modo algum, de repercutir no seu equilíbrio pessoal.

Assim, é importante lembrar que podemos inferir os demais campos ambientais a partir do “Embuste meritocrático” que emergiu ao exame da narrativa transferencial. Desse modo, cabe lembrar, inicialmente, que o embuste meritocrático, sendo intrínseco à crença na mobilidade social, apoia-se sobre o “Capitalismo cisheteropatriarcal” e este, como fenômeno humanamente criado, apoia-se sobre a “Esfera ontológica do ser social”.

O quadro se complementa, no que diz respeito aos campos ambientais, quando lembramos que a entrada na esfera do ser social depende da emergência do trabalho, enquanto esforço humano por meio do qual podemos modificar a natureza e o ser humano. A invenção do trabalho ocorre muito antes do estabelecimento do capitalismo cisheteropatriarcal mas, por outro lado, o trabalho se torna radicalmente explorado no sistema capitalista.

Além disso, os campos de sentido afetivo-emocional “Coisa de homem”, e “Superando a pobreza” revelam-se fortemente definidos pelo campo ambiental “Capitalismo cisheteropatriarcal” mostrando, no final das contas, que os jogadores sofrem fortes pressões quando introjetam crença num certo tipo de masculinidade, guerreira e batalhadora, crença de que o homem deve cuidar da própria família a partir dos ganhos e crença de que seu próprio desempenho, como “Coisa de homem”, é o que vai definir seu destino. Sofre, portanto, um constante apelo a demonstrar sua virilidade combativa, o que possivelmente inclui lutar contra limites de resistência do próprio corpo.

Contudo, não nos surpreende constatar, dado que a realidade humana é, conforme reconhece a perspectiva materialista dialética, essencialmente contraditória que, de acordo com os nossos resultados – e não apenas como inferência teórica – os campos ambientais “Embuste meritocrático” e o “Capitalismo cisheteropatriarcal” não neutralizem outros aspectos ambientais, que correspondem a avanços civilizatórios. Esse fenômeno é facilmente explicável, uma vez que o próprio sistema capitalista, bem como outros que o antecederam historicamente, depende do trabalho, vale dizer, da capacidade de transformar o mundo a partir dos atos humanos. Sendo assim, não causa espanto que o campo de sentido afetivo-emocional “Esforço individual como chave do sucesso” ocupe, em nosso diagrama, uma posição sinaliza que é determinado tanto pelos campos ambientais “Embuste meritocrático” e “Capitalismo cisheteropatriarcal” como pelo campo “Trabalho como esforço humano”. Mais do que isso, o embuste, que consiste em individualizar, sob a ideia de ascensão socioeconômica individual, uma questão que é de fato coletiva, ou seja, a necessidade de combate à desigualdade e à pobreza e seus

desdobramentos, que resultam na condição de sub cidadania (Souza, 2003) e em sofrimentos sociais importantes, que não favorecem a saúde mental da população, apoia-se evidentemente na campo ambiental “Trabalho como esforço humano”<sup>61</sup>.

Finalmente, a criação/encontro do campo de sentido afetivo-emocional “Trabalho dos sonhos” configura-se como um importante resultado interpretativo ao indicar que, mesmo em condições objetivamente adversas, do ponto de vista social, os jovens, cujo imaginário investigamos, mantêm a capacidade de acreditar que é, do ponto de vista psicológico, a base da capacidade de ter esperança (Motta, 2018). Tal capacidade, é importante notar, mesmo que aqui não tenhamos condições de adentrar detalhadamente pelos delicados caminhos da constituição do *self* (Winnicott, 1983/1960), encontra-se na base do próprio fenômeno de personalização individualizada que, conforme afirma Bleger (1963/2007), é uma sofisticada produção social. Aqui não deixa de ser importante lembrar as lutas das pessoas transgêneras, em defesa do que sonham e sentem como verdadeiro (Silva, 2020).

Portanto, é forçoso admitir que, o mesmo caráter contraditório da realidade social permite que sob uma organização essencialmente baseada na exploração do trabalho com vistas ao acúmulo incessante do capital, o que apresenta, como contrapartida o aumento da pobreza<sup>62</sup>, continua possível a

---

<sup>61</sup> Destaquemos, mais uma vez, que o trabalho é, do ponto de vista da humanidade, o monumental fenômeno que inaugura a passagem desde a esfera orgânica do ser à esfera sócio-humana do ser, de acordo com a ontologia lukacsiana, que adotamos (Lukács 1978/2013; Lessa, 2015).

<sup>62</sup> Lembremos que no sistema neoliberal, a transformação de direitos em mercadorias, da qual não apenas a saúde, mas as condições de habitação, são apenas alguns exemplos, mostra que o aumento da pobreza apresenta, como limite, a morte individual, fenômeno que coroa o encontro da legalidade própria da esfera ontológica sócio-humana com a esfera ontológica orgânica.



criação de imaginários que escapam dessas determinações. Claro que imaginários organizados ao redor dos sonhos – dos próprios jogadores e certamente das torcidas que enchem os estádios, são usados na manutenção do negócio milionário que é o futebol. Entretanto, sua potência, que se alicerça sobre a capacidade humana de criar, que é simultaneamente expressão da gestualidade espontânea e trabalho – capacidade de transformar o mundo por meio de ações (Winnicott, 1975/1971) - é anterior ao uso que dela se faz no atual momento histórico.

### **Futebol de Formação e Sofrimentos Sociais**

Como mencionamos, no segundo capítulo dessa tese, o conceito de sofrimentos sociais despontou, na literatura das ciências humanas e sociais, para dar conta de novos fenômenos que decorriam de mudanças nas condições de trabalho que colocaram fim ao chamado estado de bem estar social vigente nos países desenvolvidos até as décadas finais do século passado (Dejours, 1993; Kleinman, Veena Das & Lock, 1997; Renault, 2010). Posteriormente, autores, que pesquisavam a realidade sociais de ex-colônias europeias, perceberam que uma série de condições, ligadas à intersecção entre classe, gênero e raça, estariam na gênese dos sofrimentos sociais, do que decorreu uma ampliação do uso desse conceito para cobrir um número bastante expressivo de situações concretas (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013; Renault, 2010). Sendo assim, fica claro que nossa proposta de estudo do imaginário de jovens que participam do futebol de formação sobre o jogador de futebol corresponde à abordagem de pessoas que se encontram numa intersecção entre classe, gênero, situação de transição para a vida adulta e apresentação de habilidades atlético-motoras reconhecidas como suficientes

para ingresso em categorias de base de clubes de futebol. Tal condição nos alerta, antecipadamente, para o fato de estarmos abordando um coletivo que provavelmente lida com condições geradoras de sofrimentos sociais.

Os campos de sentido afetivo-emocional, conforme os quais se organizam o imaginário dos jovens atletas, revelam a presença de um sonho esperançoso, expresso pelo “Trabalho dos sonhos”, que, dadas as condições concretas de vida dos participantes, vincula-se com a busca por ascensão social, demonstrada pelo campo “Superando a pobreza”, mediante o uso da capacidade de trabalhar com afincamento extraordinário, manifestada por “Esforço individual como chave do sucesso”, pela invocação de qualidades combativas supostamente viris, expressas no campo por “Coisa de homem”. Cabe, portanto, afirmar que, de um certo modo, encontramos-nos diante de um imaginário essencialmente combativo, que tenta, na verdade, uma fuga ao sofrimento. Possivelmente, o estado emocional mais constante, entre os participantes, seja o da negação do sofrimento por temor de que qualquer queixa ou lamento mais definido possa levar a enfraquecimento. Cabe a interrogação sobre se o retrato que obtemos, por meio do estudo de seus desenhos-estórias, revela, antes de mais nada, um estado de ânimo semelhante ao de soldados se preparam para entrar no campo de batalha, sob o imaginário de lutar por sua pátria e seu povo, tentando se esquecer de que muitos do seu grupo provavelmente perderão suas vidas.

Entretanto, se na hora de posar para a fotografia um lado da questão é enfatizado, enquanto outro lado é negada ou ocultado, o fato da pesquisadora estar inserida no mundo do futebol, conviver constantemente com os atletas de todas as categorias e frequentar espaços institucionais vinculados à organização desse esporte no país, descortina um outro panorama, que não podemos

ignorar. Na verdade, o contato, bastante próximo, com os meninos jovens, permite o conhecimento detalhado de seus dramas pessoais e familiares<sup>63</sup>, enquanto por outro lado um maior conhecimento sobre funcionamento do mundo desse esporte, permite a percepção do futebol como negócio, mesmo quando as condições internas dos clubes adotam diretrizes de cuidado suficientemente bom dos atletas em geral e dos atletas juvenis em particular.

Assim, os sofrimentos sociais ficam limitados, no imaginário dos participantes, às condições familiares da pobreza e suas consequências, enquanto a prática futebolística é situada como oportunidade de cura do sofrimento. Outra é a perspectiva que encontramos ao examinar, no grupo de pesquisa, no contexto do qual essa tese foi elaborada, a narrativa transferencial, na qual a pesquisadora inclui uma visão da condição de vida dos participantes que não escamoteia a vivência de sofrimentos que eclodem durante o próprio processo de formação.

A nosso ver, acaba tornando-se evidente que a situação de vida dos participantes traz consigo esperança de mudança e superação da pobreza, mas também sofrimentos que devem ser primariamente localizados na proximidade, bastante perturbadora, entre o campo de sentido afetivo-emocional “ Esforço individual como chave do sucesso” e o campo ambiental “Embuste meritocrático”, na medida em que este é uma modificação perversa, que traduz o campo ambiental “Capitalismo cisheteropatriarcal” que, e deriva, inclusive

---

<sup>63</sup> Estar trabalhando no clube durante o período pandêmico, durante o qual foram realizados atendimentos à distância, quando os atletas foram afastados do clube, trouxe um conhecimento ainda mais amplo sobre suas vidas (Kopanakis, Oliveira & Aiello-Vaisberg, 2021).

historicamente, de um outro campo ambiental, bastante abrangente e definidor do processo de hominização, denominado “Trabalho como esforço humano”.

Vemos assim que quando acrescentamos, ao nosso material de pesquisa, a narrativa transferencial, deparamo-nos com uma situação muito mais complexa do que tínhamos diante de nós quando levávamos em consideração apenas o imaginário dos participantes. Isso ocorre não apenas porque temos duas diferentes perspectivas em jogo, mas sobretudo porque a segunda perspectiva carrega consigo a consideração de fenômenos que acontecem objetivamente na realidade social, uma vez que o “Embuste meritocrático” tem um alto poder enganador que opera efeitos muito reais na subjetividade dos participantes – efeitos que não conseguem admitir, inclusive porque podem provocar a emergência de estados confusionais (Bleger, 1963/2007).

Nessa linha, entendemos que o uso de uma verdade indiscutível, aqui enunciada por meio do campo ambiental “Trabalho como esforço humano”, para veicular uma afirmação que distorce o modo de organização da social, conforme o campo ambiental denominado “Embuste meritocrático”, coloca os jovens atletas em situação de sofrimento social. Vejamos o porquê. Em primeiro lugar, é importante considerar que ocorre um apelo a algo cuja veracidade é difícil de negar, vale dizer, o fato do mundo humano ser produzido pelo trabalho, na acepção precisa de acordo com a qual o termo significa capacidade de mudar a natureza e o mundo humano por meio de atos humanos. Em segundo lugar porque apelando para uma verdade, escamoteia aspectos estruturantes de uma realidade social que se caracteriza pela exploração e dominação de muitos por poucos, nas quais, digamos assim, não se joga “a limpo”.

Pode-se imaginar que tal situação aprisione o atleta jovem. De um lado, é claro que quem trabalha com mais afinco pode obter melhores resultados. Isso pode ser facilmente observado em todo e qualquer ato humano, até mesmo em algo tão cotidiano como são os hábitos de higiene. Por outro, a noção de que tudo depende do esforço pessoal coloca o jovem em posição de ser o primeiro a desrespeitar os próprios limites, pela introjeção, no sentido freireano do termo, de um “técnico” eventualmente mais severo e exigente do que a maioria dos treinadores reais. Quando os esforços cessam, seja porque o corpo não aguenta mais, seja porque há interferência externa brechando o atleta, poderá surgir, imaginativamente, a figura de um juiz capaz de emitir uma sentença desabonadora sobre as qualidades viris daquele que não conseguiu ir além do que podia naquele momento. Aquele que buscava, além de realizar seus sonhos, também salvar a própria família pobre, em estado de subcidadania, corre, o tempo todo, o risco de se ver um verdadeiro fracasso incapaz de enfrentar bem o mundo quando o que está em pauta é “Coisa de homem”. Portanto, os jovens estão o tempo todo ameaçados de se descobrirem e serem descobertos como fracassados.

Renault (2010) entende que os sofrimentos sociais tendem a serem vividos, eventualmente de modo não consciente, sob a forma de sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça. Nossos próprios estudos revelaram, no contexto da pesquisa sobre a maternidade, que nesta os sofrimentos sociais ocorrem principalmente como sentimentos de culpa (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017). Aqui nos deparamos com uma nova forma de sofrimento que envolve simultaneamente humilhação e culpa. A humilhação surge toda vez que ocorre uma falha, que tanto pode significar a perda de uma boa jogada como algo

menos tangível como “não ter dado o meu melhor”, e a culpa entra em cena porque a situação é julgada segundo a premissa de que tudo depende de esforço individual. Como corolário, toda falha é fracasso, e todo fracasso atesta deficiência viril, pela qual o próprio atleta seria responsável.

Evidentemente, seria possível dizer que é preciso que o ciclo infernal, acima descrito, exista, para que os momentos de vitória tragam experiências inebriantes de triunfo. Contudo, talvez baste voltarmos nossos olhos para situações tais como o brincar com a bola de uma criança pequena para percebermos que não há necessidade de conjuração do inferno para que possamos viver situações de encantamento.

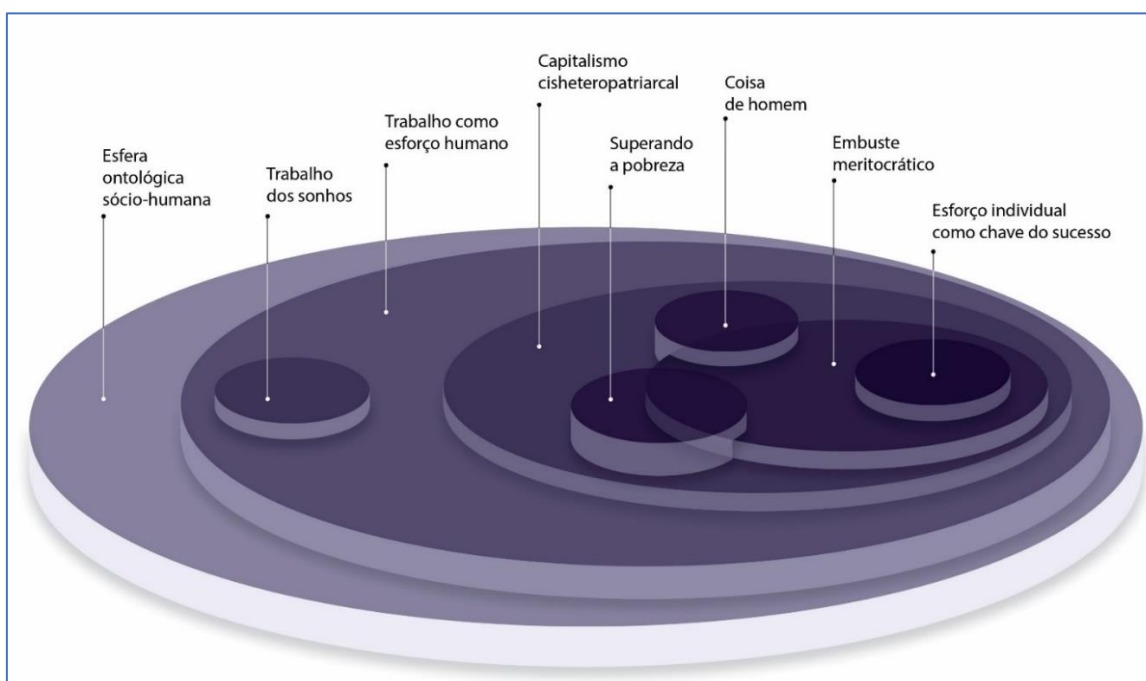
### **Considerações Finais**

A partir do problema de pesquisa que corresponde ao estudo da condição afetivo-emocional de brasileiros do gênero masculino, pertencentes às classes subalternizadas, em processo de transição para a vida adulta, em período histórico marcado por crise econômica ligada a processo de franca desindustrialização do país (Sampaio, 2019) e elevado número de desempregados (IBGE, 2021), estabelecemos, como objetivo da pesquisa, ao redor da qual se organiza essa tese, o estudo de imaginários coletivos de meninos jovens, que se encontram em processo de formação no futebol de base, sobre a vida do jogador de futebol. Ao optar por tal objetivo, viemos a trabalhar com uma população que se encontra na intersecção entre gênero, classe e transição para a vida adulta, apresentando, entretanto, como característica

diferencial, o fato de apresentar talentos reconhecidos para a prática desse esporte.

Os resultados do estudo, interpretados a partir do método psicanalítico abrangem a constatação da existência de quatro campos de sentido afetivo-emocional, denominados “Trabalho dos sonhos”, “Superando a pobreza”, “Esforço individual como chave do sucesso” e “Coisa de homem”. A realização de um estudo crítico, dialeticamente informado, resultou na percepção de vigência de um campo ambiental, denominado “Embuste meritocrático”. Além disso, inferências teóricas, realizadas a partir do uso de formulações de Bleger (1963/2018), Lukács (1978/2013), didaticamente explicado por Lessa (2015), e Federici (2019a e 2019b), permitiram a postulação de mais três campos ambientais, denominados “Capitalismo cisheteropatriarcal”, “Trabalho como esforço humano” e “Esfera ontológica sócio-humana”. O diagrama abaixo permite uma visualização do conjunto desses resultados:

**Figura 2** *Campos Resultantes da Pesquisa*



Baseados na teoria lukacsiana, entendemos o campo ambiental “Esfera ontológica sócio-humana” como primário, na medida em que se constitui pelo surgimento do trabalho como capacidade de transformação da realidade por meio de atos humanos. O campo que corresponde à esfera do ser sócio-humano se mantém duradouramente, no tempo, na medida em que se repetem continuamente as ações de trabalho, a partir do primeiro movimento teórico, esboçado por um animal que se transformava, por seu intermédio, em um ser humano (Lukács, 2013; Frederici, 2019a, 2019b & Bleger 1963/2018). Assim, o fato do trabalho portar o dom de transformar a natureza e a realidade socioambiental ocasionou um desenvolvimento das forças produtivas que, passando por diferentes formas de organização, originou o capitalismo cisheteropatriarcal.

Constatamos, portanto, que o imaginário dos atletas se constitui a partir da presença de um sonho esperançoso de realizar-se por meio de uma atividade profissional que neles produz um certo encantamento, mas que esta logo se alia, dada a condição de pertencimento a classes subalternas, a aspiração de ascender socioeconomicamente, transformando também à vida familiar. Já que a habilidade atlética não é tematizada, o caminho para a realização do sonho, bem como para a superação das dificuldades, é o esforço individual, intenso, que se vincularia a atributos masculinos. Como se vê, o problema é visto como algo que se liga à condição de classe e o futebol é claramente equacionado como solução. Provavelmente esta configuração corresponde a uma situação de relativo conforto afetivo-emocional.

Entretanto, quando incluimos, no processo de busca de compreensão da situação dos jovens atletas, o campo ambiental “Embuste meritocrático”, que



surge a partir do estudo crítico da narrativa transferencial, percebemos que a condição dos participantes da pesquisa é um tanto mais complexa, na medida em que encontram-se expostos a um imaginário social que, promete o sucesso em troca do esforço individual, num mesmo movimento em que abre a possibilidade de ascensão social e responsabiliza o pobre por sua condição de classe. Percebemos aí uma configuração que facilmente constela uma condição de sofrimento social, na medida que se dá como ameaça de fracasso e, desse modo, revelação de uma virilidade deficiente na qual se associam humilhação e culpa.

Esse quadro geral, que reproduzimos, agora, em rápido sobrevoo, suscita uma importante questão relativa à possibilidade de sua superação, dado que estamos claramente diante de sofrimentos vinculados às condições sociais que tem caráter estrutural, o que significa que seria necessário refletir sobre as possibilidades de transformação social. Contudo, abordar esse assunto ultrapassa grandemente o escopo do presente trabalho, se bem que, por outro lado, caiba lembrar que o atendimento psicológico dos jovens atletas,, mesmo quando realizado sob o enquadre da Oficina Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas, e entrando na busca de fortalecimento do *self*, certamente ficará aquém do necessário e do desejável.

Entendemos, assim, que a reflexão crítica, que subjaz os resultados dessa pesquisa, reforça a visão de que o estudo do imaginário coletivo de jovens, que se encontram na porta de entrada do mercado futebolístico, à luz da consideração dos contextos macrossociais em jogo, revelou-se fecundo como objetivo de estudo capaz de iluminar o problema de pesquisa.

Contudo, mesmo entendendo que o rigor científico desaconselha sugestões apressadas, para problemas tão altamente complexos, não queremos deixar de finalizar enfatizando a importância do posicionamento ético-político dos pesquisadores, das diversas áreas das ciências humanas, na medida em que antes das reflexões acerca de como resolver problemas há que ter clareza sobre os valores que nos norteiam. Nesse sentido, julgamos fundamental finalizar afirmando que apenas uma luta a favor de um humanismo verdadeiramente radical e inclusivo apresenta-se como caminho rumo a um futuro esperançoso e pautado no favorecimento de uma gestualidade criadora e cuidadosa.

Freire (1992) aponta o aprimoramento do sistema educacional como um grande trunfo, capaz de produzir mudanças expressivas e retirar pessoas da condição de subcidadania (Souza, 2003). Para tanto, defendemos a educação libertadora e a capacidade das pessoas constituírem senso crítico para pensar a realidade. Assim, julgamos importante lembrar aqui as ideias de Sen (2003), ainda que não compartilhemos totalmente de sua visão sobre a determinação da pobreza no capitalismo, de que a liberdade individual corresponde a uma questão nuclear quando pensamos em cidadania, algo que está intimamente relacionado a possibilidade de pensar por si mesmo, de modo alheio as estruturas de opressão humana que impedem a liberdade e perpetuam a opressão.

Nesse percurso, de compreender a realidade social sob a possibilidade de mudanças, trazemos Winnicott (2001/1950; 1983/1979) como o interlocutor que pensa o ambiente humano como meio de promover saúde, integração e fortalecimento de *self*, através de experiências em que as pessoas possam se expressar livremente. Logo, temos uma potente combinação entre trabalho

educacional e trabalho psicológico, como processos que despontam para boas transformações sociais, assentadas na liberdade, democracia, promoção da saúde mental e libertação por meio do conhecimento.

Como trabalho psicológico alicerçado ao ideal de promoção à saúde mental, integração emocional e fortalecimento de *self*, destacamos as Oficinas de Desenvolvimento de Capacidades Humanas e Esportivas, conforme mencionamos nos capítulos anteriores e que cumprem a função de oferecer aos atletas em formação um ambiente suficientemente bom ao manejo dos processos de amadurecimento humano, em diferentes faixas etárias e contextos.

Complementarmente, voltamos a atenção para todos os trabalhos relacionados ao Estilo Clínico Ser e Fazer, criado por Aiello-Vaisberg (2003) e que vão ao encontro do que seria a transformação pela liberdade de expressão da autenticidade humana e que, por essa razão, têm oferecido a sociedade, ao longo dos anos, ambientes onde a manifestação do ser e do fazer é bem-vinda, acolhida e incentivada. Afinal, como vimos na esfera ontológica, as grandes transformações sociais advêm do fazer humano, assim como a possibilidade de enfrentamento às dissociações que estão associadas, no jargão winnicottiano, às condições de saúde que repousam na possibilidade de “ser eu mesmo”.

No entrelaçar das questões estudadas com a vida daqueles que estão imersos nessas realidades, deparamo-nos com um emaranhado de problemáticas as quais queremos expor e propor soluções, nem que essas sejam paulatinas e constituam, num primeiro momento, em demonstrar e reafirmar o compromisso com os jovens em processo de formação futebolística. Pois, assim como os atletas participantes desse estudo sonham com uma vida de realizações cabe, também a nós, o sonho possível de um mundo mais justo,

sobretudo para as crianças e adolescentes que vivem no país do futebol. Cuidamos, em todo momento, de considerar a capacidade humana de transformação da realidade como uma tônica real, possível e condizente com uma sociedade fomentada em valores éticos, compatíveis com o que se espera da proteção e cuidados dispensados a crianças e adolescentes do Brasil (Freire, 2013).

## Referências

- Aiello-Fernandes, R. (2013). *Da entrada de serviço ao elevador social: racismo e sofrimento*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas), (p. 146), Campinas-SP.
- Aiello-Fernandes, R. (2018). *Racismo e Psicanálise em Produções Acadêmicas*. (Tese, de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Campinas), (p.181) Campinas-SP.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). *O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: Considerações Preliminares*. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. (org.) *Anais da XII Jornada Apoiar: A clínica social - 20 anos: o percurso e o futuro*, São Paulo: IP/USP, 306-314.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. (Tese de livre-docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil).
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). *Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana*. *Psicologia USP*, 14(1), 95–128. doi: 10.1590/S0103-65642003000100007
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica Winnicottiana*. *Aparecida: Ideias e Letras*.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). *Ser um psicanalista que faz outra coisa: artepsicoterapia na clínica winnicottiana do Self*. In *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*. São Paulo - SP: Editora Vetor.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). *Psicologia Clínica Social na Esteira da Psicohigiene e da Psicologia Institucional*. In: XII Jornada APOIAR – A Clínica Social: propostas, pesquisas e intervenções, São Paulo. Anais da XII Jornada APOIAR – A Clínica Social: propostas, pesquisas e intervenções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v37n92/v37n92a05.pdf>

Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrosio, F. F. (2006). Imaginários coletivos como mundos transicionais. In: Aiello-Vaisberg, T. M. J. A. & Ambrosio, F. F. (Orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: Imaginários Coletivos como mundos transicionais*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 5-8.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Correa, Y. B., & Ambrósio, F. F. (2000). *Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativos-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana*. In Anais do IX Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott Rio de Janeiro: Encontro Latino-Americano sobre o pensamento de D. W. Winnicott, 331-341.

- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Kopanakis, A. R. (2019). *Avances en psicología clínica*. The Use Of Differentiated Frames In Sport Psychology, 442.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. In: Monzani, J. & Monzani, L.R. (Orgs) Olhar: Fabio Herrmann – Uma Viagem Psicanalítica, São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH-UFSCar. 311-324.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L., Ayouch T., Caron R., Beaune, D. (2009). *Les récits transférenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique*. In D. Beaune (Org.). Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues (pp. 39-52). Lille: L'Harmattan.
- Almeida, S., & Ribeiro, D. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 264.
- Amaral, T. K. C. T., Silva, E. F., Granato, T. M. M., & Souza, L. F. R. (2021). *Teacher's imaginative elaborations on adolescence: a Winnicottian reading/Elaborações imaginativas de professores sobre adolescência: uma leitura Winnicottiana*. *Estud. Psicol. (Campinas, Online)* 38, e190043, 2021.
- Andrade, C., D. (2014) Quando é dia deutebol. São Paulo:Companhia das letras.
- Assis, N. D. P. (2019). *“Vadias ou certinhas”*: *Imaginários coletivos sobre o sofrimento de meninas adolescentes*. (Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas).

- Assis, N. D. P. de, Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). "Problemáticos ou invisíveis": o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 31, 259-275. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6439>
- Assis, N. D. P., Melo, C. V., Oliveira, G. C., Carlos, H. G., Nardim, I., Nogueira, L. P., Corsetti, P. H. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016b). *O imaginário coletivo sobre o sofrimento da menina adolescente no filme Bruna Surfistinha*. In: Jornada Apoiar, XIV, São Paulo. Anais. São Paulo, IP/USP, 343-360.
- Associação Ferroviária de Esportes (2019). *A história da Ferroviária*. Recuperado de <http://ferroviarias.com.br/historia/>
- Barreto, M. A. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 310-329. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200006&lng=pt&tlng=pt).
- Barros, M. M. L. D. (2010). Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos*. 16(34), 71-92. [doi: 10.1590/S0104-71832010000200004](https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200004)
- Batoni, B. R. (2020). *Trabalho profissional e trabalho reprodutivo no imaginário de universitárias*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>.



- Béhar, A., H. (2019). Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica. *Organizações & Sociedade*, 26(89), 249-268. doi: 10.1590/1984-9260893.
- Benini, P. A. C. (2012). *O jogo da minha vida: histórias e reflexões de um atleta*. Leya: São Paulo - SP.
- Bermejo, S. F., & Espada, Á. A. (2017). *Winnicott y la perspectiva relacional en el psicoanálisis (Salud Mental) (Spanish Edition)*. Herder Editorial.
- Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Bleger, J. (1988). *Psicoanálisis y dialética materialista*. Buenos Aires, Argentina: Paidós. (Original publicado em 1958).
- Bleger, J. (1992). *Psicohigiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1966).
- Bleger, J. (1995). *Temas de Psicologia: Entrevistas e Grupos* (Rita Maria Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bleger, J. (2018). *Psicologia della condotta* (Original publicado em 1963). Armando Editore.
- Botelho-Borges, A. D. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). *Desenvolvimento de capacidades e gestualidade espontânea*. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 21(49), 257–262. doi: 10.1590/s0103-863x2011000200013

Bottomore, T. (2012). *Dicionário do Pensamento Marxista*. (Original publicado em 1983). Rio de Janeiro - RJ: Zahar.

Brasil (1941). *Decreto-Lei n.º 3.199. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país*. Brasília: Casa Civil, 1941.

Brasil (1990). *Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências*. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)

Brasil (1998). *Lei n.º 9615 de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm)

Brasil (2005). *Lei 11.129 de 30 de junho de 2005*. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude, e dá outras providências. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm)

Brasil (2017). *Decreto n.º 9.255, de 29 de Dezembro de 2017*. Regulamenta a Lei n.º 13.152, de 29 de julho de 2015, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo.

Breton, D. L. (2018). *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

- Campello, T., Gentili, P., Rodrigues, M., & Hoewell, G. R. (2018). Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. *Saúde em Debate*, 42(spe3), 54-66. doi: 10.1590/0103-11042018S305
- Camps, C. I. C. M. (2009). *Ser e fazer na escolha profissional: Atendimento diferenciado na clínica winnicottiana*. (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo), São Paulo - SP.
- Camps, C. I. C. M., Barcelos, T. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Atendimento ser e fazer e escolha profissional: Estudo Sobre Eficácia Clínica. *Boletim de psicologia*, 64(140), 21-32. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432014000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432014000100003&lng=pt&tlng=pt)
- Cardozo, G., & González, A. S. (2020). Transición hacia la vida adulta en mujeres de sectores populares (Córdoba, Argentina). *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 18(3), 205-226. doi: 10.11600/1692715x.18303
- Carvalho, B. P. (2020). O que é a Psicologia Concreta? Reflexões politzerianas em torno do problema da crise da psicologia. *Revista Interação Em Psicologia*, 24 (3). doi: 10.5380/riep.v24i3.73044
- Castellano, M. (2015). "Só é fracassado quem quer": a subjetividade loser na literatura de autoajuda. *Galaxia*, São Paulo, n.29, 167-179. doi: 10.1590/1982-25542015120233

- Castro-Silva, C. R. D., Ianni, A. & Forte, E. (2021). Desigualdades e subjetividade: construção da práxis no contexto da pandemia de covid-19 em território vulnerável. *Saúde e Sociedade*. 30(2). doi: 10.1590/S0104-12902021210029
- Cataia M. (2020). Civilização na encruzilhada: globalização perversa, desigualdades socioespaciais e pandemia. *Revista Tamoios*. 16, 232-45. doi: 10.12957/tamoios.2020.50742
- Chinalia, M. J. S., Assis, N. D. P., & Visintin, C. D. N. (2018). Furtos de Bagatelas e Sofrimento Social: uma Interlocação com o pensamento winnicottiano *Psic. Rev. São Paulo*, 27(1), 35-56. doi: 10.23925/2594-3871.2018v27i1p35-56
- Confederação Brasileira de Futebol – CBF. (2021). Certificado de Clube Formador. Recuperado de <http://portaldegovernanca.cbf.com.br/certificado-clube-formador>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. doi: 10.1590/s0104-026x2013000100014
- Costa, C. D. L. (2009). Histórias/estórias entrelaçadas do(s) feminismo(s): introdução aos debates. *Revista Estudos Feministas*, 17(1), 207-213. doi: 10.1590/S0104-026X2009000100011.

- Damo, A. (2005). *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. (Tese de doutorado, Porto Alegre, UFRGS/PPGAS), Porto Alegre - RS. Recuperado de <http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital>
- DaWalt, L. S., Greenberg, J. S., & Mailick., M. R. (2017). Transitioning Together: A Multi-family Group Psychoeducation Program for Adolescents with ASD and Their Parents. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(1), 251-263. doi: 10.1007/s10803-017-3307-x
- Dejours, C. (1993). *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas.
- Delgado, P. (2013). *Acolhimento Familiar de Crianças. Evidências do Presente, Desafios para o Futuro*, Porto, Livpsic.
- Devereux, G. (1985). *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris: Flammarion. (Original publicado em 1972).
- Devide, F. P., & Brito L. T. de. (2021). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: nVersos Editora.
- Dos Santos, L. I. C., & Yamamoto, O. H. (2018). Juventude brasileira em pauta: analisando as conferências e o estatuto da juventude. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 16(2), 657-668. doi: 10.11600/1692715x.16201

- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2014) Emerging Adulthood in Brazilians of Differing Socioeconomic Status: Transition to Adulthood. *Paidéia* (Ribeirão Preto). 24(59), 313-322. doi: 10.1590/1982-43272459201405
- Eccel, C. S., & Grisci, C. L. I. (2011) Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres *Cadernos EBAPE.BR*, 9(1). doi: 10.1590/S1679-39512011000100005
- Edwards, J., Sapiezynska, E., Fylkesnes, G. K., & Salarkia, K. 2020. *Stop the war on children. Save the Children*. Recuperado de <https://resourcecentre.savethechildren.net/pdf/ch1413553.pdf/>
- Fabris-Zavaglia, M. M. (2020). A experiência vivida de mães de filhos diagnosticados como autistas e sofrimento social. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas). Campinas, Brasil. Recuperado de em <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>
- Fairbairn, W. R. D. (1994). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (E. Nick, Trad.). Rio de Janeiro: Interamericana. (Original publicado em 1952).
- Fânzeres, L., Cruz-Santos, A., & Santos, S. (2020). Questionário de Transição para a Vida Adulta dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais - Percursos de Formação no Sistema Educativo Português: Construção e Validação. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 26(3), 481-494. doi: 10.1590/1980-54702020v26e0158.
- Federici, S. (2019a). *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Rio de Janeiro - RJ: Editora Elefante.

- Federici, S. (2019b). *Le capitalismo patriarcal*. Paris: La Fabrique
- Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo*. São Paulo – SP: Boitempo
- Feffermann, M. (2006). *Vidas arriscadas: Um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Fernandes, F. T. (2018). O Contexto Familiar e Sua Influência Sobre a Saúde e o Processo de Formação de Jovens Atletas. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP), São Paulo - SP.
- Fischetti, N. (2017). Al ritmo del tambor: una entrada a la epistemología feminista latinoamericana. In: Dossier: Epistemologías feministas latinoamericanas; Solar. *Revista de Filosofía Iberoamericana*, Lima, 12(1).
- Fortunato, I., & Schwartz, G. M. (2019). Cinema, Psicologia Positiva e a Resiliência Do Corpo: Superar Para A Felicidade. *Psicologia em Estudo*. 24 doi: 10.4025/psicoestud.v24i0.42384
- Franzini, F. (2005). Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. 25(50), 315-328. doi: 10.1590/S0102-01882005000200012
- Freire, P. (1983). *Educação e Mudança*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Freitas, A. L. S. de. (2010). Registro (verbetes). In: Streck, D., Redin, E., Zitkoski, J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. *Belo Horizonte*: Autêntica Editora. 355-356.
- Freud, S. (1900). *La interpretacion de los sueños*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948.
- Freud, S. (1923[1922]/1996). Dois verbetes de enciclopédia (trad. E. A. M. Souza). In: Salomão, J. (org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 18, 283-312. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923[1922])
- Fundação Getúlio Vargas – FGV (2018). *Levantamento: “Qual foi o impacto da crise sobre a pobreza e a distribuição de renda?”* Recuperado de [https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/NOTA-CURTA-Pobreza-Desigualdade-a-Crise-Recente\\_FGV\\_Social\\_Neri.pdf](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/NOTA-CURTA-Pobreza-Desigualdade-a-Crise-Recente_FGV_Social_Neri.pdf)
- Galeano, E. (2020). *Futebol ao sol e a sombra*. Vol 308. Porto alegre: L&PM. (Original publicado em 1995).
- Galeano, E. (2010). *As veias abertas da América Latina*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Original publicado em 1971).
- Gallo-Belluzzo, S. R., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). O Imaginário de Adolescentes Sobre o Vestibular: Um Estudo Psicanalítico.. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 27(1) 404-412. doi: 10.1590/1982-432727s1201705



- Gasparotto., G. P; Grossi, P. K., & Vieira, M. S. (2014). *O Ideário Neoliberal: a submissão das políticas sociais aos interesses econômicos*. Xi Seminário Internacional De Demandas Sociais E Politicas Publicas Na Sociedade Contemporânea. Vii Mostra De Trabalhos Jurídicos Científicos.
- Gaulejac, V. (2006). *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera.
- Gaulejac, V. (2014). *A gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Rio de Janeiro: Editora Ideias e Letras.
- Goldmann, L. (1971). *La création culturelle dans la société moderne*. Paris: Denoel.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In: N. K. Denzin & U. S. Lincoln (Eds.) *Handbook of qualitative research*, 105-117. Thousand Oaks CA: Sage.
- Haider, A. (2019). *Armadilha da Identidade – Raça e Classe nos dias de hoje*. São Paulo: Editora Veneta.
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o Método Psicanalítico. In F. Herrmann e T. Lowenkron (Orgs.). *Pesquisando com o Método Psicanalítico*, 43-84. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Hinshelwood, R. (1989). *A Dictionary of Kleinian Thought*. London: Free Association Books.

Hirata, H. (1995). Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Aberto*, 15(65), 39-49. doi: 10.24109/2176-6673.emaberto.15i65

Hirata, H. (2018). Divisão internacional do trabalho, precarização e desigualdades interseccionais. *Revista da Abet*, 17(1), 7-15. doi: 10.22478/ufpb.1676-4439.2018v17n1.41160

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE. (2019). *Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018*. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE. (2020). *Síntese de Indicadores Sociais*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32420-mesmo-com-beneficios-emergenciais-1-em-cada-4-brasileiros-vivia-em-situacao-de-pobreza-em-2020>

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE. (2021). *O que é desemprego?*. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

Kleinman, A., Das, V., & Lock, M. (1997). *Introduction*. In: Kleinman, Arthur, DAS, Veena, Lock, Margaret (ed.). *Social suffering*. Berkeley: University of California Press., ix-xxvii.

- Kopanakis, A. R., Oliveira, D. O. F. D., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). Experiência vivida de jogadoras de futebol em tempos de COVID-19. *Revista Thema*, 20, 287-302. doi: 10.15536/thema.V20.Especial.2021.287-302.1848
- Kopanakis, A. R., Silva, G. R. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). Impedimentos no país do futebol. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 29(3). doi: 10.1590/1806-9584-2021v29n373166
- Kopanakis, A. R., & Aiello-Vaisberg T. M. J. (2018). “Um adulto para chamar de meu”: imaginário coletivo de futebolistas adolescentes. In L. Tardivo. 16 Jornada Apoiar: adolescência e sofrimento na atualidade. IPUSP: São Paulo.
- Kuchuck, S. (2021). *The relational revolution in psychoanalysis and psychotherapy*. New York: Confer Books.
- Lago, M. C. D. S., & Wolff, C. S. (2013). Masculinidades, diferenças, hegemonias. *Revista Estudos Feministas*. 21(1), 233-240. doi: 10.1590/S0104-026X2013000100013.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editora.
- Leme, C, G. (2011). *O futebol como estratégia de ascensão na sociedade de risco: o atleta “sem clube” e sua identidade*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo], São Paulo, SP.
- Lessa, S. (2015). *Para compreender a ontologia de Lukács*. 4 ed., Maceió: Instituto Lukács.

- Liberman, A. (2014). Stephen A. Mitchell y el psicoanálisis rioplatense “clásico” (Bleger): algunas convergencias. *Clínica e Investigación Relacional*, 8(1), 51-60.
- Lourenço, P. R. (2015). *Pobreza e exclusão social: contributos para a intervenção dos assistentes sociais em bairros de construções clandestinas* [Dissertação de mestrado, ISCTE-IUL], Lisboa. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10071/10024>
- Lukács, G. (2013). *Ontologia do Ser Social*. São Paulo: Boitempo. (Originalmente publicado em 1978)
- Lukács, G. (2003). *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes.
- MacCarthy, S., Saya, U., Samba, C., Birungi, J., Okoboi, S., & Linnemayr, S. (2018). “How am I going to live?”: exploring barriers to ART adherence among adolescents and young adults living with HIV in Uganda. *BMC Public Health* 18(1). doi: 10.1186/s12889-018-6048-7
- Mandel, C.H. (2016). *O Futebol como porta de saída da pobreza? Analisando indivíduos e organizações*. Relatório Final PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ciclo 2015/2016. FGV- São Paulo- SP.
- McDougall, J. (1989). *Teatros do eu* (O. Coddá, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

- Mencarelli, V. L., Baptista, A. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Enquadres diferenciados ser e fazer: a princesinha e o veneno da planta da floresta. *Estilos da Clínica*, 22(2), 319-338. doi: 10.11606/issn.1981-1624.v22i2p319-338
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza humana*, 9(2), 319-359. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&tlng=pt)
- Monteiro, R. A. de P. (2014). A importância do trabalho na transição para a vida adulta. *Desidades*, 4, 20-29. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822014000300003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822014000300003&lng=pt&tlng=pt)
- Montezi, A. V., Barcellos, T. F., Ambrósio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19(1), 74-88. doi: DOI-10.5752/P.1678-9563.2013v19n1p74
- Moro, M.R. (2015) La necessite transculturelle aujourd'hui pour une société bonne pour tous. *Le Carnet Psy*, 3 (188) 18-21.
- Motta, I. F. (2018). A capacidade para a esperança. (Tese de livre docência. Universidade de São Paulo). São Paulo – SP.

- Motta, I. F. (2018). A capacidade para a esperança. In: Ivonise Fernandes da Motta, Anna Silva Rosal, Claudia Yaisa G. Silva. (Org.). *Psicologia: relações com o contemporâneo*. 1 ed. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2018, v. 1, p. 302-311.
- Mora, A. M., Sparud-Lundin C., Bratt, E. L., & Moons, P. (2017). Person-centred transition programme to empower adolescents with congenital heart disease in the transition to adulthood: a study protocol for a hybrid randomised controlled trial (STEPSTONES project). *BMJ Open*. 7(4), e014593. doi: 10.1136/bmjopen-2016-014593
- Muccino, G. (Diretor) (2006). *The Pursuit of Happiness (À Procura da Felicidade)*. Estados Unidos: Columbia Pictures.
- Pasian, M. S., Faleiros, J. M., Bazon, M. R., & Lacharité, C. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando famílias*, 17(2), 61-70.
- Plastino, C. (2012). A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. *Winnicott e-prints*, 7(1), 80-113. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2012000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2012000100004&lng=pt&tlng=pt).
- Pichon-Riviere, E. (2005). *O Conceito de Ecro in O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1978).
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal (7a ed.)*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1970).

- Politzer, G. (2004). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Piracicaba: Editora Unimep. (Trabalho original publicado em 1928).
- Pontes, M. L. D. S. (2011). *“A hora H”: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência*. (Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas), Campinas, Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>.
- Renault, E. A. (2010). Critical Theory of Social Suffering. *Critical Horizons* , 11(2), 221-241. doi: 10.1558/crit.v11i2.221
- Riemenschneider, F. (2015). *Buscando a cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia*. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas), Campinas: Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>.
- Rocha, A. P. (2013). Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas. *Serviço Social & Sociedade*. 115, 561-580. doi: 10.1590/S0101-66282013000300009.
- Rodrigues, L. M. (2016). *O Imaginário de Adolescentes sobre Esporte. Campinas*, (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas), Campinas: Brasil.

- Rosa, D. C. J., Lima, D. M. D., Peres, R. S., & Santos, M. A. D. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595. doi: 10.33208/PC1980-5438v0031n03A09
- Ribeiro, R., & Neder, H. D. (2009). Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade. *Nova Economia*. 19(3), 475-506. doi: 10.1590/S0103-63512009000300004
- Romero, T. B.; Melendro, M., & Charry, C., (2020). Transition to Adulthood Autonomy Scale for Young People: Design and Validation. *Frontiers in Psychology*, 11. doi: 10.3389/fpsyg.2020.00457
- Rubio, K. (2010). Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 24, 55-68. doi: 10.1590/s1807-55092010000100006
- Sampaio, J. P., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). *Sofrimentos Sociais e Imaginários Coletivos: Estudo Psicanalítico do Filme? Antonia? XXII Encontro de Iniciação Científica e VII Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico. (Encontro).*
- Sampaio, N.P. (2019) Economia Brasileira no Início do Século XXI: Desaceleração, Crise e Desindustrialização. *Semestre Economico*. 22 (50), 107-128



- Sales, A. (2019). *Relatório: educação e as categorias de base. Universidade do Futebol. São Paulo - SP.* Recuperado de <https://universidadedofutebol.com.br/relatorio-educacao-e-as-categorias-de-base/>
- Salles, W. (diretor), & Thomas, D. (diretora). (2008). *Linha de Passe*. Estados Unidos: Universal Pictures.
- Sandel, M. J. (2021). *A tirania do mérito: O que aconteceu com o bem comum?*. 5ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 350p.
- Santos, D. F., Lima, R. C. D., Demarchi, S. M., Barbosa, J. P. M., Cordeiro, M. V. C. S., Sipioni, M. E., & Andrade, M. A. C. (2021). Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se *Saúde e Sociedade*. 30(3). doi: 10.1590/S0104-12902021200535
- Sassenfeld, A. (2018a). *Estar con otros: Cuerpo, afectividad y vínculo en psicoterapia relacional*. Cuatro Vientos.
- Secretaria Nacional da Juventude. (2013). *Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiro*. Recuperado de [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/estatisticas/agenda\\_juventude\\_brasil\\_vs\\_jan2014.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/estatisticas/agenda_juventude_brasil_vs_jan2014.pdf)
- Sen, A. K., & Motta, L. T. (2010). *Desenvolvimento como liberdade*. Companhia de Bolso.

- Silva, S. C., Galeto, P. H., & Bastista, R. K. (2020). Juventude, Mundo do Trabalho e Vulnerabilidade Social: O Desemprego Juvenil no Brasil como uma Expressão da Condição de Subalternidade da Classe Trabalhadora, *Emancipação*, Ponta Grossa, 20 (especial), 1-11. doi: 10.5212/Emancipacao.v.20.2014836.002
- Silva, G. C. (2015). *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), São Paulo, SP, Brasil.
- Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 26(10), 4613-4622. doi: 10.1590/1413-812320212610.10612021
- Silvio, A. (2021). *Olimpíadas, superação e vida precária*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/silvio-almeida/2021/08/olimpiadas-superacao-e-vida-precaria.shtml>
- Souza, J. (Org.) (2006). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Souza, J. (2003). *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- Souza, P. H. (2018). *Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. São Paulo: Hucitech; Anpocs.

- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* (1. ed.) (Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira). Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Sposito, M. P., Souza, R., & Silva, F. A. (2018). A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, 44. doi: 10.1590/S1678-4634201712170308
- Streck, D., Redin, E., & Zitkoski, J. J. *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- Takeiti, B. A., Gonçalves M. V., Oliveira, S. P. A. S. D., Elisiario, T. D. S. (2021). O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? *Saúde e Sociedade*. 29(3). doi: 10.1590/S0104-12902020181118
- Teixeira, C. E. S. (2012). *Da pobreza à riqueza: a ascensão social de jogadores de futebol profissional*. (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro.
- Thiengo, C. (2019). *O futebol e os futebolistas do futuro: análise do currículo presente na formação de futebolistas de alto rendimento a partir de um estudo de caso*. (Tese de Doutorado, Unicamp), São Paulo - SP.
- Trinca, W. (1973). *O desenho livre como estímulo de apercepção temática*. (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo). São Paulo – SP.

- Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Vieira, J. J. (2001). *Paixão nacional e mito social: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social*. (Tese de doutorado IUPERJ, Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro (RJ):
- Vieira, J. M. (2008). Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos de População*. 25(1), 27-48. doi: 10.1590/S0102-30982008000100003
- Visintin, C. D. N. (2021). *Encontros com o cuidado infantil e a maternidade: investigando imaginários coletivos*. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas), Campinas, Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>
- Visintin, C. de N., Schulte, A. de A., José, T. M, & Aiello-Vaisberg. (2021). Meus hormônios me enlouquecem: investigação psicanalítica com mommy blogs brasileiros. *Psicol. USP* 32. doi: 10.1590/0103-6564e180117
- Vladimir S. (2021). *A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral*. In: "Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico, Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior, Cristian Dunker (Orgs) livro. 1ed. Belo Horizonte: Autentica.

Waiselfisz, J. J. (2014). Mapa da Violência. Os jovens do Brasil. Brasília: FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais); Secretaria de Políticas de Promoção e Igualdade Racial; Secretaria Nacional da Juventude; Secretária-Geral da Presidência da República. Recuperado de [https://flacso.org.br/files/2020/03/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](https://flacso.org.br/files/2020/03/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)

Winkler, V. T. C. (2019). *Imaginários Coletivos de Mulheres Jovens sobre Tornar-se Adulta*. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas), Campinas, Brasil. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>

Winkler, V. T. C., Assis, N. D. P. de, & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). “*Crianças grandes*”: o imaginário coletivo da mulher jovem sobre a vida adulta. In: O procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso. São Paulo: Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. Recuperado de [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15\\_Apoiar.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15_Apoiar.pdf)

Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Trad. David Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2013). *A Família E O Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1993)

Winnicott, D. W. (2005). O Alicerce da Saúde Mental. In D.W. Winnicott. *Privação e delinquência*, 191-194. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Original publicado em 1951)

Winnicott, D. W. (2001). Algumas reflexões sobre o significado da palavra "democracia". In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 249-271). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1950)

Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (1999). "O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica". In: *Tudo começa em casa* São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1994). O jogo do rabisco. In: D. W. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 230-243. (Original publicado em 1968).

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (1990). A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. In: C. WINNICOTT; R. SHEPERD; M. DAVIS (orgs.), *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, p. 94-101. (Original publicado em 1965).

Winnicott, D. W. (1990). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: D.W. WINNICOTT, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, p. 152-155. (Original publicado em 1962).

Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1984).

Winnicott, D. W. (1983). *O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em: 1979)

Winnicott, D. W. (1983). *Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self*. In: Winnicott, D. W. *O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 128-139. (Original publicado em 1960)

Winnicott, D. W. (1982). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D.W. WINNICOTT, *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, (p. 247-268). (Original publicado em 1945).

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)

Wolf, C. S. W., Minella, L. S., Lago, M. C. D. S., Ramos, T. R. O. (2020). Pandemia na necroeconomia neoliberal. *Revista Estudos Feministas*. 28(2). doi: 10.1590/1806-9584-2020v28n274311

## Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O imaginário coletivo de atletas sobre o jogador de futebol profissional

**Pesquisador:** ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 97867018.0.0000.5481

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.065.419

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto que tem como foco investigativo o imaginário de atletas sobre o jogador de futebol profissional, sendo justificado “como produção de conhecimento clinicamente relevante para proposição de acompanhamento psicológico que leve em conta os importantes desafios enfrentados por atletas que praticam esportes como atividade profissional. Trata-se de um estudo de abordagem de pesquisa qualitativa.

#### Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da presente pesquisa é estudar o imaginário coletivo de atletas sobre a vida do jogador profissional no futebol.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

**RISCOS**

É declarado que os riscos são mínimos e que em caso de desconforto emocional, o participante receberá atendimento clínico imediato, realizado pela pesquisadora que é psicóloga clínica.

#### BENEFÍCIOS

Está declarado que “A entrevista pode proporcionar benefícios imediatos na medida em que a entrevista psicológica (BLEGER, 1979/1980) segue a configuração de uma consulta terapêutica, conferindo oportunidade de expressão emocional que, sendo acolhida pela psicóloga/pesquisadora, pode contribuir, ainda que pontualmente, para o fortalecimento afetivo-

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida      **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP      **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777      **Fax:** (19)3343-6777      **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br





Continuação do Parecer: 3.065.419

emocional do entrevistado."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta relevância, sobretudo pelo que está enunciado pela pesquisadora ao que se refere ao acompanhamento psicológico para atletas que praticam esportes, em face dos desafios enfrentados.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos reapresentados atendem às solicitações realizadas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS no. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução CNS no. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1154765.pdf	03/12/2018 22:07:37		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	RespostaParecer2.docx	03/12/2018 22:06:04	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projecomite.docx	03/12/2018 22:03:18	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLetermodeassentimento.doc	30/10/2018 23:24:51	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Outros	CartaAviso.docx	30/10/2018	ANNIE RANGEL	Aceito

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 3.065.419

Outros	CartaAviso.docx	23:21:08	KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2TermodeConsentimento.doc	30/10/2018 22:10:29	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEresponsaveislegais.docx	30/10/2018 22:10:15	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	30/08/2018 21:12:31	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AI4.pdf	30/08/2018 21:05:58	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AI3.pdf	30/08/2018 21:05:47	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AI2.pdf	30/08/2018 21:05:38	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AI1.pdf	30/08/2018 21:05:23	ANNIE RANGEL KOPANAKIS FERNANDES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINAS, 07 de Dezembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Alberto Benevenuto Drumond Frazão**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516  
**Bairro:** Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

## **Anexo B – Termos de Consentimento**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “O imaginário coletivo de jovens atletas sobre o jogador de futebol profissional”, que versa sobre aspectos psicológicos da profissão de futebolistas, será realizada sob a responsabilidade da psicóloga Annie Rangel Kopanakis, CRP 06/104339, que é doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), orientada pela Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

Você participará de uma entrevista psicológica, com duração aproximada de 60 minutos, que será realizada em uma sala da Associação Ferroviária de Esportes. Com este estudo pretende-se contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre a profissionalização do futebol envolvendo jovens brasileiros.

Esta pode gerar benefícios para os entrevistados, na medida em que permitirá que os jovens se apropriem de sua experiência vivida como atletas em formação, podendo inclusive, ressignificar essas vivências. Em outros termos, trata-se de uma entrevista que muito provavelmente gerará efeitos terapêuticos. Caso ocorra algum desconforto mínimo, você poderá contar com atendimento imediato da própria pesquisadora, que é psicóloga clínica, legalmente autorizada a exercer a profissão sob registro número 06/104339 no Conselho Regional de Psicologia (CRP).

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada na PUC-Campinas e, a outra, será fornecida a você. O material produzido ficará com as pesquisadoras para análise e os arquivos serão guardados por 5 anos, após o término da pesquisa.

Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. É livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer tempo. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade, prejuízo ou perda de benefícios.

Se você tiver dúvidas durante a realização da pesquisa ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a psicóloga Annie Rangel Kopanakis, através do telefone (16) 997671030 ou pelo e-mail: annie\_rk@hotmail.com. Questões de ordem ética podem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, de 2ª a 6ª feira das 8h00 às 17h00, órgão este que aprovou esta pesquisa. Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida; Cidade de Campinas - SP - CEP: 13.087-

571; telefone/fax: (19) 3343-6777; e-mail: comitedeetica@puccampinas.edu.br.

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro ter sido informado e, compreendido a natureza e o objetivo desta  
pesquisa, motivo pelo qual concordo em participar deste estudo.

Nome: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ R.G.  
\_\_\_\_\_

Araraquara , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(menores de 18 anos)

Caro Responsável/Representante Legal:

Gostaríamos de obter o seu consentimento para o menor \_\_\_\_\_, participar como voluntário da pesquisa intitulada “O imaginário coletivo de jovens atletas sobre o jogador de futebol profissional”.

A presente pesquisa será realizada sob a responsabilidade da psicóloga Annie Rangel Kopanakis, CRP 06/104339, que é doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), orientada pela Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

O entrevistado participará de uma entrevista psicológica, com duração aproximada de 60 minutos, que será realizada em uma sala da Associação Ferroviária de Esportes.

Com este estudo pretende-se contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre a profissionalização do futebol envolvendo jovens brasileiros. Esta pesquisa não traz nenhum risco para a população estudada e pode gerar benefícios para as entrevistadas, na medida em que permitirá que os jovens de apropriem de sua experiência vivida como atletas em formação, podendo inclusive, ressignificar essas vivências. Em outros termos, trata-se de uma entrevista que muito provavelmente gerará efeitos terapêuticos.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada na PUC-Campinas e, a outra, será fornecida a você.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. É livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer tempo. A sua autorização, bem como a participação dos participantes, é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade, prejuízo ou perda de benefícios.

Se você tiver dúvidas durante a realização da pesquisa ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a psicóloga Annie Rangel Kopanakis, através do telefone (16) 997671030 ou pelo e-mail: [annie\\_rk@hotmail.com](mailto:annie_rk@hotmail.com). Questões de ordem ética podem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, de 2ª a 6ª feira das 8h00 às 17h00, órgão este que aprovou esta pesquisa. Endereço: Rod. Dom Pedro I, Km 136 – Pq. das Universidades - Campinas - SP - CEP: 13.086-900; telefone/fax: (19) 3343-6777; e-mail:

comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Eu ..... , RG  
..... , abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade  
que meu filho ..... nascido em \_\_\_\_ /  
\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ , seja voluntário da presente pesquisa. Declaro que obtive todas  
as informações necessárias e que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Araraquara , \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável Legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

## TERMO DE ASENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “O imaginário coletivo de jovens atletas sobre o jogador de futebol profissional”, que versa sobre aspectos psicológicos da profissão de futebolistas, e será realizada sob a responsabilidade da psicóloga Annie Rangel Kopanakis, CRP 06/104339, que é doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), orientada pela Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

Você participará de uma entrevista psicológica, com duração aproximada de 60 minutos, que será realizada em uma sala da Associação Ferroviária de Esportes. Com este estudo pretende-se contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre a profissionalização do futebol envolvendo jovens brasileiros.

Esta pode gerar benefícios para os entrevistados, na medida em que permitirá que os jovens se apropriem de sua experiência vivida como atletas em formação, podendo inclusive, ressignificar essas vivências. Em outros termos, trata-se de uma entrevista que muito provavelmente gerará efeitos terapêuticos. Caso ocorra algum desconforto mínimo, você poderá contar com atendimento imediato da própria pesquisadora, que é psicóloga clínica, legalmente autorizada a exercer a profissão sob registro número 06/104339 no Conselho Regional de Psicologia (CRP).

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira. A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada na PUC-Campinas e, a outra, será fornecida a você. O material produzido ficará com as pesquisadoras para análise e os arquivos serão guardados por 5 anos, após o término da pesquisa.

Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. É livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer tempo. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade, prejuízo ou perda de benefícios.

Se você tiver dúvidas durante a realização da pesquisa ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a psicóloga Annie Rangel Kopanakis, através do telefone (16) 997671030 ou pelo e-mail: [annie\\_rk@hotmail.com](mailto:annie_rk@hotmail.com). Questões de ordem ética podem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, de 2ª a 6ª feira das 8h00 às 17h00, órgão este que aprovou esta pesquisa. Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida; Cidade de Campinas - SP - CEP: 13.087-571; telefone/fax: (19) 3343-6777; e-mail: [comitedeetica@puccampinas.edu.br](mailto:comitedeetica@puccampinas.edu.br).

Eu, \_\_\_\_\_,

declaro ter sido informado e, compreendido a natureza e o objetivo desta pesquisa, motivo pelo qual concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Nome: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_

Araraquara , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_

Assinatura da participante

\_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora



## Anexo C - Imagens

Arena da Fonte Luminosa e Sede da Ferroviária S/A. Fonte: Acervo da Ferroviária



Arena da Fonte. Fotografia: Humberto Boschiero



Sala de Atendimentos de Psicologia e Serviço Social. Fonte: Acervo Pessoal



Refeitório. Fotografia: Humberto Boschiero

